FAITH NO MORE • VIPER • BLACK CROWES • SOUNDGARDEN • LOU REED • ERASURE • BARÃO

BIZZ

5561 • AGOSTO, 1992 • ANO 08 • nº 08 • EDIÇÃO 85 • Cr$ 14.000,00

CONEXÃO BRASIL ESPECIAL
Quem nós contrataríamos se fôssemos uma gravadora

GRÁTIS!
suplemento com nossas melhores biografias
BOB MARLEY
PINK FLOYD
MUTANTES
HENDRIX
DOORS

U2
O MAIOR SHOW DA TERRA
diário de bordo da turnê americana

Garagem, tô fora!

FestVal da Rio de Janeiro, realizado no Imperator - Junho de 1992

Deixa a garagem pro carro. Teu negócio é palco.

Etapa São Paulo

/// **Categorias**
Música inédita e cover
/// **Inscrições**
Agosto
/// **Classificatórias/final**
Setembro/Outubro

Patrocínio

tabletes VALDA goma de mascar

FEST VALDA INTERCOLEGIAL DE MÚSICA

Venha torcer e participar. Valda é uma festa!

Não basta fazer um disco elogiado pela crítica e adorado pelo público, capaz de emplacar tanto nas discotecas quanto no aconchego do seu quarto. Não, para os irlandeses mais famosos do mundo ainda é necessário iniciar o que deve ser a maior turnê da história do rock. Já tínhamos publicado uma cobertura do show do U2 no *Ao Vivo*, quando a *Zoo TV Tour* passou por Los Angeles. Mas a coisa foi tomando uma proporção que exigia mais. Os leitores exigiam mais.

Então, aí está: o relato dos 45 dias que o repórter americano Jim Greer passou acompanhando Bono e cia. O texto que mereceu ser capa da revista *Spin* e que compramos (a peso de ouro!) para seu deleite está na pág. 31. Continuando o mapeamento completo dos grandes nomes de Seattle, não podia faltar um papo com o Soundgarden, o que Anamaria G. De Lemos conseguiu durante os shows que o grupo fez com Faith No More e Guns N' Roses na Europa. Leia na pág. 18.

Para quem diz que a coisa anda meio devagar aqui no Brasil, o cala-boca definitivo está nesta edição. Continuando o panorama iniciado na última BIZZ em *Rock Brasil 92*, destacamos aqui os nomes mais fortes da nova geração. Nossa conexão com o Brasil está cada vez mais estreita, como você pode checar na pág. 22.

E você continua ganhando de presente o especial *Best Of BIZZ*, desta vez com as melhores matérias históricas nos sete anos da revista. Quer mais? Só em setembro!

6 **SHOWBIZZ**
Continua o amor entre Bono e Axl

12 **FAST FORWARD**
Viper, Ed Motta, Fábrica Fagus

40 **JUKEBOX**
Trashmen e seu "Surfin' Bird"

42 **DANCE MUSIC**
De volta à *garage*

44 **AO VIVO**
Erasure, Lou Reed, Black Sabbath

49 **DISCOS**
Faith No More, B-52's, Black Crowes

54 **CD**
Pacotes da Sub Pop, Still, mais Elvis e Cream

60 **VIDEO**
Sessão nostalgia com os Stones

61 **PARADA**
Crise? Que crise?

62 **LETRA**
"Outshined", Soundgarden

64 **CARTAS**
Caramba, vocês gostam mesmo do Rush

66 **DISCOTECA BÁSICA**
Jerry Lee Lewis

A previsão para o vestibular deste ano é que sobrem vagas apenas nos cursos de paleontologia e esperanto.

É melhor você começar a ler o Estadão.

Todas as quintas-feiras o Estadão publica o suplemento Cola, um caderno voltado especificamente para o público jovem. Nele você encontra desde as últimas novidades em comportamento, até orientações básicas para quem está se preparando para o mercado de trabalho. E com uma abordagem que parte do seguinte princípio: jovem é quem tem menos idade, não menos QI. Uma abordagem, aliás, que você vai encontrar em todos os nossos demais cadernos e suplementos. É por isso que você, que já lê o Estadão, não precisa se preocupar com o vestibular. Até porque, se você não passar, pelo menos você já tem um bom papo para enrolar o seu pai.

PASSE NUMA BANCA OU ASSINE: 9 (011) 858-9000.

ESTADÃO
É muito mais jornal.

SHOWBIZZ

David Lynch/Warner

B-52's
DE CARA NOVA

Acredite se quiser: direto das montanhas geladas de *Twin Peaks* para a tour de verão do B-52's. Julee Cruise cantava o etéreo tema do seriado e virou moda instantânea na época da twinpeakmania. Agora ela foi convocada para substituir (pelo menos na próxima temporada) Cindy Wilson. Kate Pierson diz que sua nova parceira de agudos é "perfeita". Cruise discorda: "vou ter que usar peruca para encarar o palco com Kate". Mas está feliz da vida de passar os próximos oito meses na estrada na turnê *Good Stuff* com o B-52's: "é como se me convidassem para entrar para os Beatles. Ou pelo menos para fugir com o circo."

Lewis Zotes/Retna

Cadê o John Taylor?

DURAN DURAN NOVO...

...Só no ano que vem. Acontece que John Taylor sofreu um acidente de moto sério (calma, que agora ele passa muito bem) e o disco programado para sair este mês, *Four On The Floor*, ficou para 93.

Tom e EMF?

Valerie Phillips/Retna

Kim e Ozzy?

Kevin Mazur/LFI

ESTRANHOS NO NINHO

Parte 1 O dueto mais esquisito da história do rock. Está no novo single do grupo **Was (Not Was)**. "Shake Your Head" traz **Kim Basinger** cantando com **Ozzy Osbourne**! E a música é totalmente discoteca!

Parte 2 O segundo ou terceiro dueto mais esquisito da história etc. O superveteran dos 60 **Tom Jones** fez uma cover de "Unbelievable" acompanhado do **EMF** num programa de TV inglesa.

Parte 3 O show mais esquisito etc. Aconteceu em Manchester em junho, um protesto contra a política nuclear britânica com shows de **Kraftwerk**, **Public Enemy**, **Bad II** e **U2**! Os irlandeses entraram numa briga com as autoridades atômicas por causa da ampliação de uma usina em Sellafeld.

Lust Rock/Redferns

VEM MESMO?

Sua gravadora Sony garante: Michael Jackson incluiu o Brasil na turnê do disco *Dangerous*. MJ se apresentaria aqui em novembro. Outros shows na boataria de bastidores para este semestre: Cramps (ainda este mês), Jethro Tull, Pil, Pearl Jam, Ramones (só no Rio!), Alpha Blondy e Marillion.

LONDRES

Annie: a diva ao violão

FOTO

Annie Lennox deu um show surpresa no Subterania, onde interpretou acusticamente vários hits dos Eurythmics • O DJ Simon Bates, da Radio One, saiu de férias e novamente entregou seu programa a amigos especiais: **Diana Ross**, Joe Elliott do **Def Leppard**, **Olete Adams** e, na última semana, os **Pet Shop Boys**, que mostraram seu talento no ano passado com grandes seleções musicais e muita conversa • A festa do **Doce-Lite** num clube do sul de Londres teve como atração principal vários travestis... todos interpretando músicas do disco novo da banda • O show do **U2** em Earl's Court foi visto por várias celebridades: seu produtor Brian Eno, Wendy James, Happy Mondays, Pogues, Jean-Paul Gaultier, Chrissie Hynde e outras • Quem vier a Londres e se assustar com o número de pessoas usando uma camisa 10 da Seleção Brasileira, fique sabendo que é tudo uma trama da Polydor, que anda distribuindo os artigos para promover sua nova banda, **Pelé**! • O **Who** promete voltar mais uma vez para uma "turnê de despedida": segundo Roger Daltrey, só falta convencer Pete Townshend. Será que eles estão precisando de dinheiro? • A festa de aniversário de **Prince** na boate Tramp contou com a presença de Mick Jagger e Kylie Minogue. A tenista Monica Seles chegou e foi direto para a cozinha, assistir as semifinais do Campeonato Europeu de Futebol.

ANA MARIA G. DE LEMOS

BONO E AXL
PARTE 2

Continua a transa de pole entre os dois super-mega-astros. O Guns N'Roses agora deu para tocar ao vivo "One", do U2, e Axl está on the record dizendo "*Achtung Baby* mudou minha vida". Retribuindo o confete, Bono deu uma canja num show dos GN'R para duetar "Knocking On Heaven's Door" com Mr. Rose. A coisa vai longe...

Falando em Axl. Ao sair do xilindró nova-iorquino onde passou cerca de dez horas em julho, detido quando chegava de Paris por causa daquele velho quebra-pau de Saint Louis, a rosinha disse: "Os tiros de Nova York são o máximo, passei o tempo todo dando autógrafos e contando histórias de bastidores".

A mulher de Bono está tão encrencada que não desgruda do maridão

Adria Bonfiglio

SEATTLE NO CINEMA

Como dito no *Showbizz* de maio, o filme *Singles* se passa na cena de Seattle e tem Matt Dillon e Bridget Fonda. Agora mais informações: Matt faz o vocalista de uma banda chamada Citizen Dick; Eddie Vedder, Stone Gossard e Jeff Ament, do Pearl Jam, aparecem como integrantes do grupo. Eddie faz o baterista!

A trilha tem um monte de canções inéditas, inclusive duas do Pearl Jam, "State Of Love And Trust" e Breath". Tem também Alice In Chains, Chris Cornell do Soundgarden, Mudhoney, duas de Paul Westerberg (Replacements), Screaming Trees, Smashing Pumpkins, etc.

Alice in Chains: na trilha do filme sobre Seattle

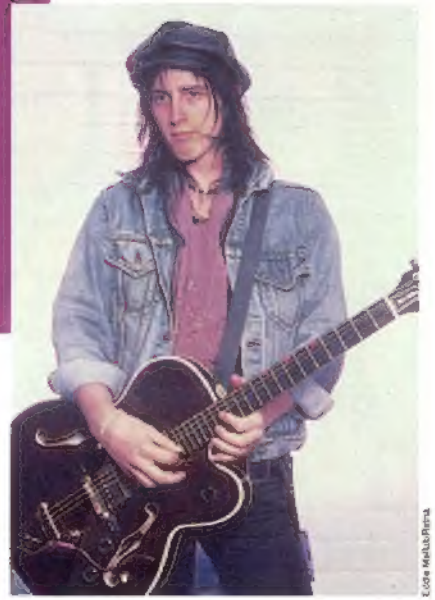
Ebet Roberts/Ex

Foi o que disse Cheryl Anne Thompson para os tiras. Mas esse rolo não vai dar em nada. A garota que está processando Billy é completamente maluca. Foi Cheryl quem começou em 91 os boatos de que Peter Criss, o baterista original do **Kiss**, seria hoje um mendigo bêbado (mentira: Peter está tranquilão aposentado na Califórnia). É só mais uma correndo atrás da grana.

Sista

ROSA SOLO

Izzy Stradlin, ex-Guns N' Roses, dando sinal de vida. Depois de um longo retiro em sua cidade natal em Indiana, o guitarrista começou a gravar um disco com sua nova banda, os Ju-Ju Hounds. O novo trabalho e uma turnê devem pintar em outubro. O disco, cujo nome não foi anunciado, tem participações especiais de Nicky Hopkins, pianista dos Rolling Stones; e Bun E Carlos, batera do Cheap Trick.


Eddie Malluk/Retna

FANÁTICOS SE DÃO BEM

Vida de fã tem suas surpresas. Antonio Navarro, um gaúcho fanático por **Alien Sex Fiend**, iniciou a três anos atrás uma correspondência periódica com seus ídolos, incluindo troca de vídeos e discos. Quando escutou no mês passado a música "Comatose – The Ultramix", incluída no single "Magic", caiu duro. A letra berrada por Nik Fiend é composta única e exclusivamente de seu sobrenome: Navarro.

Outra de fã. Um maníaco por **Iron Maiden** mudou legalmente seu nome para... Iron Maiden. "Convidei o cara para o lançamento do novo disco e ele não me pareceu louco nem estúpido", disse o baixista Steve Harris, que deve ser louco.

OUÇA ESSA

"Frank Sinatra é a única pessoa com mais de 70 com quem eu gostaria de dormir."
Richard Fairbrass, do RIGHT SAID FRED, na TV americana

"'Smells Like Teen Spirit' é o que estão chamando 'grunge'? Para mim é igualzinho o Police de dez anos atrás."
Lux Interior, do CRAMPS, espezinha o Nirvana

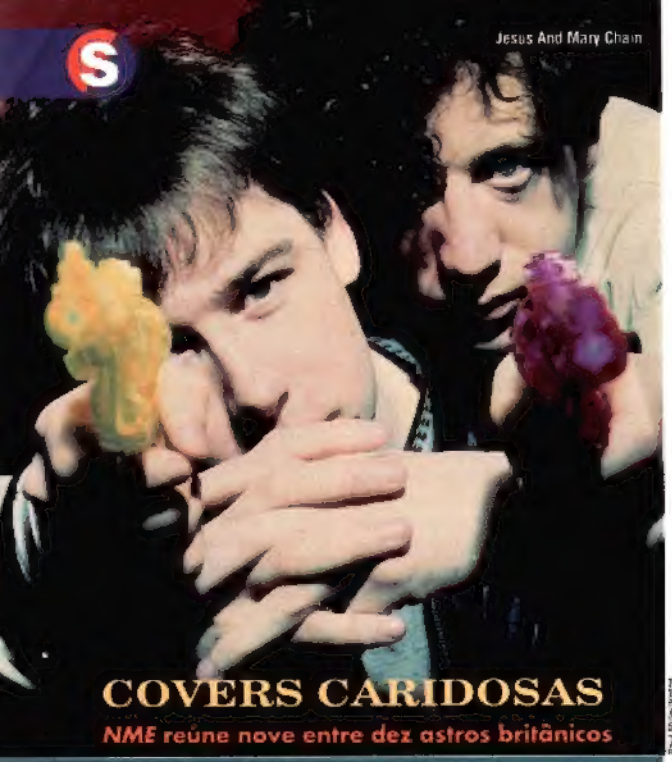
"Você pode sentar no seu quarto por meses a fio e chorar amargamente porque o telefone nunca toca."
Morrissey, o eterno sofredor

LOS ANGELES

Vem causando frustração as primeiras apresentações ao vivo do Porno For Pyros, a nova banda do ex-fundador do Jane's Addiction, **Perry Farrell**: o grupo não toca mais que 45 minutos. Numa apresentação recente, na periferia de Los Angeles, Farrell explicou para a platéia o motivo de seus concertos-relâmpago: "É que a gente tem muito poucas músicas, ainda". Ou seja, o que se tem visto é o que se convencionou chamar de work-in-progress, um trabalho que se desenvolve e toma corpo na frente do público. Mas quando é que ficará pronto, Perry? • Mais uma cadeia de lojas de discos nos Estados Unidos, a Spec's, se recusa a vender *Body Count*, o álbum do grupo homônimo liderado por **Ice-T** cuja faixa "Cop Killer" detonou uma controvérsia (até o Bush se manifestou). Mais: o final do clip de "Body Count", constante da trilha do filme *Universal Soldiers*, foi cortado para exibição na MTV. Na montagem original, Ice-T chamava dois policiais para a briga, dizendo que eles teriam que se entender com dois amigos seus – Jean-Claude Van Damme e Dolph Lundgren, os astros do filme. Na versão que atualmente está indo ao ar na MTV, o clipe termina quando os dois policiais aparecem, caminhando em direção à câmera e... *fade to black!* • **David Bowie** começa a dar a volta por cima. Ele voltou a trabalhar com **Nile Rodgers**, do Chic, que produziu seu *Let's Dance*, e o novo single da parceria imperdível: "Real Cool World", da trilha sonora do novo filme de Kim Basinger, *Cool World*...

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

Ele apavora Van Damme!



Paul Rider/NME

COVERS CARIDOSAS

NME reúne nove entre dez astros britânicos

O semanário inglês está fazendo quarenta anos e convocou gente como Teenage Fanclub, Sinead O'Connor, David Bowie, Jesus And Mary Chain, Jesus Jones e outras nomes tão votados quanto para fazerem covers de qualquer música que já tenha chegado ao topo da parada da Inglaterra (que também está fazendo quarenta anos). Exemplo: o tema do faroeste de Sergio Leone, *Três Homens Em Conflito*, foi ressuscitado por Johnny Marr (ex-Smiths) e Billy Duffy (do Cult). A grana toda vai para a caridade. Os dois discos lançados antes pelo *New Musical Express* foram *Sgt. Pepper Knew My Father* e *The Last Temptation Of Elvis*. Juntos, renderam quase 1,5 milhão de dólares para pobres, idosos, aidéticos etc.

DIVÓRCIO DE NOVO

Keith Richards de novo reunido com seus X-Pensive Winos para a gravação do segundo disco solo. O primeiro, *Talk Is Cheap*, era bem melhor que o quase simultâneo dos Stones, *Steel Wheels*. Enquanto isso, **Mick Jagger** – que acaba de ganhar uma neta, sua filha Jade é a culpada – já começou a gravar mais um disco, mais uma vez com produção de Bill Laswell.

GELÉIA BRASILEIRA

Que **Jello Biafra** esteve no Brasil para o lançamento do livro do André Barcinski, *Barulho*, todo mundo sabe. Todos os jornais-tevês-rádios deram. O que pouca gente ficou sabendo:

- Jello quase morreu afogado em Copacabana;
- Ele se encontrou com o governador californiano Jerry Brown durante a Eco 92 e pediu desculpas por tê-lo chamado de "fascista zen" no clássico dos Dead Kennedys, "California Uber Alles";
- No Rio, Jello se hospedou na casa de **Renato Russo** (Sério. Não dá para inventar um troço desses);
- Acabou dando canja num show do **Mano Negra** cantando várias pérolas punk, inclusive "I Fought The Law" (Clash) e "Pretty Vacant" (Sex Pistols).

QUEBRA-PAU INICIAL

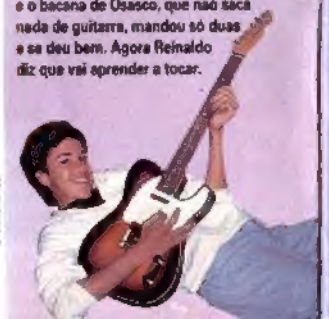
Rio Mendes Azul

Em meio aos mais de cinquenta shows já realizados da turnê de lançamento de *Eletricidade*, o Capital Inicial precisou fazer uso dos músculos (!?!) recém adquiridos do vocalista **Dinho**.

Em Paraíba Do Sul, interior do Rio De Janeiro, os caras arrumaram uma treta com os seguranças locais que não queriam deixar a empresária da banda subir no palco durante o show. O resultado foi uma pancadaria generalizada entre os músicos e os gorilões em pleno palco — na frente de umas vinte mil pessoas — que rendeu um bom exercício físico para a banda, uma camisa rasgada para o baterista **Fê Lemos** e só acabou depois da intervenção da polícia. A rapaziada tinha acabado de tocar "Veraneio Vascaína" e estava no meio de "Psicopata". Coisa bonita!

GANHOU GUITARRA!

Reinaldo Da Silva Araújo foi o rabudo vencedor de uma promoção da 89 FM de São Paulo em parceria com a BIZZ. Ele ganhou a guitarra do Mike McReady, do Pearl Jam. Foram 56 mil cartas enviadas e o bacana de Osasco, que não saca nada de guitarra, mandou só duas e se deu bem. Agora Reinaldo diz que vai aprender a tocar.



Samanta Aziz

100%
RATOS DE PORÃO...
R.D.P. VIVO
100% R.D.P. VIVO. SÃO 10 ANOS DE CARREIRA PASSADOS A LIMPO E AO VIVO DA BANDA MAIS SUJA E AGRESSIVA QUE O BRASIL JÁ PARIU. À VENDA EM LP. SEIS PORRADAS A MAIS E UMA SURPRESA "DUCA" NO CD. APROVEITE!
Grito Voador
ELDORADO

FAST FORWARD

Foto: Marcelo Azul

VIPER
invadindo o Japão

Eleito revelação de 91 no país mais endinheirado do mundo, o quarteto agora lança seu terceiro disco em três continentes

ハイペル

日本

Os caras barbarizaram no Japão. Seu disco *Theater Of Fate* foi escolhido como nono melhor de 91 (acima de Slayer e Sepultural. A banda foi considerada revelação do ano (à frente do Nirvana) e 49.º melhor grupo da história. Tudo numa eleição direta, pelos leitores da revista nipônica *Burn*. Rock brasileiro para japonês ouvir? Ou o começo de uma nova febre metálica *made in Brazil*?

O terceiro disco do Viper sai em 28 de setembro aqui, na Europa e no Japão. *Evolution* foi gravado e mixado na Alemanha. Fruto do sucesso de *Theater Of Fate*, disco anterior do grupo, que vendeu cerca de 40 mil CDs na Ásia. A coisa rolou tão bem que os gringos acabaram lançando o primeiro LP, *Soldiers Of Sunrise*, que antes julgavam mal produzido.

"Se o disco não tivesse uma repercussão legal lá fora, a gente gravaria aqui de novo, com um produtor estrangeiro", reconhece o guitarrista Felipe Machado. A gravadora japonesa JVC e a alemã MCM racharam a empreitada.

Na nova empreitada a banda se deu bem. A relação com o produtor Charlie Baverfiend (Heavens Gate, Pixies) foi mais fácil do que com Roy Rowland, que teria limpado demais o som do *Theatre*. "Vendemos mais do que o Heavens Gate no Japão. Então, ele sabia que a gente tinha potencial", diz Felipe. A banda pediu ao produtor: "Queremos mais peso, um pouco mais de bateria na cara".

Yves define o resultado: "Rock rápido e pesado, que é o que está rolando". Nada de teclados. De música clássica, só um arranjo de violino numa das versões da balada "The Spreading Soul", que pode ser usada como faixa extra do CD. Quem viu os últimos shows do Viper já conhece as novas "The Shelter", "Evolution", "Rebel Maniac" — que deve ser o próximo clip — e a versão arrasa-quarteirão de "We Will Rock You", do Queen.

Evolution também não é um disco conceitual. Cada letra é sobre um assunto do cotidiano. "Coming From The Inside", fala sobre racismo. Ficou com a maior gana, segundo Felipe, porque foi gravada enquanto as TVs mostravam aquele quebra-pau em Los Angeles.

Depois das gravações, o Viper fez oito shows na Alemanha e sete na Hungria. A MCM bancou a tour alemã, com empresário, roadies e um ônibus com nove camas, banheiro, geladeira e videocassete. "Era filme de sacanagem o dia inteiro", segreda Felipe. "Ter um tour bus na primeira turnê é foda! Você não faz nada além de tocar. O roadie desmonta tudo." A banda ensaiou exatamente com os equipamentos do palco. "Isto não existe no Brasil."

O Viper foi o headliner da excursão, em clubes de rock que cabem de trezentas a quinhentas pessoas. *Theatre* tinha acabado de sair em sete mil CDs e três mil LPs. Muita gente conferiu a panacadaria brasileira.

Na Hungria, o Viper era menos conhecido e *Theatre* só saiu depois da turnê, pelo selo Hungaroton, mas fez o público vibrar até debaixo de chuva, abrindo os shows de um popular grupo local. Um furgão levava a banda do hotel, em Budapeste, para os shows — lugares para mil pessoas quase lotados. O último show foi ao ar livre, para quatro mil, na capital. "Se os caras gostam da música, começam a agitar. Não querem nem saber se conhecem a banda ou não", diz Felipe. Yves nota: "O heavy metal está crescendo lá".

Outubro está reservado para os shows de lançamento de *Evolution* no Brasil. Em novembro, pode rolar uma tour maior pela Europa. "Se marcarem vamos de lá para o Japão", planeja Yves. "Nós poderíamos até ter feito uma turnê pequena com o *Theatre*, mas o empresário quer que a gente faça a turnê para divulgar o *Evolution*", explica Felipe.

E os Estados Unidos? *Evolution* tem chance de ser lançado lá. "Um empresário norte-americano assistiu ao show em Budapeste, gostou e contatou Limp (empresário alemão que "descobriu" o grupo). O Sepultura é muito maior na Europa do que nos Estados Unidos. São mercados diferentes. Têm que ser conquistados aos poucos", diz Felipe.

JOÃO RICARDO LIMA

METAL HARD THRASH

O Aerosmith doou dez mil dólares para uma galeria de arte de Boston. Tudo porque a verba pública destinada à exposição "Corporal Politics" foi retirada sob o argumento de ela apresentar membros humanos decepados • Está sendo lançado lá fora um vídeo inédito de Jimi Hendrix, gravado ao vivo no Atlanta Pop Festival • O troféu palhaço do mês vai para o industrial metálico Pitch Shifter; os bacanas mandam o empresário dar as entrevistas. Coisa linda! • Industrial por industrial fiquem com Skrew, que estréia com o álbum *Burnning In Water, Drowing In Flame*. Já vem com garantia de fábrica e com participação especial do pessoal do e do Revolting Cocks. • Boa notícia: os precursores do funk metal Mother's Finest vêm com o LP apropriadamente intitulado *Black Radios Won't Play This Record* • Ozzy Osbourne está gravando os shows da *No More Tour* para um possível disco ao vivo que incluirá ainda algumas faixas inéditas de estúdio • Mais um endereço para mandar demos para a revista britânica *Kerrang!*. Escreva para a seção DEMO SEED: EMAP Metro Ltd., 52-55 Carnaby Street, London, W1V 1PF • Falando em revista, a veterana hardcore da Califórnia *Maximum Rock'n'roll* aceita demos e reportagens sobre cenas locais (feitas em inglês, né?). Se o seu lance é o podrão. Escreva: MAXIMUM ROCK'N'ROLL P.O. BOX 460760, San Francisco, CA 94146-0760, USA. *EVIL OTTO*

Como usar tecnologia pré-historica para fazer um disco anti-comercial

Ed Motta contra a corrente

Entre E Ouça é bem diferente dos anteriores de Ed Motta — solo e com o Conexão Japeri. É um disco para ser ouvido muitas vezes, que cresce a cada nova experiência. As referências e os detalhes passam pelo soul e funk dos anos 60 e 70, o pop sofisticado da dupla Steely Dan ou o jazz. O resultado é sempre interessante, com momentos brilhantes, mas nada radiofônico ou comercial. Ed é taxativo: "Se for para fazer música comercial, eu prefiro sobreviver fazendo comercial mesmo"

E é isto que em parte vem ajudando a sustentar o talentoso e glutão músico e sua mulher, a artista gráfica Edna. Quem, por exemplo, achou fenomenal a poderosa e swingada voz no comercial do Camperi fique sabendo que era ele mesmo.

O resultado financeiro de *Um Contrato Com Deus* não foi nada animador para Ed e sua gravadora, a Warner. E, para culminar, com o lançamento na época do tiro pela culatra do Plano Collor, os planos de excursionar o Brasil com uma big band foram torpedeados pela recessão. Mesmo assim os poucos shows confirmaram que aquele garoto tinha muito o que mostrar

De olho na caixa registradora, a Warner não entendeu do mesmo forma. Daí a dolorosa gestação deste *Entre E Ouça*. A gravadora não conseguiu engolir e sugeriu então que Ed cantasse coisas mais acessíveis de outros compositores e fosse produzido por alguém de fora. Ele bateu pé e não arredou um milímetro. O clima continuou tenso, e com o disco pronto — sem nenhuma interferência dos homens da Warner — nova decepção. Lançamento adiado, travação geral etc., etc.. Ed defende sua obra: "O que acontece e que foge do obvio, não é linear. Enquanto tudo aqui você já sabe quando começa e quando vai acabar, é tudo previsível, nada chora. É uma coisa popularesca, pra todo mundo cantar junto. Eu detesto que cantem junto comigo, por isso que no show canto tudo diferente. Acho que música é para ser observada como um quadro, um filme. Eu não vou a um filme e fico falando junto, atuando com o ator".

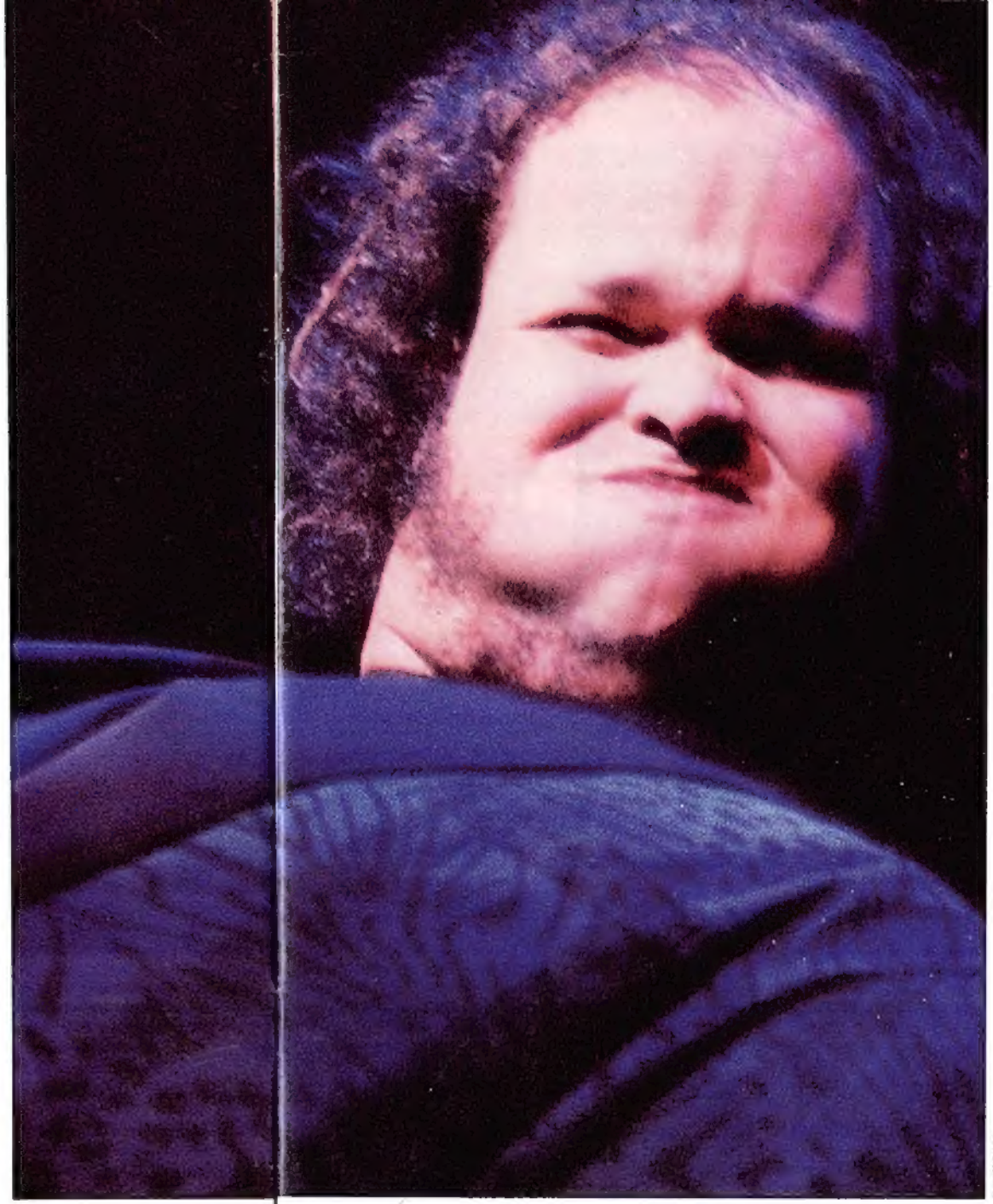
O disco tem muita coisa de diferente em relação aos anteriores. Ed faz todas as vozes e a guitarra base. Seu fiel parceiro, Bombom, além de superbaixista, se revela um guitarrista inventivo. Passando ao largo da tecnologia digital, eles fizeram questão de gravar tudo em padrões de pelo menos duas décadas atrás. Daí abusarem de aparelhagem valvulada, mastodônticos amplificadores, pré-históricos Arp String, clavinete, sintetizador Moog, Wah-wah e e demais pedaleiras de efeitos. O resultado é bem anos 70 e ao mesmo tempo inovador.

Gosta-se ou não do que Ed faz, ele possui duas coisas cada vez mais raras aqui na Brasuca: integridade e sinceridade. "Hoje eu renego o que eu fiz, mas acho que teve qualidade para minha cabeça. As músicas do meu primeiro disco fiz entre os 13 e os 15 anos. Não estou dizendo que um cara de 15 anos não possa pensar. Aquilo era verdadeiro, era o que eu queria, o meu momento. Posso morrer tranqüilo, nunca segui o que a gravadora disse, o que a imprensa disse, o que a família disse. Saí do colégio com 13 anos e fui estudar música. Sempre ouvi. Nove horas da manhã pegava o metrô, ia pro centro da cidade e ficava ouvindo disco com headphone, conhecendo as bandas, sacando o som. Isto também conta. No Brasil não se faz música inteligente porque as pessoas não têm cultura. Não basta ser um puta músico, cantar e tocar pra caralho se você não ouvir nada. Qualquer cara com um violãozinho e um agogô vai para a Europa e diz que é música do Brasil, é exótico. Eu posso sofrer uma espécie de barreira junto a estas pessoas aqui e lá fora, como a Banda Black Rio enfrentou, o Cassiano, o Luiz Melodia... porque não nos sujeitamos a esta pobreza. Eles vão levar é o cara que vai tocar agogô com violão de nylon e falar: 'sungô, olelê, lulá, buzinga de buzunga'..."

Dons naturais não faltam. A voz poderosa e uma habilidade para brincar nas onze posições no seu estúdio caseiro, com demos melhores que 99% das "sofisticadas" produções contemporâneas. "Eu tenho uma piração de nunca repetir. Mas no mundo inteiro neguinho pega uma fórmula e vai. O Barry White, por exemplo, todo o disco tem aquelas baladas e o papo ao pé do ouvido (*imita com voz grave*). Cansado, é uma pessoa simplória, sem informação. Para dizer tudo o que estou dizendo, tirando essa onda toda, eu só poderia ser um garoto de classe média. Tinha dinheiro para comprar disquinho, comidinha, pagava um coleginho burguês, enfim, tive acesso à cultura e soube aproveitar. Porque o brasileiro burguês se acomoda, se acha o máximo com o pouco que recebe.

É o que acontece com o rock brasileiro, que é uma coisa completamente burguesa, uma rebeldia de playground. O mesmo rola na MPB. Dizem que é um país muito musical, mas o Brasil teve poucuríssimas coisas boas em termos de música. É só uma coisa de museu, exótica. Como quando o cara chega no Havaí e encontra aquela banda no aeroporto. Cultura de água-de-coco, cultura funda. A música brasileira representa a situação financeira de um país pobre. E não gosto desta coisa folclórica, regional, para antropólogo ver. Música regional que eu gosto é rhythm and blues.

ANTÔNIO CARLOS MIGUEL



ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

Mais relançamentos em CD de obras dos **MUTANTES**, com duas páginas importantes do rock brasileiro: o inédito **OAEOZ** (74) e o solo de **RITA LEE, Build-Up** (70). *C.P.*

Quando a ilha britânica é abarrotada por gente que adora admirar o dedão do pé, é aliviante saber de bandas como o **BLUR**. Em **Leisure**, os garotos arrancam boas canções pop de semi-*noise guitars* sem deixar de chacoalhar as suas franjas. *J.J.E.S.*

Stevie Ray Vaughan morreu, mas seus bons amigos do Double Trouble — Tommy Shannon (baixo) e Chris Layton (bateria) — estão bem vivos com a banda **Arc Angels**, junto dos guitarristas Charlie Sexton e Doug Brimhall II. O álbum de estréia homônimo dos texanos é mais rock do que blues. *R.C.*

Aproveite o relançamento da trilha de **Easy Rider** para viajar. São quase só clássicos: "Born To Be Wild" e "The Pusher" do **STEPPENWOLF**, "If Six Was Nine" de **JIMI HENDRIX**, a inacreditável "Don't Bogart Me" do **FRATERNITY OF MAN** e muito mais. Discoteca básica. *A.F.*

Foto Marcos Aluf

saída estratégica

Se ninguém lança o seu disco, lance você

O nome Fábrica Fagus surgiu nos livros e revistas. Era uma obra de um irrequieto da escola Bauhaus, soava bem, e só mais tarde os meninos do Fábrica se dariam conta das muitas coincidências entre as transgressões dos artistas de lá e a experiência deles mesmos.

Já são seis anos de Fábrica. E parece que foi ontem... O Naro, do Ira!, se impressionou com uma banda de garotos que então se apresentava no Ácido Plástico, muquifo lá no Carandiru, em São Paulo. Era James Brown + Jimi Hendrix + Bob Marley.

Agora, centenas de shows mais tarde, Márcio Werneck (guitarra/vocal), Marcos Kuru (baixo), Will Robson (vocal), Renato Piccinin (vocal), Fabinho Scattone — agora Érico Theobaldo (bsteria) — estão em disco. Bons demais pra qualquer gravadora: saída estratégica pela direita, independente. Eles reinventaram o "vale-disco" (tentado nos anos 70), quer dizer, venderam mais de cem LPs por antecipação. Só na fé! A renda pagou a prensagem.

E O Circo Pega Fogo está na rua, atrasado mas bem-vindo, pelo selo Mameluco, com produção de André Abujamra (aquele do Mulheres Negras), "muito groove, muito sampler, muito timbre". Estão pós-graduados em independência. Afirmam: "Para ser independente, tem de ser superindependente". A fé no Brasil não vai muito além de Jorge Benjor e Olodum: "Aqui é tudo o maior embaço, se você não fizer, ninguém faz. E se fizer, atrasa na entrega".

Nos planos, mais um disco ano que vem, talvez um single e agora, mais do que nunca, esperteza pra conseguir distribuir o LP por aí. Não espere, corra atrás! ... *E O Circo Pega Fogo* é uma obra-prima.

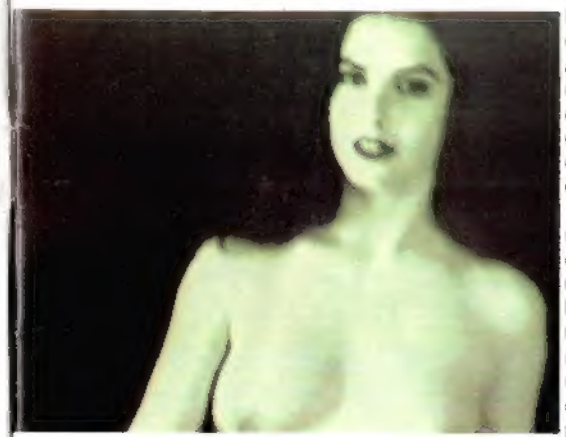
OTAVIO RODRIGUES

TAPAS & BEIJOS

Estou na segunda semana de julho, um mês antes de vocês. Quem é o presidente da República? • Ficou provado algo contra o Collor no final da CPI? Se ficou, o lugar do homem é em cana. Mas, como diz o Alborghetti, sambo de bunda pelado se algum desses caras for para a cadeia • Agora vê se esse raciocínio faz sentido: a) logo estaremos elegendo prefeitos e vereadores em todo o país; b) a maioria da população brasileira é jovem; c) portanto, em pouco tempo estaremos com prefeitos e vereadores decentes, que se importam com o que acontece com a juventude do país • Cadê a falha nessa lógica? Em você. Apesar de todos os desastres políticos recentes, a moçada continua votando por impulso, e não por convicção. As pessoas nem se dão ao trabalho de se informar sobre os candidatos, e depois reclamam. Você sabe em quem vai votar? Sabe o que os candidatos da sua cidade pensam das drogas, do aborto, da educação, da criação de empregos — de tudo o que te afeta? Se sabe, parabéns. Se não, comece a se informar já. Ou então vá se preparando para amargar mais gente de que você não gosta mandando em você. E sem direito de reclamar • Outra opção é ignorar o processo todo e simplesmente anular seu voto. Até que não é uma alternativa ruim, certamente é melhor que votar errado • Como dizia o outro nos anos 60, "é hora agora: pense ou morra"

ANDRÉ FORASTIERI

barão nu e cru



Globo engripa com clip "erótico"

"Não acho que o corpo de uma mulher agrida tanto", diz Frejat. Mas a direção da Globo não pensa da mesma maneira e vetou a exibição do videoclip de "Pedra, Flor E Espinho", do Barão Vermelho, no *Fantástico*.

O videoclip, dirigido pelo cineasta Murilo Salles ("Nunca Fomos Tão Felizes"), mostra cenas de nu frontal da modelo Andréa Guerra, de 21 anos. A lógica era chamar atenção para o novo disco da banda, *Supermercados da Vida* (que está na seção *Discos* desta edição). Afinal, se mulher pelada funciona para Prince, também funciona para o Barão.

"A nudez aparece com bom gosto, não é baixaria", é o velho argumento do líder do Barão. Infelizmente ele tem razão: o que poderia ser uma boa baixaria resultou em algo sofisticado tipo filme de arte. As aberturas das novelas das oito frequentemente têm mais baixaria. O videoclip está sendo exibido normalmente na MTV, e já passou na TV Manchete e SBT. *R.C.*

AVIDA É CHEIA DE ESPINHAS QUANDO SE TEM 15 ANOS.

A adolescência é uma idade de contrastes: se a cabeça sempre tem lugar para mais uma idéia, no rosto não cabe nem mais uma espinha. Por isso, o Boticário criou Green Boys, um gel natural que deixa sua pele macia, bem cuidada. Ele foi feito para você que, além de espinhas, tem vergonha na cara.

O Boticário

ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR
TEL.: (041) 800-5011 LIGAÇÃO GRATUITA

O PESO DO SUCESSO

1992 vai ser lembrado como
o ano em que o mundo se viu invadido
por jovens de cabelos compridos,
camisas xadrez e guitarras altíssimas.
Um dia eles estavam tocando
num barzinho para meia-dúzia de amigos.
De repente, estavam abrindo shows
para o Guns N'Roses em estádios
lotados – caso do mais novo grupo de
Seattle a tomar as paradas

Poucos lugares no mundo ocidental ficaram imunes aos acordes e sensibilidades de bandas como o Pearl Jam, Nirvana e, agora, Soundgarden — cada vez mais conhecido com hits como "Rusty Cage", "Jesus Christ Pose" e "Outshined". Nasceu, senão um tipo novo de música, uma nova atitude: honestidade, inteligência, não-racismo, não-sexismo, tudo misturado com muito *grunge*.

As causas do fenômeno? Talvez uma olhada em sua terra natal, Seattle, ajude: localizada em Washington — o estado, não a cidade de Washington DC, que fica do outro lado do país —, a "Cidade Esmeralda" é famosa por suas maçãs, seus frutos do mar, seus montes e lagos e por ser talvez a única do mundo cujo aeroporto contém uma sala de meditação! Em Seattle você pode fazer um passeio ao monte Saint Helen — que entrou em erupção em 1980 — ou visitar o túmulo do grande Bruce Lee, ou quem sabe até visitar a fábrica de Boeings.

"É uma cidade pequena e bonita", explica Ben Sheperd, o novo baixista do Soundgarden. "O negócio é que há tantos clubes e bares para as bandas tocarem. Isso ajudou demais a 'cena' de Seattle. Havia bandas tocando todas as noites... para seus amigos, que também tocavam em bandas. Outra coisa: Seattle sempre foi o tipo de cidade onde a música mais leve nunca se deu bem. Foram sempre guitarras. A garotada não curte Lionel Ritchie ou New Kids On The Block. Todas essas bandas que saíram de Seattle foram pessoas que ouviram punk e pensaram 'Uau, eu também posso tocar assim!' Eis a semelhança entre elas."

Da cena de hoje, Ben tem pouco a dizer: "Tudo está diferente: tem gente que acha que é só ir pra Seattle e formar uma banda, que logo vai conseguir um contrato com alguma grande gravadora. As bandas que fizeram o nome da cidade estão todas ocupadas fazendo turnês internacionais e nem tocam mais aí." É o caso do Soundgarden, que se encontra viajando pela Europa com o Faith No More e o Guns N'Roses: "Acho que o pessoal tem gostado dos shows. So que quando chega na hora do Guns, eles provavelmente já se esqueceram de nós!"

É possível uma banda começar como apenas mais uma no cenário independente e chegar, quatro anos depois, ao estrelato sem jamais abrir mão de seus princípios? O vocalista Chris Cornell, o guitarrista Kim Thayil e o baterista Matt Cameron — Ben entrou mais tarde — dirão que sim: desde os EPs *Screaming Life* e *Fopp* (de 88, pela SubPop, o berço da cena de Seattle), o Soundgarden vem fazendo aquilo que gosta: guitar-music pura e honesta.

O LP *Ultramega OK* ainda saiu pela independente SST, e em 89 saiu *Louder Than Love*, o primeiro pela "major" A&M. Mas a banda continua a mesma. Ben, por exemplo, não pensa duas vezes antes de dizer que gostaria de tocar no Brasil, onde o público parece ter uma mente bem aberta para o rock, mas "...isso significaria mais tempo ainda longe de casa. Detesto turnês! Quando estou em casa toco muito mais. Fazer turnês é uma coisa totalmente dispensável na minha vida."

Foi o LP *Badmotorfinger*, lançado no ano passado, que catapultou o Soundgarden para a estratosfera — ou quase. O Nirvana já havia chegado lá antes. A A&M, em seus press-releases sobre a banda, parece achar que o sucesso está no apelo *crossover* do som do grupo, sua capacidade de transcender gêneros e segmentos de mercado.

"Besteira!", exclama Ben. "Crossover é com o Metallica, por exemplo, que atrai metaleiros mas também um pessoal com o espírito mais punk. Sabe qual é a razão do nosso sucesso? As pessoas gostam do que tocamos! O ponto forte deste grupo é o fato de gostarmos do que fazemos e não abrimos mão disso." Aos fãs que, com esse sucesso, se sentiram "traídos" e partiram para alguém mais obscuro, Ben diz que "não precisamos de fãs assim. Isso é gente que gosta de moda, não de música".

Uma coisa é inegável: apesar de grandes músicas no "passado", como "Circle Of Power" (*Ultramega OK*) ou "Big Dumb Sex" (*Louder Than Love*), *Badmotorfinger* representa um passo à frente: as músicas ficaram mais bem estruturadas, a voz magnífica de Cornell se casa ainda melhor com os acordes da guitarra de Thayil e o som... "Evoluiu horrores!", diz Ben. "Antes não sabíamos o que estávamos fazendo no estúdio. Em alguns casos, não havíamos tido tempo de desenvolver algumas idéias direito. Tivemos que trabalhar bastante até encontrarmos o 'nosso' som."

Você quer testar a paciência de Ben, um cara normalmente calmo e quieto? É só mencionar de leve e em conjunto as palavras "tradição", "Led Zeppelin", "herdeiros"... "Não, não, não! Nunca pensamos nisso! Sinto que as pessoas querem nos empurrar nessa direção, nessa coisa do... metal! E aí elas acham estranho que sejamos totalmente diferentes dessas outras bandas. Por que eles supõem que sejamos 'metal'? Não sei! Nós tocamos guitarras... e alguns de nós têm cabelos compridos. E daí? Led Zeppelin e Black Sabbath? Somos de outro período, totalmente diferente."

E seus colegas de turnê, Guns N'Roses: são realmente a banda mais "perigosa" do mundo? "Ha, ha, ha! Nada no rock é rebelde nem subversivo. Tudo ficou muito seguro. Nada mais choca. O problema é que a garotada parece acreditar ainda nisso. Você já viu quantos discos eles vendem?"

"Na Inglaterra a imprensa analisa tudo, frase por frase" comenta o baixista quando o assunto passa a ser letras. "Eles procuram algo de grande numa banda pequena. Já nos Estados Unidos as pessoas não ligam tanto. Eu nunca presto atenção nas letras! Prefiro ler um livro!"

Dentro de algumas horas Ben e seus colegas estarão enfrentando milhares de fãs do Guns N'Roses em Turim, Itália, com seus lenços na cabeça, camisetas pretas e cervejas na mão. É hora de perguntar: será que a música muda alguma coisa na vida de alguém? "Bem, já ouvi falar disso... mas nunca vi provas. Ha, ha, ha!"

ANAMARIA G. DE LEMOS

"Se algum antigo fã se sentiu traído com o nosso sucesso é porque não gosta de música, gosta é de seguir as modas"

Semifamosos ou ilustres desconhecidos, aqui estão alguns nomes que têm tudo para dominar a cena musical nos próximos meses

SANGUE NOVO

SO WHAT

LOIRA NADA GELADA

A vocalista da banda So What fica cheia de dedos para falar das propostas de gravadoras. "Acho melhor nem falar pra não melar." O grupo existe há um ano e faz um hard agitado, especialmente para quem, como Rosana, passou seis anos nos Estados Unidos cantando bossa nova.

O grupo já existia antes de Rosana entrar. Ainda não se chamava So What e da formação original só resta o guitarrista Indio Joe. Mas os novos integrantes (Tommy no baixo e Bum Bum nos tambores) não provocam nenhuma saudade dos antigos. À frente desse macharedo todo, Rosana bota a garganta para ferver .

Enquanto mantém em segredo os planos de disco, a banda continua a desfiar seu hard rock com influências de AC/DC e Led Zeppelin nos palcos de São Paulo. Eles acabaram de gravar imagens para o clip de "It's Not My Fault", que fala de motos, drogas e coisas a ver com as idéias autenticamente rock defendidas pela banda. Em breve na MTV. *JIMI JOE*

PORRADA CRUA

Revelação entre as bandas que debutaram no extinto Dynamo, em São Paulo,o quarteto descolou a gravação do disco de estréia, *Attitude*, pela Rock Brigade

Fúria e energia não faltam nos shows. Os guitarristas são macacos de auditório do Megadeth Markus Kleine, então, é "o" virtuoso. O batera Rubens Santos é um matador, digno discípulo do slayer Dave Lombardo *Attitude* não traz thrash ao pé da letra. É muito pesado, quase sempre rápido e melodioso. Um meio termo entre Sepultura e Viper, com influências de Suicidal Tendencies

Enquanto não dá para seguir os passos desses dois grupos no mercado internacional, a meta é formar um exército de fãs Brasil afora A cada show, é um punhado de crentes a mais. *JOÃO RICARDO LIMA*

BANDA BEL

FEIJOADA SONORA

Sim, existem bandas cariocas de rock legais. Bel é uma delas. Tem swing autêntico e um toque de samba despojado e irresponável, mas é rock genuíno, brasileiro, para os 90.

A carreira do grupo começou bem com uma participação no Festival Internacional de Bandas Universitárias, no Japão. Encheram o bar S. O. B. (Sounds of Brazil) em Nova York durante três semanas e abriram shows para Jorge Benjor. A prova em vinil de onde mergulha o rock brasileiro, o LP *Rei Do Rio*, tem ajuda de Antoine Midani e do paralama Bi Ribeiro e está com previsão de lançamento para os próximos meses pelo selo Tinitus

Montada uns quatro anos atrás por garotos que queriam tocar um som tipo black, com elementos funk, reggae, samba e heavy a Banda Bel é a síntese do que rola nas terras tropicais. "No Rio, a mesma galera que vai no baile funk sexta, vai no ensaio da Escola de Samba sábado. A mesma galera que ouve Bezerra da Silva, ouve Michael Jackson", explica Leonardo. Cartola com Jimi Hendrix. Zona Norte encontra Zona Sul. É rock do morro. As letras falam de surf ferroviário, assassinatos de crianças por PMs e desejo. Visceral e aeróbico.

JOÃO MONTANHA

beijo AA força

BRASIL BÁRBARO

Depois de oito anos de carreira os caras ameaçam chegar ao primeiro disco. Pelo menos a fita já está pronta e as negociações com gravadoras encaminhadas. Nesse meio tempo o Beijo AA Força percorreu um caminho que os levou do punk básico a uma mistura definitiva de música brasileira, dance e o mais cru rock n roll que já rola na MTV com o clip de "Primeira Aula De Cartografia Aplicada".

O ponto forte da banda curitibana são as letras ferrenhas, arrebanhadas entre poetas locais. "Desperdiçar o precioso semen numa greta debilita o esbanjador e vitamina a luxuria", cantam Luiz Ferreira e Rodrigo Barros, mentores do BAAF, em "Espermadulario".

Para rechear de música as barbaries literárias registradas na fita, eles contaram com mais do que uma mão de músicos paulistas e cariocas. André Abujamra (ex-Mulheres Negras), Theo Werneck e Fernando Figueiredo (ex-Lulu), Edson X (Gueto), Rolando Jr. (Patrulha Do Espaço) e Selvagem Big Abreu e Bob Gulo (Joao Penca E Os Miquinhos Amestrados) são alguns dos que entraram nessa. A miscigenação de personalidades pode ser caótica, mas é coerente com a firmeza da banda em não confundir estilo com "uma fidelidade debiloide e canina por um outro ritmo".

Espere e confira o que isto quer dizer.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

DANIELA MERCURY

PIMENTA BAIANA

O que Margareth Menezes fez para o samba reggae, Daniela Mercury pretende fazer com "samba duro": levar do Bahia para o mundo.

O samba-reggae mais acelerado (samba do recôncavo, como dizem na Bahia), forte nos blocos, movimenta os pés e vende discos. O primeiro LP, Daniela Mercury (Eldorado), vendeu 78.000 no país inteiro — metade só na Bahia. O segundo, ainda sem nome, produzido por Liminha, sai pela Sony Music em setembro.

Novo carro chefe do MPB, Daniela já fez backing vocals para Jerônimo e Gilberto Gil. Vinda da Companhia Clic, grupo onde fez sua estréia como cantora solo, e de inúmeros sucessos no carnaval baiano à frente do bloco Eva, Daniela conquista com sua voz poderosa, belas pernas e uma mistura que inclui os tamborins afro da Bahia e sintetizadores. "Mas todos os samples de percussão foram feitos aqui em Salvador mesmo", diz a baiana por telefone de cidade azul.

Eclética, gravou no primeiro LP músicas de Herbert Vianna, Gilberto Gil, Roi Zulu e Carlinhos Brown. No segundo vai ter músicas inéditas dos dois últimos, além de coisas de Tati Gira, de Olodum, Armandinho Macedo (Trio Elétrico Dodô & Osmar) e mais material próprio.

J.M.

Y O - H O - D E L I C

FUNK PSICOPATA

É uma coisa de louco: funk turbulento, movido a rock pesado. Ponha um Yo-Ho-Delic na sua idéia e deixe o funk rolar. O negócio do grupo é muito som na caixa, decibéis rolando.

O grupo começou assim, num estalo, na mistura da paixão de seus integrantes pelas melodias tortas de Frank Zappa que se misturaram com uma batida dance irresistível. Dance, sem aquelas frescuras de tecnopop europeu.

Marinho, Patossauro & cia. estão a caminho do estrelato e da fama com clip para MTV e fitas demo rolando nas mãos dos grandes produtores do rock brasileiro. (risos deslavados por todos os cantos). Mas eles têm tudo para chegar lá (embora muita gente nem imagine onde seja esse tal de lá). Afinal, em terra de Capital Inicial, quem abre o olho, arrasa.

Em menos de um ano, o grupo virou a tetéia do pessoal ligado nas coisas novas em matéria de som e anda tocando por todas as bocas de São Paulo. Quem vier a Sampa e deixar de ver um show do Yo-Ho-Delic é babaca de carteirinha. *J. J.*

OFF THE WALL

POP TUBULAR

O nome, inspirado em uma manobra de surf já diz tudo. Mongho Bertolucci, surfista, guitarrista e vocalista, ainda morava na Califórnia quando começou a compor o material que hoje faz parte do repertório do grupo. De volta ao Brasil, convocou dois amigos também surfistas, Celso Mendonça (baixo) e Regis Dubin (bateria).

Estrearam no verão de 1991 e já realizaram cerca de 60 shows, só no Rio Grande do Sul, cobrindo desde campeonatos de surf até clubes do interior. O trio que ainda conta com dois músicos convidados, o tecladista Cau Nettoe o guitarrista Paulinho Supekovia, é mais do que bem conhecido pela galera do surf e rola direto como trilha sonora do programa *Ondak*, na MTV. Aos poucos, suas músicas vão sendo executadas nas rádios alternativas e começam a entrar na programação normal das demais emissoras. O Off The Wall já está com o material do primeiro LP gravado. Só falta sair.

GILSON DA ROSA

VIRNA LISI

BATUCADA BRITADEIRA

Firmando-se cada vez mais como uma espécie de *grunge-band* com sotaque brasileiro, o Virna Lisi tem aproveitado todas as brechas possíveis. Nos últimos meses, o público mineiro pôde conferir a massa sonora da rapaziada na abertura de shows dos Titãs, Ira! e Plebe Rude.

Já no que diz respeito aos outros estados, as dificuldades em conseguir espaços para tocar tem sido muitas. De qualquer maneira, o grupo está engatilhando uma série de apresentações no Rio e em SP, apresentações essas que servirão para predivulgar seu homônimo e iminente primeiro disco.

O álbum estava previsto para sair em julho, mas só deverá ser lançado mesmo lá pelo final de setembro. Isso devido às diretrizes de Pena Schmidt, big-boss do novo selo Tinitus!, que preferiu preceder a gravação do Virna por uma coletânea com formações emergentes do rock nacional.

A surpreendente divulgação que o grupo vem obtendo na mídia tem várias razões. "Tem horas que pegam o fato da gente cantar em português. Noutras vezes, o que interessa são as guitarras, ou os elementos de samba, a percussão. E é justamente essa diversidade de enfoques que é muito legal", diz Cesar, o vocalista do grupo.

ARTHUR G. COUTO

BLACKS DO BALACO

O universo dos bailes funk em São Paulo produz um fenômeno de público a cada final de semana. Cálculos modestos apontam para cerca de 500 mil pessoas chacoalhando em clubes, salões e bares nos sábados e domingos. São DJs, MCs e dançarinos fazendo a festa da galera, num mecanismo que dispensa as overdoses da mídia — não sai nos jornais, nas revistas, não dá na TV, não tem patrocínio de marcas de cigarro ou refrigerantes.

É nesse planeta que estão os Racionais MC, quatro caras com a cabeça grudada no pescoço, membros do Movimento Negro Unificado que utilizam o rap como linguagem de transformação. Já lançaram dois LPs, Holocausto Urbano de 91 (que vendeu 30 mil cópias!) e o novo *A Escolha É Sua*, ambos pela Zimbabwe Records (uma das equipes de som mais ativas e tradicionais de São Paulo, ao lado de Chic Show e Black Mad).

Racionais MC

Para completar, as meninas perdem a compostura quando eles sobem no palco. No corre-corre dos sábados (quando encaram às vezes três ou quatro festas diferentes) ou nas ocasiões especiais (abrindo os shows no Brasil de Frighty & Colonel Mite e Public Enemy), os Racionais são sempre do balacobaco. Vão dizer que eles não têm os contornos para o mercado pop, *but who cares?*

OTAVIO RODRIGUES

VOLKANA

PESO INTERNACIONAL

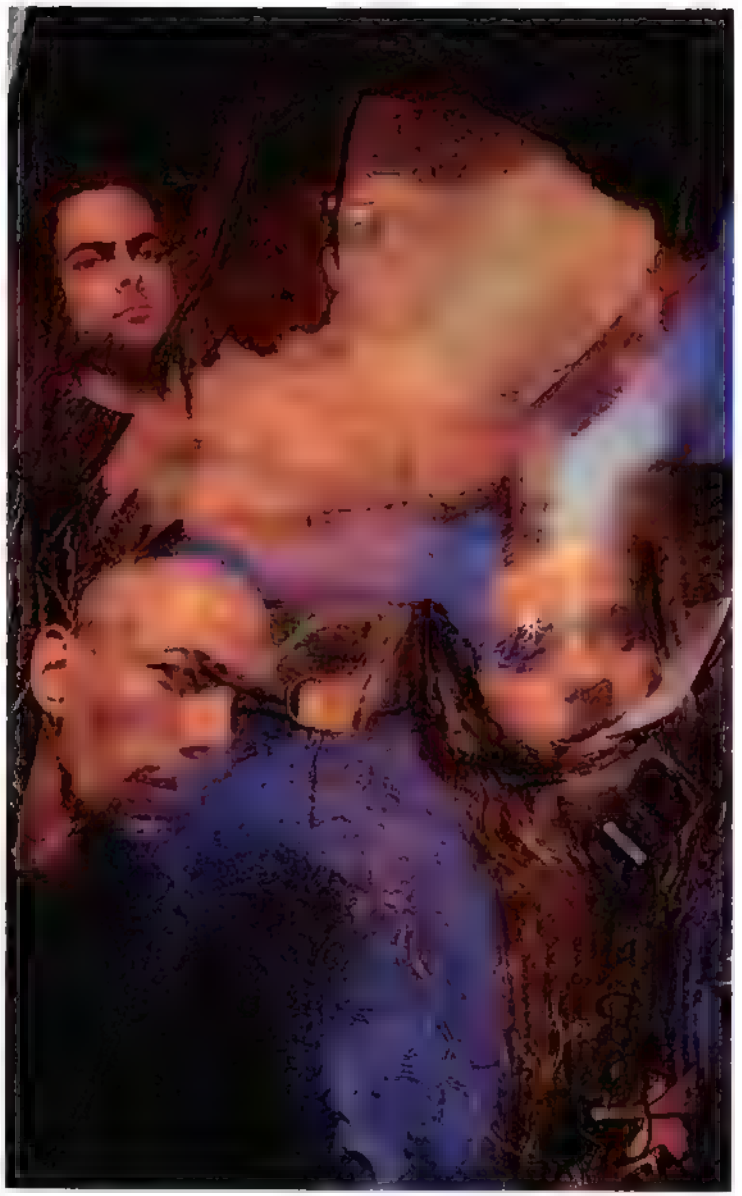
Por essa altura do ano, *First*, primeiro disco do Volkana, deve estar sendo lançado no exterior pela Celluloid. O grupo foi escolhido pela gravadora depois de uma pesquisa no catálogo da Eldorado. "De rock, eles só gostaram de nós", afirma com orgulho a guitarrista Karla.

Formado por quatro mulheres e um bendito fruto, Sergio Faca, na bateria, Volkana comete a transgressão de ser uma banda de mulheres fazendo rock pesado. "É tudo preconceito" garante Karla. "Será que mulher só fica bem tocando flauta?", pergunta. No palco, porém, a barra pode pesar. Marielle, a vocalista do grupo, diz que muitas vezes os organizadores dos shows providenciam segurança extra para evitar agressões. Mas quase nunca rola nada mais pesado além do som. No máximo algum fã mais ardoroso invade o palco para dar um beijo na cantora.

Enquanto *First* sai lá fora, as meninas ficam na dúvida se assinam ou não um contrato definitivo para gravar com a Celluloid. "Eles ofereceram com um contrato de sete anos e a gente tem de pensar bem", disse Marielle. Por enquanto o que há de novo é o clip de uma música nova, que Marielle ainda nem sabia se chamava de "Goodbye Children" ou "The Mirror" durante a gravação no Aeroanta de São Paulo. *J.J.*

ENGENHARIA METÁLICA

O cartaz do Zero Vision foi conquistado nos palcos paulistas. Ao vivo são dos bons — dos melhores entre as bandas de garagem que tomaram de assalto o Aeroanta. Sua mistura de peso com estruturas de engenharia musical complexa funcionam como uma betoneira cheia de dinamite. Algumas gravadoras independentes já acenaram com propostas de registrar em vinil os petardos dos caras mas o grupo prefere esperar um bom contrato a lançar um disco na fogueira. Por enquanto seus planos apenas incluem uma penca de apresentações por São Paulo, onde vão destilar suas fixações em Ministry, Black Sabbath e Soundgarden. *J.R.L.*



GOTHIC VOX

PESADELO CIBERNÉTICO

Uma panela de pressão cozinhando em fogo alto. Em meio à tensão do vapor que se avoluma em seu interior entrechocam-se os mais inesperados nutrientes: hardcore novaiorquinos de última geração (Unsane, Helmet, Royal Trux, Be-witched); os eternos Big Black e Dead Kennedys; exdrúxulas derivações heavy-metal: Defalla, fase Biba Meira: Gueto... uma pasta sui-generis, preparada com requintes de perversão.

As origens do Gothic Vox datam da época em que o baterista Broa (ex-Megathrash) e o guitarrista Reinaldo "Cavalão" (ex The Mist) encontravam-se insatisfeitos com as categorizações estanques do som pesado local. De julho a setembro de 90, após algumas mudanças de pessoal, a formação estabilizou-se com a entrada de Kelson Frost (vocal, letras), mais Arthur (baixo) e Fabun (segunda guitarra).

"Catastrófica" foi a melhor palavra que Broa conseguiu usar quando pedimos a ele que destrinchasse a trajetória do grupo. Afora todos os atropelos que cercaram a edição de seu álbum de estréia, *Supplicamentum* (fechamento do selo independente que deveria tê-lo lançado em outubro de 91, gravação feita às pressas, falta de qualquer infra-estrutura, etc), o guitarrista "Cavalão" morreu num acidente semanas antes que o disco chegasse às lojas, via Cogumelo.

Ainda assim, a sonoridade crua e direta de *Supplicamentum* impressiona. Mas essa é apenas uma das facetas do grupo. A partir deste mês, o Gothic Vox mostra ao vivo — São Paulo, Rio, interior de Minas e vários estados do Nordeste já têm shows praticamente fechados— seus novos e ousados desdobramentos. *A.G.C.D.*

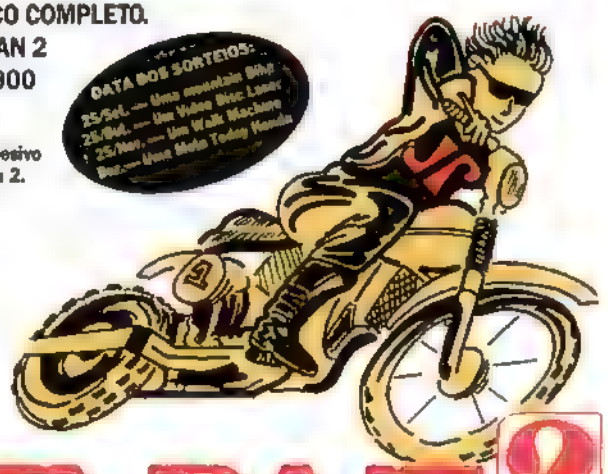
NA JOVEM PAN 2 OS ADESIVOS DAS OUTRAS RÁDIOS TAMBÉM SÃO PREMIADOS...

E VOCÊ PODE DESCOLAR ATÉ UMA MOTO.

ESCREVA PARA NÓS, RESPONDENDO: QUAL É A RÁDIO Nº 1 DE SP?
E ENVIE JUNTO, UM ADESIVO DE QUALQUER OUTRA RÁDIO!!!
FORA DO ENVELOPE, COLOQUE NOME E ENDEREÇO COMPLETO.
ENVIE A SUA CARTA, AINDA HOJE, PARA: JOVEM PAN 2
AV. PAULISTA Nº 807 - 14º ANDAR - CEP: 01366-900
OU ENTREGUE EM UMA DE NOSSAS PERUINHAS

A partir do dia 1.º de Setembro, diariamente será sorteado um adesivo premiado, e o contemplado receberá, em casa, um Kit Jovem Pan 2. (Após cada sorteio, sua carta volta para a urna, e você continua concorrendo a uma super moto).
Boa Sorte.

DATA DOS SORTEIOS:
25/Set. — Uma mountain Bike
26/Set. — Um Video Disc Laser
27/Set. — Um Walk Machine
Dez. — Uma Moto Today Honda



QUANTO MAIS ADESIVOS VOCÊ "DESCOLAR", MAIS CHANCES VOCÊ TEM DE GANHAR!!!

JOVEM PAN 2

FM-100.9 - A Nº 1 DE SÃO PAULO

PROMOÇÃO VÁLIDA PARA TODO O BRASIL

NA ESTRADA COM U2

NA ESTRADA COM U2

"O que você nunca vai conseguir colocar em seu livro é o total e profundo tédio de fazer parte de uma banda".

John Lydon, no livro *England's Dreaming*, de Jon Savage.

NOVE DE ABRIL DE 1992

Viajo através da paisagem árida do Arizona indo a Tucson. Noite passada foi, eu acho, em Austin. Axl Rose estava no show. Acho que ele estava a fim de se enturmar com estrelas do Rock que são menores do que ele.

O estranho é que o deserto realmente se parece com um desenho animado do papa léguas. Exceto que na vida real, as montanhas pedregosas são muito menos amigáveis, parecem cicatrizes feitas num azul celeste irreal. Aviões de caça anti-tanque voam baixo sobre os cactos, procurando alguma coisa que não nos, espero.

Acomodado no banco da frente do meu minivan Ford Aerostar eu olho pela janela manchas ocasionais de pupunhas amarelas. A vista passa rápida e me lembra o U2 nesta turnê. Grande, romântica. Linda. Detonante. Remota. Intocável. E, finalmente, vazia.

A tour *Zoo TV* é um importante evento, não somente porque é a primeira turnê em muitos anos de uma das maiores bandas do show business, mas porque representa mais um passo em direção do rock como espetáculo. Isto quase não é notícia. Tem sido desse jeito desde o Led Zeppelin, o provavelmente até antes, na Idade Média do rock. Mas o U2 veio como uma suposta reação à pompa e circunstância da década de setenta. E apesar da pompa do grupo desde o disco *The Unforgettable Fire* (mais pronunciada, claro, no egocêntrico filme *Rattle and Hum*), o U2 raramente deixou o evento se sobrepor à música.

Mas esse não é o caso da nova turnê. Esta é uma das razões porque eu gosto tanto do *Zoo TV*. Não só a performance fica secundária, mas quem a "performa" também. Andando no meio do agito dos camarins, você realmente sente que os quatro membros da banda são como peças de acessórios para a massiva, e massivamente detalhada produção. O U2 entra e sai de um comboio de limusines brancas direto para dois aviões alugados da MGM esperando no aeroporto. Gastam apenas o tempo necessário nos camarins. Quanto mais eles ficam para trás, mais eles encaram seu trabalho como sendo real.

Os membros da *Zoo TV* pelas minhas contas pouco científicas, são no mínimo cem. Até a metade da turnê os membros da "tripulação" ainda estavam se apresentando uns aos outros, encontrando velhos amigos ("Você está nessa também?"). Esse pessoal leva aproximadamente doze horas para montar o palco. Quando o próximo show é na noite seguinte, uma turma separada já está trabalhando na próxima cidade, montando um palco em duplicata até as três horas da manhã, enquanto a outra parte da turma está engajada em empacotar os equipamentos. Há somente uma pequena margem para erro, mas nos 45 dias em que eu acompanhei a turnê, só um show atrasou mais que 15 minutos.

É muito mais impressionante se considerarmos que uma boa porção da tripulação de cem pessoas é composta de diretores, contadores, publicitários, segurança privada, roupeiros motoristas e etc. Aqui está o verdadeiro zoológico. Mais subordinados e mulheres com walkie-talkies pendurados do lado, andando rápido com fisionomias tensas através de intermináveis corredores, telefones tocando o tempo todo, homens fortes e tatuados latindo ordens incompreensíveis em orlandês, caixas cheias de equipamentos não identificáveis, mas sem dúvida extremamente caros, estranhos homens frágeis vestidos com capas. Eu não tenho idéia do que essas pessoas fazem. (Isto é sufocante ou feliz ar? Não consigo lembrar). Comparado com essa galera, o show em si é quase um anti-clímax.

Talvez por causa dessa anarquia toda, algumas estranhas inconsistências hierárquicas aparecem nos camarins. Pequenas coisas. A maior parte delas, nem os membros da banda sabem o que são. Mas para mim, elas são pistas. Por exemplo: apesar dos Pixies terem sido escolhidos a dedo como a banda de abertura da primeira parte da turnê norte-americana, Edge e Bono são sabidamente grandes fãs, o U2 não conseguiu fazer nada melhor que escrever "Banda de Abertura do U2" (*U2 Support Act*) na porta do camarim dos Pixies.

Então vamos lá, de *Zoo TV*. Durante o hilariante curso da turnê, eu comecei a pensar bastante sobre como o acúmulo de detalhes de uma produção tão gigantesca deixa pouco espaço para a espontaneidade, ou pelo menos imprevisibilidade. Coisas que para mim definem o Rock (e isso, no passado, ajudou a definir o U2). Todo o processo era depressivamente racional. Posso até admirar o resultado, mas me pergunto se nesse caso os fins justificam os meios.

Isso não é tanto culpa do U2. Afinal, o sistema exige dos roqueiros uma grandiosidade que necessariamente eclipsa sua humanidade. O problema é que eles desmontam quando fazem o seu viver de acordo com os padrões impossíveis que exigimos.

NA ESTRADA COM U2

LAKELAND, TAMPA - FLORIDA, 29 DE FEVEREIRO

Passo pelas arquibancadas vazias e sento perto do palco para ouvir a checagem do som. No palco, The Edge, Adam Clayton e Larry Mullen Jr. tocam pequenos pedaços de duas ou três músicas. O som é incrivelmente cristalino mesmo nesta vastidão. Vários monitores de vídeo acendem e apagam, enquanto são testados para o show.

Nenhum sinal de Bono ainda – e de repente o estádio é preenchido por sua voz inconfundível cavalgando facilmente sobre o som produzido pelos membros da banda. Eu finalmente consigo ver uma figura diminuta de pé em frente da mesa de som, braços cruzados, assistindo a banda tocar no palco. Ele não está segurando o microfone e está usando-o, preso em seu chapéu. Legal, é a primeira vez que vejo alguém usar um microfone preso à cabeça sem parecer um babaca.

Durante o show do U2 naquela noite, os caras que conseguiram se esticar o suficiente para Bono reagiram como se tivessem sido tocados pela mão de Deus. A audiência do U2, pelo menos a parte mais frenética, não está aqui somente para contemplar, mas sim para cobri-los de adoração. Qualquer gesto do cantor provoca neles um frenesi quase religioso, fora de qualquer proporção com o que está acontecendo musicalmente.

Bono viaja em seu ego de estrela, inflando sua persona até o ponto onde seu ego deixa de existir; ele infla até estourar e fica tão sem ego quanto ele sempre quis que você acreditasse. Há um forte senso de ridículo neste processo. Fica bem mais divertido se você sabe que eles sabem que você sabe... porra, sei lá.

Mas tudo isso é bom pra caceta. Mesmo sendo bom de um jeito que não tem nada a ver com a minha idéia de rock n'roll. As comparações mais próximas e isto é verdade para rock de estádio em geral, mas é especialmente claro na *Zoo TV Tour* por causa da sua ênfase no espetáculo e da intensidade pouco usual dos devotos da banda seriam com uma missa campal ou uma corrida de pick-ups gigantes. E esta é a parte circense da filosofia "pão e circo", que num ano de recessão como esse faz bastante sentido.

De volta a Tampa eu e minha garota voltamos ao bar do Holiday Inn para jantar. É quase meia noite e poucos caras ocupam as mesas. De repente, na metade de nosso primeiro drink, as luzes do palco (nós não tínhamos percebido que existia um palco) acendem para revelar o For Your Eyes, um casal que só toca um sintetizador, fazendo estranhas covers de "Hold the Line" do Toto, e "Any Way You Want It" do Journey. Estão alegres e assustados. Passam um terupão recusando pedidos para tocar Metallica e Rush, vindo dos bêbados que voltaram de concerto da banda canadense teste show, na mesma noite, levou doze mil pessoas contra sete mil do *Zoo TV* e recebeu quase nenhuma cobertura da imprensa. A performance do casal me deixa desconfortável e a tensão entre a banda e a gravadora do Rush me faz encolher na poltrona. Por alguns minutos parece que tudo poderia acontecer. Agora sim.

ATLANTA GEORGIA 5 DE MARÇO

Mesmo tendo um crachá onde está escrito "acesso total", eu não posso andar tranquilo no camarim do U2 sem ser acossado por um dos dois grupos de segurança (segurança local, que muda toda noite, e privada, que viaja com a banda). Eles mantêm uma cortina azul na frente da porta do camarim, por razões obscuras.

Cortinas são o grande lance na turnê *Zoo TV*. Há uma sala coberta de cortinas fora do palco, onde Bono corre para trocar de roupa no meio do show (uma garota o espera lá, e seu único trabalho aparente é segurar o espelho para ele). Também há um buraco abaixo do palco (coberto de cortinas) onde eles mantêm um cara cercado por aparelhos eletrônicos estranhos.

De uma coisa eu sinto falta nessa turnê: a capacidade de mudar e improvisar no meio das músicas que o U2 tinha antigamente. Não há espaço para surpresas nessa turnê – a lista das músicas é tão estabelecida que está até impresso no verso dos crachás do pessoal de apoio. Tem que ser o impressionante acompanhamento de vídeo está conectado a uma duração específica das músicas.

A banda decidiu nessa turnê tocar somente o que os quatro membros do grupo podem realmente produzir ao vivo, necessitando da imensa gama de pedais de guitarra do Edge. Mas meu ouvido detecta uma grande quantidade de sequenciadores e teclados adicionais acompanhando várias músicas. E o que exatamente faz aquele pequeno homem que senta no buraco coberto de cortinas cercados por máquinas que se parecem bastante como sequenciadores e teclados, se não é para providenciar acompanhamento de teclado e sequenciador? Hein?

Improvisações estão limitadas aos aspectos não musicais do show – como para quem Bono telefona no meio do show, ou que canais ele liga nos bancos de monitores de vídeo.

Após o show nos viajamos através de uma noite chuvosa da Georgia para a Virginia, passando por um barraco meio caído ("The Alamo") que anuncia bistecas e danças. Que é tudo que você poderia querer agora. Uma observação de quem já está na estrada a um tempinho: não importa o quão rápido você vá, tem sempre alguém querendo que você vá ainda mais rápido.

"Qualquer gesto de Bono provoca no público um frenesi religioso, fora de proporção com a música que está tocando"

PHILADELPHIA PENNSYLVANIA 10 DE MARÇO

O concerto de hoje a noite me deixou com sede. Nos procuramos por um bar no bairro chinês perto do hotel, mas é domingo à noite e quase tudo está fechado. Quase tudo – Saigon Plaza um restaurante de comida vietnamita, está tendo um karaoké. Nós entramos, os únicos dois não vietnamitas, e somos presenteados com um calhamaço de páginas xerocadas onde estão escritas quase um bilhão de canções possíveis, a maior parte em vietnamita. Alguns títulos em inglês, mas o mais perto que eles chegam de rock é "A Whiter Shade of Pale", do Procol Harum.

A maior parte dos participantes escolhe por vietnamita. Os jovens cantam em vozes de derreter o coração, com uma estranha reverberação. Uma moça até faz um duo com seu bebê e todo mundo aplaude. Minhas musicas vietnamitas favoritas são "Eu Sou o Batman do Amor" e "Ultrasong", ambas acompanhadas por videos que parecem com filmes pornô sem sexo explícito.

WORCESTER MASSACHUSETTS 13 DE MARÇO

Veja só a natureza efêmera do showbusiness! O concerto do U2 noite passada aqui no Centrum foi a única coisa nos corações e mentes de aproximadamente 13 718 (capacidade reservada de lugares) fãs, e neste manhã, enquanto nos preparamos para partir, já está havendo uma convenção para fanáticos de cartões de baseball no mesmo lugar.

O circo chega à cidade, o circo deixa a cidade, e tudo que sobra para você é um canhoto de entrada, uma camiseta cara, e talvez uma camarinha oficial do *Achtung Baby* (a três dólares a cuia, sem barganha, apesar da garantia de que elas estão sendo vendidas à preço de custo. Talvez ao preço de custo da Irlanda. Elas vendem bem entre garotas de 12 anos de idade que não estão certos de como se usa camisinhas). E, supostamente, um monte de memórias indeléveis.

Primeiro sinal dos membros da banda se misturando com mortais: na área reservada ao pessoal de apoio, The Edge e Adam Clayton sentam-se para almoçar. Será que eles estão comendo carne? Boa parte da equipe do U2 é vegetariana. Saúde agressiva é a nova atitude no Rock'n'roll. Excesso está por fora, cara, apesar de todo mundo saber que Bono tem um frasco por boa champanhe. Tambem, não da para crucificar o cara por isso.

BOSTON MASSACHUSSETS 17 DE MARÇO

Uma banda irlandesa toca em Boston no dia de St Patrick. Rola um pandemônio antes do show, nativos de roupa verde com bandeiras irlandesas. Reconhecendo a importância desse dia, a banda altera o show para incluir alguns números tradicionais da Irlanda (muito bem executados), em que Bono toca congas. A baixista da Banda de Apoio tem o primeiro contato com um membro do U2. Passando por The Edge no caminho do palco, ela olha deliberadamente e diz "Oi" E o replica "Oi" rindo.

Mais tarde, bêbados cambaleiam pelas ruas gritando "Rock'n'roll!" antes de orgulhosamente vomitarem as tripas para fora.

MEADOWLANDS MADISON SQUARE GARDEN NEW JERSEY/NEW YORK 19 E 20 DE MARÇO

Três noites consecutivas de karaoké (vrou um vício). Uma em Nova Jersey, onde brancos grandes e gordos de terno cantam e rebolam "Wild Thing" e "Funky Cold Medina" de Tone Loc. Outras duas, num bar perto do Madison Square Garden em Nova York. Na terceira noite, o grupo de gospel que abria para Harry Connick Jr. nos oferece um maravilhoso número a capella.

Contagem de celebridades que eu andei vendo: em Nova Jersey, Little Steven (baixinho). No Madison Square Garden, Bruce Springsteen (baixinho), Paul Simon (baixinho) e a modelo Christie Brinkley (alta).

TORONTO, ONTARIO 24 DE MARÇO

"O Stevie Ray Vaughan chega no céu", revela um ligeiramente inebriado fã, num bar de hotel após o show. "Lá ele é apresentado a Jimi Hendrix e Elvis e Janis Joplin e uma porrada de monstros sagrados do Rock. Aí ele chega num quarto e vê Bono se olhando atentamente no espelho. 'Espera aí', diz Stevie Ray, 'o Bono não morreu ainda.' Aí o Jimi Hendrix vira e diz 'Ah, mas esse não é o Bono, esse é Deus. Ele só *pensa* que é o Bono.'"

Andando por aí, eu descobri que a Banda de Abertura divide seu camarim hoje à noite com um misterioso "DJ-guru", BP Fallon, que usa um capuz e pinturas de Elvis na roupa. Entre os números, ele se senta naqueles pequenos carros alemães Trabant e toca Led Zeppelin, os Beatles e Bob Marley, e fala sobre paz.

Descobri que se o Ato de Abertura estivesse a fim de vender o seu suprimento diário de entradas para o show do U2 no mercado negro (algo entre US$ 15 e US$ 50 a entrada), ao invés de ficar dando para os amigos e VIPs, faria mais dinheiro do que recebe para tocar. Sem duvida a banda não vai querer tirar proveito da minha descoberta. Provavelmente iriam balbuciar algo sobre "ética".

O show do U2 de hoje está tão bom que eu quase comecei a chorar. "Alguém tem que encarnar a estrela do Rock", Bono diz para a multidão. "Está todo mundo fazendo dance music hoje em dia". Aí ele começa com o seu *dance hit* "Mysterious Ways". Apenas alguns minutos antes do U2 entrar no palco, a galera faz "Ola" É divertido, mesmo sabendo que eu sempre levanto as mãos um pouco atrasado.

Noite passada, em Montreal, Dave Grohl do Nirvana veio dizer oi para a Banda de Abertura, da qual ele é super fã. Foi quando Larry Mullen fez a sua única aparição (e a única do U2 também) no camarim da Banda de Abertura. Mais tarde, Dave teve que aguentar Bono, que passou uma hora inteira dando um sermão nele sobre os perigos do sucesso ("Não deixe isso subir à sua cabeça"), tudo sem tirar nenhuma vez seus óculos escuros tipo "mosca".

CLEVELAND, OHIO 26 DE MARÇO

Detesto discordar de John Lydon, mas estar na estrada, esses dias, se você tem um super mega-show de rock como o U2 não é nada estressante. Hotéis de cinco estrelas, jatos alugados e frotas de limusines certamente ajudam a melhorar a suposta tensão de viajar. "Sabe", disse eu para a minha garota, "não há dinheiro no mundo que me faça subir no palco e dançar como o Bono. Admiro sua coragem." "Bem, é isso que eu adoro de verdade no Bono", ela complementou, "é que ele sabe dançar."

DETROIT, MICHIGAN 27 DE MARÇO

Noite de pizza. Bono tenta pedir dez mil pizzas do palco. Acaba conseguindo só cem, que eles distribuem para a galera. Eu consigo uma fingindo ser do Banda de Abertura. "Nós amamos os Pixies!" eles me dizem. "Coma pizza!" Mais celebridades: Jack Nicholson e Danny De Vito (na cidade, filmando *Hoffa*, bio de um bandido).

Hoje a noite todo mundo tem que tirar fotos, os crachás precisam ser trocados porque os velhos começaram a ser copiados. Eu não sei porque alguém teria esse trabalho. Só para entrar nos camarins, talvez? So porque você tem um pedaço de plastico não quer dizer que vai poder circular pelo camarim do U2 – você precisa ter uma carta para provar quem é, ou então ser "alguém".

No dia seguinte nós dirigimos por dez horas até Minneapolis, através de tempestades de neve. Ao chegar no Target Center, há um boato que Julia Roberts está visitando o U2 no seu camarim. Por que as celebridades sempre se reasionam? Por que Julia Roberts tem uma conexão automatica com uma banda de rock da Irlanda? Do que eles falam?

CHICAGO, ILLINOIS 31 DE MARÇO

Alguém me disse que o braço de Bono esta doendo muito, ao ponto de ele precisar de uma massagem especial após o show – é o resultado de ser puxado o tempo inteiro pelos membros mais afoitos da platéia. Ai, o preço da fama.

Para mim o maximo da noite foi jogar de graça o videogame *Terminator 2: Judgement Day*, lá atras do palco. Mata! Mata! Algum cara da equipe do U2 joga comigo, e juntos nós quase salvamos a humanidade da extinção antes que ficássemos entediados. Mais tarde amigos nos levam para encher a cara num bar chinês. Bebi até me sentir realmente mal. Eu acho que isso quer dizer que nos divertimos pra caralho.

Steve Double, Retna

"Alguém tem que encarnar a estrela de Rock, todo mundo está fazendo dance hoje em dia", diz Bono. E começa seu dance hit "Mysterious Ways"

AUSTIN, TEXAS, 7 DE ABRIL

Após várias tentativas, Bono conseguiu enterrar o suporte do microfone dentro do monitor de vídeos em Houston, na noite passada. Muita violência talvez ele tenha assistido alguma das reportagens falsas que afirmavam que morreu mais gente no Texas por tiros do que por acidente de carro, em 91

Mais tarde nós atravessamos a rua para a *Head Shop* local (uma daqueles lugares que vendiam parafernália de drogas nos anos 60 Eu nem sabia que essas coisas ainda existiam). Quando nós entramos, "Stairway To Heaven" está tocando – inevitável. Não consigo decidir entre o cachimbo para *free base* ou o sistema hidropônico de crescimento de plantas, e deixo a loja sem comprar nada. Decido nunca mais deixar Austin

LOS ANGELLS CALIFORNIA 12 DE ABRIL

A porra do Ringo Starr, cara. Ele chega perto de mim, balançando a cabeça tranquilamente, como se estivesse para dizer, "É isso aí. Você sabe quem eu sou." A garotada na *Spin* nunca vai acreditar na minha sorte

A lista de convidados do U2 é tão absurdamente cheia de estrelas que eles alugam um desses displays baratos que fica mostrando sem parar a lista de convidados para a galera. Assistindo o show da mesa do som no meio do estádio, eu fico chapado de novo com o monte de computadores, monitores e estranhas antenas de radar (eles analisam a exata composição das cores das luzes para permitir a mistura precisa de cores). Se eu pudesse conseguir um sistema como esse para o meu apartamento!

MIAMI, FLORIDA PRIMEIRO DE MARÇO

(Fenda de espaço temporal: voltamos no tempo, moçada!)

O show está atrasado hoje – é a primeira vez que o pessoal de apoio teve que interromper a produção e montá-la em outro lugar, então há muito mais tempo livre do que o normal. O camarim do U2 é bem na minha frente, o que não seria tão notável exceto pelo fato de que minha mãe está aqui hoje à noite, e ela encanou que quer se encontrar com a banda

Nós passamos algum tempo no corredor assistindo a banda passar ocasionalmente acompanhada pelo pessoal da segurança. Bono mantém um guarda-costa até quando vai ao banheiro. Não faço idéia de porque ele pensa que corre tanto perigo até nos camarins, onde as pessoas que não carregam os crachás são barradas sumariamente mas talvez ele saiba algo que eu não sei

Esta vez Bono saiba que minha mãe está aqui. Porra, ele deveria estar com medo. A minha mãe leva como afronta pessoal que ninguém do grupo veio para dizer oi para a banda de abertura (eu tento explicar para ela que o U2 está ocupado, mas minha mãe não

acredita). "Eu vou dizer para o Bono que ele está sendo rude", diz ela, resoluta. "Qual deles é ele?"

"O mais baixinho", digo, esperando que ela se acalme (eles são todos bem baixos, mas Bono é decididamente o menorzinho). Bem, eu vou conversar com ele."

"Segura aí um pouco mãe. Agora é *time out* nos corredores."

Time out é o período de cinco minutos antes e depois que o U2 vai ao palco, quando ninguém tem permissão para colocar a cabeça para fora da porta. Se por acaso alguém desejar "boa sorte" à banda, que Deus o ajude. Então, eu e meu pai formamos um cordão na frente da porta para prevenir minha mãe de espiar lá fora. nunca se sabe se ela fala sério

Em retrospecto, eu deveria ter deixado minha mãe à vontade. Bono teria provavelmente estranhado o fato de ser aconselhado pela mãe de alguém. O que aconteceu com o U2 – e tem acontecido, sem dúvida, com muitas estrelas do rock antes deles – é que as pessoas tentam antecipar as coisas que talvez possam (ou talvez não possam) atrapalhar os membros da banda. Então muito do que acontece em volta deles, eles nunca ficam sabendo. Como a corte de algum rei todo poderoso, onde as pessoas são sentenciadas à morte por ofensas imaginadas que nem o próprio rei nunca soube.

Isso explica anomalias. Como a recente controvérsia sobre o disco paródia *U2*, do Negativland (uma banda californiana que fez uma gozação e hoje está falida por causa de processos da Island). Ou a história sobre um escritor de um programa de televisão, que foi demitido por causa de alguma "pisada" imaginária contra o U2, de que nem a banda tinha tomado conhecimento.

Entretanto, organizações – como pessoas – frequentemente ficam paranóicas por se levam muito a sério. E o U2 apesar de ter se ridicularizado no turnê *Zoo TV*, leva sua produção invariavelmente a sério.

Mas eu acho que eles estão certos. *Zoo TV* foi planejada com muito cuidado, para durar bastante (a banda planeja fazer a turnê no mundo inteiro entrando em 1993) e assaltar os corações e os bolsos dos amantes da música e todos os lugares. Uma certa quantidade de cuidado e cautela no processo é aceitável mas também, não precisa ser uma operação para-militar. Tudo tem que ser em moderação, moçada. Caiam logo na real ou então enfrentem minha mãe.

PÓS-ESCRITO

"Alô?"

"Oi mãe. Sou eu. Me parece que você deve ter dito alguma coisa ao Bono... Parece que o U2 está chateado que eu esteja escrevendo essa matéria – seu empresário, especialmente. Mas eu ouvi que o Bono também está um pouco assustado."

"Do que eles não gostaram?"

"Eles ainda não leram. Nem sabem qual é o conteúdo da reportagem. Eles só não gostam da idéia de qualquer coisa fora de seu controle direto. É uma reação neurótica, que pelo jeito é o único jeito que um mega-grupo como o U2 sabe como reagir. É automático, sem pensar. Desnecessário. Mais um exemplo de como uma organização grande e paranóica tenta controlar o que é dito sobre seus membros. Mas eu não acho que isso é certo, sacou? Caramba, eles são apenas um grupo de rock."

"Bom, tente não ficar muito chateado com isso, querido."

"Eu não estou chateado, de verdade. Eu estou apenas desiludido." *JIM GREER*

Numa hipotética lista das dez melhores bandas de rock americanas de todos os tempos, a inclusão dos Trashmen poderia ser relevada. Tanto que os Ramones, presença mais que obrigatória nessa lista, é uma banda que construiu toda sua carreira repetindo as ideias, as formulas e a atitude dos Trashmen, chegando ao requinte

Minnesota — embalados pelos sons californianos de Dick Dale com a diferença do inclassico de marcas dasse de rock n'roll, numeros vocais, covers de Chuck Berry, Buddy Holly e outros ídolos. Acidentalmente juntaram dois hits dos Rivingtons, "Papa-Oom-Mow-Mow" e "The Bird's The Word" e criaram a classica e hilariante "Surfin Bird"

"Bird" é a palavra para os ases da surf music

de adotar parte do seu repertorio. The Trashmen fez entre 63 e 67, o que grupos como Ramones e Cramps so começaram a fazer em meados dos anos 70.

Surf music foi uma tendencia no inicio dos anos 60 que fez proliferar um incontavel numero de grupos mu sicais por todos os E.U.A. Os Trashmen vieram dessa onda de Minneapolis

O grande sucesso dessa canção, editada em dezembro de 63, no pequeno selo Soma Garret, foi decisivo para que a banda recebesse incentivo e verbas para outros singles, mais o album Surfin Bird, que saiu em meados de 64

Esse disco classico tem a essencia da musica dos Trashmen uma esfuziante alegria, com uma dinâmica de rock n'roll, que coloca tanta energia na musica, que transforma sua audição numa excitante experiencia. É um daqueles raros discos que jamais envelhecerão. Os singles subsequentes foram apenas hits locais, muitos deles arranhados por Larry LaPoke, uma especie de sub-Brian Wilson, que escreveu varios originais para o grupo

O fenomenal sucesso de "Surfin Bird" estimulou a banda a sair dos arredores de Minneapolis para uma longa excursão que iniciada em 65 só foi terminar em dois anos depois, quando eles decidiram parar. A musica tinha mudado, o mundo era outro, o Verão Do Amor despontava em San Francisco. Nesse tempo on the road, editaram singles em selos diversos. Tudo feito com a espontaneidade e o *nonchalance* de uma banda de garagem. Esse é a melhor definição dos Trashmen, uma excepcional banda de garagem, que soube usar suas dificuldades e limitações como força motriz da musica que fazia. Diz-se que estiveram

na mas isso talvez tenha sido apenas uma criativa desculpa quando se defrontavam com alguém que lhes perguntava "Por onde voces andaram?" Ou quem sabe uma ingenua forma de auto-promoção

O que desviou os Trashmen da rota do sucesso foi provavelmente um contrato leonino com um selo pequeno que não pode divulga-los melhor e ao mesmo tempo, afastou as *majors*, as grandes empresas. Com divulgação correta, boa exposição na midia e um pouco de sorte, The Trashmen - banda punk *par excellence*, de garagem mesmo - teria sido um dos maiores hits dos anos 60 *RENE FERRI*

DISCOGRAFIA SELECIONADA
LP SURFIN' BIRD (64, Soma/Garret)
CD GREAT LOST ALBUM (90, Sundazed)
Nota: No Brasil, a Odeon editou o LP Surfin' Bird e dois singles, todos em 64.

SHOPPING BIZZ

DISCOS • INSTRUMENTOS • ACESSÓRIOS • DISCOS • INSTRUMENTOS • ACESSÓRIOS • DISCOS • INSTRUMENTOS • ACESSÓRIOS

LONDON CALLING
DISCOS, CDS E VÍDEOS
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA E EUROPA
RARIDADES DE: U2 • RAMONES • SISTERS • DOORS • STOOGES • CURE • CRAMPS • SEX PISTOLS • SMITHS • MADONNA • ETC.
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO PAÍS
SOLICITE CATÁLOGOS
FONE: (011) 223-5584
R. 24 DE MAIO Nº 116 - RUA ALTA - LOJA 15 - CEP. 01041 - CENTRO - SP

Aprenda música...
Vídeo aulas MPO.
Os mestres da música ao alcance de todos.
MPO VIDEO Ltda.
fone/fax (011) 853-4690
...com quem sabe.

BIZZ
PARA ANUNCIAR
LIGUE
(011)2117866

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS • NACIONAIS E IMPORTADOS • NOVOS E USADOS
ACEITAMOS ENCOMENDAS • FONE 883-4779
R. TEODORO SAMPAIO, 865 PINHEIROS - SP CEP 05405
PROMOÇÃO! NA COMPRA DE INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS VOCÊ CONCORRE A 4 DIAS NA FINA GRANDE NO HOTEL ALPINO E MAIS UMA PASSAGEM DE IDA E VOLTA A MIAMI

P.I.A. INSTRUMENTOS MUSICAIS
KORG
REVENDEDOR AUTORIZADO!
PEARL • IBANEZ • FENDER • REMO • ZILDJIAN
MAXY SYSTEMS • SEYMOUR DUNCAN • DI MARZIO
ERNIE BALL • GHS • D'ADDARIO • DOD • JIM DUNLOP
TAGIMA • BOSS • TAKAMINE • OVATION • OLIVER
TAMA E MUITO MAIS !!
COMPRA VENDA TROCA
TELEVENDAS PARA TODO O BRASIL
(011) 283-8533 / 64-3430 (fax)

PROPORSOM instrumentos musicais
Revendedor ALESIS
Guitarras e baixos KRAFT
Rua Teodoro Sampaio, 763
Loja 8 - S. Paulo - SP - F. 64-6919

Aqualung RECORDS LTDA.
PROMOÇÃO CDs IMPORTADOS
TODOS OS TÍTULOS DISPONÍVEIS
R. 24 DE MAIO, 82 - 1º ANDAR - LJ. 258 - GALERIA DO ROCK - F. 222-0284

GARAGE
PARTE II

QUEM é QUEM

ADEVA A primeira e maior diva garage. Ex-professora primária de **Nova Jersey** conseguiu regravar o monumento "Respect" de Aretha Franklin, com resultado tão bom quanto o original. Outros singles incluem "Musical Freedom", "Warning", "It Should've Been Me" e "Don't Let It Show On Your Face".

BASEMENT BOYS Dupla de produtores de Baltimore. Seu primeiro trabalho de destaque foi a excelente vocalista Ultra Nate. Em 91 descobriram e estouraram **Crystal Waters** "Gypsy Woman" (hit mundial) e "Makin' Happy" cruzando garage com pop. Outras produções que valem a pena são "Those Days" ("Right") e a enigmada dupla Mass Order "Lift Every Voice".

BLAZE Trio de músicos pioneiros do garage. Paristas sonoros. Fazem questão de soar "antigos". Muito papo espiritual e boas músicas, embora a única que chegou perto de ser hit foi "Whatcha Gonna Do" de Stevie Wonder da Motown.

CE CE PENISTON Outra cantora garage a fazer o crossover para as paradas pop. "I'll Be Waiting" vendeu mais de meio milhão de cópias nos EUA. Seu segundo "We Got A Love Thang" também estourou e o terceiro, "Keep On Walkin'", segue mesmo caminho.

CRYSTAL WATERS Uma arquivista do departamento de polícia de Washington virou popstar da noite para o dia com a música "Gypsy Woman", "Makin' Happy" no remix de **Steve 'Silk' Hurley** é um clássico. Descoberta dos produtores **Basement Boys**.

DISCO De todas as vertentes da dance music o garage é a que descende mais diretamente, sem escalas, da disco dos anos 70. Afinal, garage é assumidamente um...

JOEY NEGRO Também conhecido como Dave Lee. Passou com o single "Do What You Feel" e seus remixes para **Adeva** que garagem inglês pode ser tão bom quanto da matriz americana.

JOMANDA Trio feminino de **Nova Jersey**. Sua faixa "Make My Body Rock" estourou em 91, primeira onda de garage em 89. Fazer mais sucesso o ano passado com "Got A Love For You".

LARRY LEVAN O maior DJ do Paradise Garage, cujo som e ambiente, segundo reza a lenda, inspiraram toda uma geração de novos músicos, DJs e produtores nova-iorquinos.

NOVA JERSEY Não se sabe bem por que, mas sete entre dez artistas de garage vem de Nova Jersey e adjacências, subúrbios metropolitanos de Nova York.

PHILADELPHIA SOUND O soul em transição para *disco* imortalizado nos anos 70 pelos artistas da gravadora Philadelphia International (O'Jays, MFSB, Harold Melvin). Para a dance music o som da Philadelphia é mais influente que a Motown.

ROGER S Ou Roger Sanchez. DJ e produtor nova-iorquino. Fez fama no circuito garage underground especialmente com a faixa "Luv Dancin'", do seu projeto Underground Solution.

SABRINA JOHNSTON Essa vocalista de **Nova Jersey** hipnotizou todas as pistas possíveis com seu hit dramático "Peace (In The Valley)".

SALSOUL Uma das gravadoras mais importantes da disco. Fundada por Vince Montana Jr., ex-vibronista do MFSB. Clássicos do selo como "Love Sensation" (Loleatta Holloway), "I Got My Mind Made Up" (Instant Funk) e "Let No Man Put Asunder" (First Choice), além de fonte de N samples deram todas as bases para a dance moderna, especialmente Italo house e garage.

SMACK PRODUCTIONS Produtora sediada em **Nova Jersey** que revelou ao mundo uma porção de talentos do garage, como **Adeva**, Paul Simpson e **Jomanda**.

STRICTLY RHYTHM Atualmente o selo mais in de garage. DJs chegam a comprar discos da SR sem conhecer a música ou o artista só pelo selo. Geralmente, vale a pena, como no caso do hit de pista "My Family Depends On Me" de Simone.

TONY HUMPHRIES Este DJ e produtor veterano é como Larry Levan, uma lenda da cena dance nova-iorquina. O status mitológico do seu clube Zanzibar só perde para o Paradise Garage. Humphries continua ainda hiperativo, remixando e produzindo muito garage.

URBAN SOUL Grupo nova-iorquino liderado pelo cantor produtor Roland Clark. Seus dois singles "Alright" e "Always" são objeto de culto máximo nos DJs e dançarinos mais antenados.

Stamp Rockwear

CAMISETAS BLUSÕES CALÇAS
RECEBA PELO CORREIO
MALHA MERCERIZADA TAMANHOS P.M.G.
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
TEL.: (011) 299-7478

CALÇAS DE MOLETON

CA1 CA2 CA3 CA4 CA5
CA6 CA7 CA8 CA11 CA13

DESCONTO 35%

ENVIE CHEQUE NOMINAL À STAMP OU VALE POSTAL JUNTO A SEU PEDIDO E GANHE 35% DE DESCONTO NA LOJA DA FÁBRICA: DESCONTO ESPECIAL

PREÇOS
MANGA CURTA/MC: Cr$ 65.000,00
MANGA LONGA/ML: Cr$ 79.000,00
BLUSÃO MOLETON/MT: Cr$120.000,00
CALÇA MOLETON/CA: Cr$ 115.000,00
BLUSÃO C/ CAPUZ/BZ: Cr$130.000,00
PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31/8
DE 01 A 15/9 AUMENTO DE 12%

PREENCHA O CUPOM AO LADO (OU CÓPIA) E ENVIE PARA STAMP: RUA HELIODORA, 321, SANTANA, CEP: 02022, SP/SP. VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DA SUA CASA. TODAS AS ESTAMPAS ESTÃO DISPONÍVEIS NOS 4 MODELOS: CAMISETA MANGA CURTA (MC), MANGA LONGA (ML), BLUSÃO SIMPLES (MT) E BLUSÃO COM CAPUZ (BZ).

ESTOU ENVIANDO CHEQUE ☐ VALE ☐ NO VALOR DE
PREFIRO PAGAR AO RECEBER ☐

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

Nome
End. ... .
CEP ... Cid Est.
Assinatura
RG Tel
IDADE SUGESTÃO PARA ESTAMPA

Ao vivo

LOU REED
Greek Theater (Los Angeles)

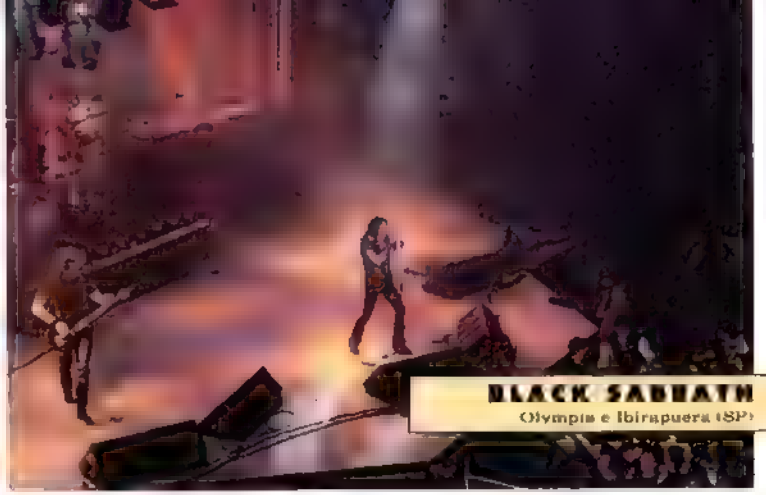
Era uma noite estranha, era uma noite negra, era uma noite tensa, era uma noite perfeita para se meditar sobre fim, finalização, perda — e, possivelmente, magia. Era a noite do dia 29 de abril em Los Angeles e, no momento em que se encheram as arquibancadas do pastoral Greek Theater — um anfiteatro ao ar livre no coração das Parque Griffith, no alto das colinas de Hollywood — o público sabia apenas que aquela já era uma data tristemente histórica maculada pelo veredicto de "inocente" dado aos policiais que espancaram Rodney King. Alguns haviam visto algumas cenas perturbadoras na TV: motoristas apedrejados e espancados nas esquinas de South Central Los Angeles — mas tudo parecia ainda algo remoto, um sonho ruim. E Lou Reed, austeramente vestido de negro — jeans, poletó, camiseta — num cenário despojado, acompanhado apenas por uma trinca afiada de instrumentos — baixo, guitarra, bateria percussão — deveria ser o quê? O oficiante de um ritual de purificação? O bruxo que haveria de transmutar nossa dor, culpa, vergonha, em celebração? Mas Lou não é um crente, ele diz em "Magician" e quem foi ao Greek esperando fuga encontrou consolo de uma espécie diferente, uma longa, tranqüila, frequentemente bela, mas nem sempre confortável meditação sobre a morte. Os acontecimentos que naquele momento sacudiam Los Angeles foram saudados com uma menção singela: "Estamos todos tristes hoje" disse Lou na abertura do show, "mas talvez com o poder da música, da beleza da música nós possamos afastar essa tristeza."

É bela, porém difícil, de fato foi a primeira parte da noite — Lou interpretando as catorze canções do álbum *Magic And Loss* exatamente na ordem em que elas aparecem no disco, e sem elocubrações maiores que a presença, ao vivo, do veterano cantor de r&b Jimmy Scott em "The Power and The Glory".

Muita gente se levantou e foi se encostar no bar: catorze canções sobre câncer, quimioterapia, morte, velório e cremação exigem uma introspecção talvez excessiva para uma platéia normal de rock'n'roll. O público queria ver os maiores sucessos, os "Sweet Jane", "Heroin" e "Walk on the Wild Side" e quando, na segunda parte do concerto, após um par de canções do álbum *Songs For Drella*, Lou rebeu, os big hits vieram com um travo meio amargo, como uma concessão, despachados com seca e quiçá apressada eficiência.

E quando afinal, após duas horas e meia de retiro e música, os angelenos se dispuseram a voltar à cidade triste que haviam deixado lá embaixo, ao pé das colinas de Hollywood, um pesadelo os aguardava. Do alto do Parque Griffith a cidade parecia a cena de abertura de *Blade Runner*, fumegante, incandescente. Era uma estranha coda para o canto de Lou Reed, começava ali quatro dias de revolta e dor, que estenderiam até o limite a capacidade de meditação que a platéia havia se recusado a exercer durante meras duas horas.

ANA MARIA BAHIANA



BLACK SABBATH
Olympia e Ibirapuera (SP)

O cheiro de naftalina das jaquetas de couro de uma legião de roqueiros "aposentados" se misturava ao suor da garagem que assumiu o metal na onda detonada nos 90. Em comum, ambas as tribos tem uma verdadeira adoração pelo Sabbath e praticamente todas as letras da banda na ponta da língua.

A alegria por finalmente, depois de quase vinte anos, poder ver os caras que deram cara para o termo "heavy metal" ao vivo era total.

Motivos não faltavam. Tony Iommi promovia no palco uma das maiores demonstrações do que significa peso. Sozinho ele faz muito mais do que os guitarristas das novas bandas conseguiram se tocassem todos juntos. Não é por menos que ele é considerado o pai da matéria.

Dio não é Ozzy Osbourne. Canta muito bem, os fãs adoram e é, mas definitivamente não tem aquele algo mais que faz de Ozzy um dos maiores gênios do vocal rock. O Dio parece um daqueles magrelos metaleiros que habitavam as madrugadas dos anos 70, gesticulando de maneira exagerada, tentando impor o clima macabro que Ozzy consegue simplesmente abrindo a boca. Chato é que teve muitas músicas da fase Dio no repertório.

Mas, descontando um solo de bateria digno de ser ao bar buscar nova rodada de cerveja para os camaradas e a ausência das esperadas "Changes", "Sabbath Bloody Sabbath" e "Symptom Of The Universe", o show foi grande. Revelou ainda que Geezer Butler faz muito mais do que armar camas sólidas para as guitarradas de Iommi e que Vinnie Appice é mais truculento e vigoroso do que o baterista original Bill Ward.

Se no Olympia a galera era comedida mas comportada, a coisa ferveu mesmo no Ibirapuera com uma multidão urradora se agitando para lá e para cá como um maremoto humano, principalmente durante clássicos como "Iron Man" e "Paranoid". Foi a vitória de um Tony Iommi, definitivamente puta velha, que viu seu grupo atravessar gerações passando de estigmatizado pela crítica à maior influência do melhor no rock de hoje.

CARLOS EDUARDO MIRANDA
DA FOLHA DE SÃO PAULO

ERASURE

Hammersmith Odeon (Londres)

Logo de cara dá para perceber uma coisa importante: a maior realização do Erasure está no seu público. Na primeira de 15 noites no Hammersmith Odeon — preferidas às duas na Wembley Arena —, sem dúvida, o lugar está abarrotado de principalmente dois tipos de pessoas: os gays em todo seu esplendor, de shorts apertados e até saltos altos. Há também o classe média mais média, gente que nunca vai a show algum, a não ser que a banda esteja nas paradas. Quem mais é que conseguiria reunir uma multidão tão incongruente?

O espetáculo dura três horas com intervalo e tudo e quase trinta músicas. Para quem havia se esquecido da enorme quantidade de hits do Erasure, cada um é uma surpresa atrás da outra. As cortinas se abrem — um ritual que todo show deveria ter — para revelar uma floresta e dois anjos que cantam. Andy Bell, de calça e camisa transparente, os lugares estratégicos cobertos por paetês, entra num cisne, e Vince Clarke, sempre tão discreto, numa carroça maquina saída de um filme de Terry Gilliam. O cenário vira navio para "Ship of Fools" e daí em diante os detalhes são tão numerosos que o público, mesmerizado, demora a dançar. Há dançarinos com roupas de baixo, criaturas que são metade homem, metade mulher, e muito brilho. "Love to Hate You" é uma brincadeira ao estilo dos anos '20, com Charleston e tudo, e "Chorus" é a primeira música que acende o fogo da platéia. Andy olha para o povo e suspira: "Tô vendo tanta gente com quem já dormi!". Aplausos! A sequência ABBA é o auge do show, quando Andy e Vince e as duas cantoras nos levam de volta ao auge da disco com suas roupas e danças: "Voulez Vous", "Take a Chance on Me", "SOS" e "Lay All Your Love On Me" convencem mesmo quem nunca gostou do quarteto sueco.

Depois do intervalo, a dupla volta para um passatempo tipicamente inglês: bingo. Alguém ganha um urso de pelúcia e a música recomeça. Desta vez o cenário é de faroeste com cactus, cowboys e o tema de "Feios, Sujos e Malvados". Andy, de fantasia de cowboy com nádegas de fora, canta "Stand By Your Man", sucesso de Tammy Wynette, e logo depois aparece de espartilho e salto alto. Em "Star", os dançarinos viram planetas e desaparecem para Andy se sentar num banco de parque e cantar "Somewhere Over the Rainbow" para uma platéia entusiasmada. Apesar de todos os sucessos, o primeiro, "Sometimes", continua sendo o favorito. Andy e Vince voltam para o palco de roupão — informalidade ensaiada — para interpretá-la. E nós vamos para casa assobiando felizes.

A comparação com a extravagância dos Pet Shop do ano passado é inevitável. Conclusão: aquele show era arte moderna e este, bem, é puro cabaré, com menos sutileza e mais ingenuidade. Diversão essencial.

ANAMARIA G. DE LEMOS

DISCOS

AVALIAÇÃO
INDISPENSÁVEL
BOA PEDIDA
VALE CONHECER
NÃO FAZ FALTA
MANTENHA DISTÂNCIA

DISPONÍVEL EM
CASSETE
COMPACT DISC

FAITH NO MORE
Angel Dust
(Slash/PolyGram)

A gravadora London disse que esse album é sucesso comercial para o Faith No More. E é mesmo. Não tem nada a ver com *The Real Thing*. "Epic", "Edge Of The World", todo mundo cantando junto e balançando as mãos e tascando sorvete na testa.

Não, isso é um esporro-purulento-paranoico-escroto-sanguinolento, cérebros explodindo multidirecionalmente, peças frustradas se rasgando no cimento e sangrando em cima de crianças miseráveis morrendo de fome. Demônios à solta. Adeus fazinhas puberas, adeus MTV, adeus tudo. Não tem uma porra de um sucesso neste disco. O Faith No More foi longe demais.

"Midlife Crisis", o primeiro single, da uma pista do disco mas não entrega o jogo. O prosaico (*A Small Victory*) é a coisa mais "fácil" de *Angel Dust*, mas suas possibilidades de sucesso foram abortadas com sete meses – os caras bolaram um trecho completamente anticomercial e esquisito no meio. Por que esse desejo de se matar? Não vem ao caso, mas é quase grande arte.

Angel Dust é Frankenstein, pedaços de generos estabelecidos que não estão mortos mas já fedem –metal, hip-hop, country, thrash – fundidos numa criatura única, simultaneamente podre e reverbando de vitalidade. O *NME* chamou de schizo-core, hardcore esquizofrenico. É um bom rotulo, mas não é suficiente.

Segunte: não tem uma letra samples no album. Daria para dizer que são quase poemas se não fosse soar tão pretensioso, poemas no sentido Wilham Burroughs da coisa. Exemplo 1: "os balanços do parquinho não me acomodam mais/ foclore: ninguem deveria acreditar que no primeiro ano tem aula/escreva cem vezes" (em "Kindergarten"). Exemplo 2: "Chegou a hora de falar com meus filhos/ vou dizer a eles exatamente o que meu pai me disse/ VOCÊ NUNCA VAI DAR EM NADA" (em "RV").

O detalhe é que não tem uma letra que dê para cantar junto. A estrutura das musicas não permite, e a voz de Mike Patton varia radicalmente e vai do velho falsete (pouco usado) a puro terror thrash a baladeiro canastrão.

É tão absurdo que no primeiro lado, logo depois de "Midlife Crisis", tem uma musica que parece Frank Zappa ("RV") seguida de um funk-metal sujão ("Everything's Ruined") e de outra que lembra Godflesh/Sepultura, distorção no talo e vocais monstro ("Malpractice").

Minha favorita, "Be Agressive" lembra um pouco "We Care A Lot", sugere sadomasoquismo, começa com órgão de igreja, tem coro infantil no refrão e guitarra wah-wah. Patton esta furioso: "O que outro deixaria para trás, cuspiria fora, desperdiçaria eu assumo como meu". Mas as coisas vão mesmo para o inferno em "Jizzlobber". E grito chuva dor primal, me arrancaram do útero, um pesadelo de distorção e desespero.

O que significa isso tudo? Não sei e não me importo. Vou deixar para alguem mais esperto que eu o trampo de decodificar *Angel Dust*.

ANDRE FORASTIERI

THE B-52's
Good Stuff
(Reprise/Warner)

Treze anos atrás surgiu um planeta chamado Claire. Dele vieram figuras que sintetizaram o que a cultura norte-americana tinha de mais ridículo e divertido: o jeito *nerd* de ser, desde a camisa de bolinhas até os penteados a bolo-de-noiva na cabeça da mulherada. Naquela época, quando a new wave imperava na constelação pop, o planetinha ficou conhecido e seus habitantes/criadores muito mais, virando uma das bandas cult da década. Mas isso tudo já consta nos autos.

O que ninguém nunca soube dizer ao certo era até quando duraria o som que os B-52's manipulavam. Em 76, quando se juntaram para compor a trilha sonora para suas histórias que mais pareciam roteiros de filmes classe Z com o auxílio de sintetizadores na linha do "meu primeiro Casiotone", nem eles imaginavam o que estaria por vir.

De lá para cá, muita coisa mudou. Mudaram os estilos, as tribos, as pistas. Até a postura dos B-52's se alterou. Em *Good Stuff*, o agora trio (sem Cindy Wilson) mostra que não abandonou o senso de palhaçada nem as cores fosforescentes, mas dão provas de consciência de onde se encontram — um mundo que não é nada parecido com uma festa. Além da dedicatória para "todos os irmãos e irmãs que estão vivendo à base de HIV," faixas com "Breezin'" e "Earth Revolution" deixam transpassar a apologia da paz e amor.

Como *Cosmic Thing*, este álbum ficou dividido na produção de Don Was e Nile Rodgers, que não deixam a peteca cair, embora não transcendam o "minimalismo" propositado do passado. Ainda que a faixa-título tente lembrar os bons velhos tempos com a alternância dos vocais neuróticos de Fred Schneider e Kate Pierson, a maioria das faixas foge do padrão new wave, descambando para o funk - caso de "Breezin'" — ou para o rock, como "Hot Pants Explosion". A mais estranha mostra ser uma das melhores: na longuíssima "Dreamland", um irreconhecível Fred parece invadir um congresso hare krishna relatando sonhos absurdos. Tudo numa viagem com synths pseudo-progressivos e percussão indiana. É o início da era de Aquário versão laranja e verde-limão.

JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO

NENHUM DE NÓS
(RCA/BMG-Ariola)

Até que eles tentaram fazer um bom disco pop – contando para isso com uma boa produção, baladas românticas, ecos dos anos 60 e um leve toque regional. Só que os gaúchos ignoraram regras básicas do pop, como a combinação letra/melodia e um refrão eficiente. Aqui, as letras – muito ruins – não se encaixam nas canções, cujos refrões nunca ficam na memória. Podiam ao menos ter evitado a versão pseudo-dance para "Sangue Latino", dos Secos & Molhados. Bowie não está mais sozinho.

M.A.G

THE FARM
Spartacus
(Columbia/Sony)

"Futebol, populismo e rock'n'roll" bem que poderia ser o mote do grupo The Farm, um dos mais queridos da cena indie dance de Liverpool. O engraçado é que o mesmo surgiu já pelos idos de 83, o que faz dele um iniciante não tão novo assim.

Quem ouve *Spartacus*, perceberá que o primeiro álbum da turma tem coisas bem melhores que o megahit "All Together Now". As guitarras de Keith Mullin e Steve Grimes são econômicas e operam com bom gosto nas faixas "Groovy Train" e "Hearts & Minds". No mais, dê um desconto para as letras panfletárias, encoste os móveis no canto da sala e caia na folia!

A.G.C.D

EDMON
(Columbia/Sony)

O soulman carioca Edmon estreia recomendado por Djavan e acompanhado por membros do bando do padrinho. Ele é legal, ou pelo menos engana bem: um ouvinte distraído arrisca ouvir boa parte de seu disco sem nem mesmo notar que Edmon está cantando em português e não é mais um da turma de Alexander O'Neal, ou Luther Vandross. Nada de ousadias nem batido forte. Edmon não faz funk, nem música para dançar eternamente. Seu negócio é trilha sonora para namoros.

R.C

GARY MOORE
After Hours
(Virgin/EMI-Odeon)

O outrora pesado Gary Moore guinou de vez sua guitarra para o blues na coda de "Still Got The Blues", hit radiofônico em 91. Tanto que aqui, "Story Of The Blues" segue a mesma linha baladeira e tem um arranjo idêntico. Não só em certos momentos juro-se ouvir Eric Clapton ("The Hurt Inside") ou mesmo Phil Collins ("Separate Ways"). Nem junto a bluesmen da gema como B.B. King ("Since I've Met You Baby") e Albert Collins ("The Blues Is Alright"), Moore conseguiu convencer.

C.P

SLAUGHTER
The Wild Life
(Chrysalis, EMI-Odeon)

Quem precisa de dois Guns N'Roses? Só a indústria do disco e a molecadinha incauta. Pior que o Slaughter nem é uma mera cópia dos GN'R. Parece sub-produto do heavy baba de bandas posers como o Bon Jovi, o Warrant e o Poison. Se você ficou tentado(a) a ter esse álbum na prateleira por causa de algum clip bonitinho na MTV, é melhor ir luçar na discoteca empoeirada de seu irmão mais velho. Certamente vai encontrar coisa bem melhor.

E.O

LIVE
Mental Jewelry
(Radioactive/BMG-Ariola)

Esta é uma banda formada por quatro rapazes sensíveis, preocupados com as guerras, a violência e, é claro, com a preservação do meio ambiente. O vocalista Ed Kowalczyk diz ser contra a "frivolidade" do rock atual e que se preocupa em "conscientizar as pessoas". Nada de sexo, drogas e muito pouco de rock'n'roll. Perto do Live, o U2 da época de "Pride" parece o Aerosmith. Se vivessem no Brasil, teriam uma dura disputa de espaço com a Plebe Rude.

R.C

THAIDE & DJ HUM
Humildade E Coragem
São
Para Lutar
(TNT)

Parece disco de coroca a estreia independente da dupla de frente do rap paulistano. Tem metais, percussão, baixão. Já abre com "A Norte", um charm com participação de Lady Rap. "Por Um Triz" tem sax de jazz e um refrão tem vocal com um pé na Nenê da Via Mantiqueira enquanto "Não Seja Tolo" tem lá seus sopros Black Rio, também.

Mas os campeões são "Nada Pode Me Parar" – algo como um rap-samba-funk moderno, com clima de pegação e bamboleio legal – e "Quem é Marginal, Quem é Cidadão". Esse passeio entre James Brown, George Clinton, Jorge Ben e não sei o que vem direto do Public Enemy.

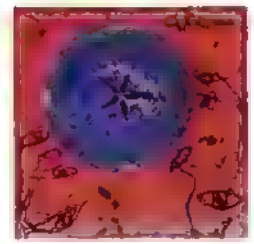
Qual o problema, então? Nenhum. Mas ninguém aprendeu direito ainda como fazer rap soar normal em português e Thaide não escapa disso. As sílabas separam de uma maneira esquisita. Nota alta pelo som, cinco pelo vocal.

A.F

YNGWIE MALMSTEEN
The Yngwie
Malmsteen Collection
(Polydor/PolyGram)

Por mais que seus fãs tentem negar, esta coletânea vem provar que o guitarrista sueco é um tremendo "malo" virtuosístico. Exemplos? Além de ter a cara-de-pau de posar em cima de "Spanish Castle Magic" (Jimi Hendrix), compôs uma música de mais de dez minutos chamada "Guitar Solo" (dividido entre "Trilogy Suite Op.5" e "Spacebo Blues"). Malmsteen não parece humano. Assemelha-se a uma máquina de reprodução de notas em alta velocidade, que utiliza o guitarra mais para exercícios com os dedos, do que para o prazer dos ouvidos. Mas se é essa engenharia rock-erudita que lhe apetece, aqui há um prato cheio.

E.O



THE CURE
Wish
(Fiction/PolyGram)

"Queria poder congelar o tempo." declarou recentemente Robert Smith. E é exatamente isso o que a Cure tenta fazer em *Wish*, um trabalho tão nostálgico e depressivo quanto o excerto do poema de Shelley impresso no encarte.

Depois dos desvios de personalidade registrados em 90 na coletânea *Mixed Up*, a banda volta com um álbum duplo forrado com as guitarras soturnas e quase orientais de Porl Thompson e Smith. Os relacionamentos rompidos são o tema da maioria das faixas. Em "End" e "Trust" o sempre chorosa Smith chuta e é chutado pelo ex-amado com uma familiaridade que chega a exagerar. As faixas menos depre, como "A Letter To Elise", "High" e o já megahit "Friday I'm In Love" (única realmente otimista no disco) com guitarras que lembram bastante os shoes gazers dominadores das paradas mid e atualmente) também têm aquela textura densa, povoada por garranchos estranhos e gatos, símbolos característicos da banda. É o bom retorno dos descabelados de botons borrados.

I.J.E.S

THE BLACK CROWES
The Southern Harmony
And Musical Companion
(Def American/PolyGram)

Existe quem pense que a transformação que o rock teve dos Faces até o Faith No More não pode ser chamada de evolução. Gente que não tem o interesse de conhecer o último sucesso do Cure e que acredita que o som de Seattle provou muita de Hendrix até o Nirvana. A banda The Black Crowes é formada por gente assim. Seu disco, *The Southern Harmony And Musical Companion*, parece saído direto de um túnel do tempo, vindo de 72.

É rock'n'roll com um pé firme no rhythm'n'blues. Bem tocado, como se fosse música de velhos matreiros como Keith Richards, Mick Taylor ou Ron Wood e não obra de gente de 23 a 26 anos. Não soa como nostalgia. Parece que a banda ficou hibernando por vinte anos e apareceu agora, com calça boca-sino e tudo mais. Sem idéia do que foi punk, discoteque, tecnopop, etc. São legítimos *freaks* que fazem shows pela liberação da maconha.

O grupo é da Georgia, liderado pelos irmãos Chris (vocais) e Rich (guitarra) Robinson, filhos de artistas da música country. No primeiro disco, *Shake Your Money Maker*, eles tiveram como tecladista o ilustre Chuck Leavell, o mesmo que acompanhava os Rolling Stones. Foi substituído à altura pelo desconhecido Ed Hawrysch. Marc Ford entrou no lugar de Jeff Cease na segunda guitarra, depois de correr um boato de que ele seria substituído pelo ex-Guns N'Roses, Izzy Stradlin (o que seria um grande salto de qualidade para este guitarrista).

O que falta para os Black Crowes serem uma banda ao nível dos Faces? Nenhuma das músicas tem um refrão forte, como se o grupo não soubesse que rock também é música pop, para tocar no rádio. Pelo jeito, é coisa intencional. O caso da versão para "Time Will Tell" (Bob Marley) é exemplar: eles desmontam a canção em uma espécie de batuque a la New Orleans, de um modo que é quase impossível identificar o refrão. E Chris Robinson pode ser a locomotiva da banda, mas perde feio na comparação com Rod Stewart.

Mas, com todos os problemas, esse disco poderia ser resumido no lado dois de um bom disco dos Faces. Quem mais poderia chegar a tanto no momento?

ROGÉRIO DE CAMPOS

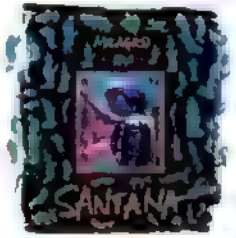
FABRICA FAGUS
...E O Circo Pega Fogo
(Mamelucos)

Contemporânea de Skowa & A Maf'a, Gueto, Thade & DJ Hum e outras bandas pro-swingue geradas no underground paulista por volta de 87, o quinteto Fabrica Fagus só agora chega ao primeiro álbum. Ainda assim, graças à força de vários amigos e a uma produção "as próprias custas" – coadjuvada por André "Mulheres Negras" Abujamra.

Se a qualidade técnica da gravação nem sempre está a altura da competência do grupo, faixas como o raggamuffin' "Leg's That" e o samba-funk "Pessimos Dias" confirmam quão equivocadas são as gravadoras na hora de selecionar seus artistas. AGCC

JOE COCKER
Night Calls
(Capitol/EMI Odeon)

Cocker tenta retomar seus dias áureos, pós Woodstock, com o apoio do tecladista e velho colega Chris Stainton e covers que vão de hits do Free e do Blind Faith ate Prince ! Mas 22 anos de binto e outras detonações deixaram marcas em sua garganta rouca. Ate a recorrencia a Lennon & McCartney – com "You've Got To Hide Your Love Away" nos moldes de "With A Little Help From My Friends" – soa vã, sendo patética. CF

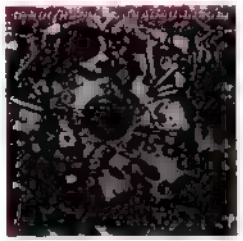


SANTANA
Milagro
(Polydor, PolyGram)

O guitarrista mexicano apela para a ajuda além em *Milagro*. O disco abre com o falecido empresário Bill Graham apresentando Santana. Depois tem outro discurso, de Martin Luther King. Então vem "Somewhere In Heaven". "Em algum lugar...no Paraíso/Existe um lugar...esperando por você e eu." Na sequência, entra "Right On", homenagem a Marvin Gaye. Outras duas mortas ilustres, Miles Davis e John Coltrane, tocam em "A Dios", de Santana, Coltrane e Gil Evans (épa! mais um cadáver!). A letra é curta porém sugestiva: "Adios, mis amigos, adios/Hasta mañana". Se eu fosse amigo do Santana, estaria preocupado. RC

SERGIO MENDES
Brasileiro
(Elektra/Warner)

Ele sempre fez uma mistura de 'MPB para-gringo-ver' e pop jazz. A novidade aqui é que a fórmula – devidamente modernizada – é acrescida do suingue baiano de Carlinhos Brown e do grupo de percussão Vai Quem Vem. Brown assina cinco das músicas do disco e é responsável por qualquer pingo de autenticidade que ele possa ter. Até mesmo Hermeto Paschoal, que comparece com sua "Pipoca" transformada em trilha para restaurante, sucumbe à breguice caretona do arranjador Sergio Mendes. CEM



HANOI-HANOI
Coração Geiger
(EMI-Odeon)

Seguindo uma trilha diferente do industrialismo que a capa sugere (e uma percussão primitiva que comparece no disco), o Hanoi-Hanoi conseguiu seu melhor trabalho até hoje. Até o rock meio chupado da faixa-título "Toda Canção De Amor" passa bem quando se presta atenção às boas letras. E uma feliz bizarria é reservada para o final: "Gods" cita alguns nomes de divindades amparado por uma batucada de terreiro. JLES

DEEP PURPLE
Knocking At Your Back Door (The Best Of Deep Purple In The 80's)
(Polydor/PolyGram)
VAN HALEN, SKID ROW, FASTER PUSSYCAT & OUTROS
Masters Of Metal - Vol. 1
(Warner)

Como reunir o melhor do Deep Purple nos anos 80 se sua fase áurea foi no início dos 70? Então, para dar "molho" à seleção, eles requentaram versões de "Smoke On The Water" e "Black Night", já usadas no ao vivo *Nobody's Perfect* (88). Até a medita instrumental "Son Of Aleric" só comprova a chance da fase atual do grupo. Já o coletânea *Masters Of Metal - Vol. 1* devia chamar-se "masters of ballads". Só se salva o hard rock do Faster Pussycat e até o Van Halen está mal representado com "When It's Love". EO

ARRIGO BARNABÉ
Façanhas
CELSO PIXINGA E PAVIO CURTO
A Light At The End Of The Tunnel
TNT (TODAS NA TRAVE)
(Cameraty)

É difícil se referir a um pacote de uma gravadora independente sem um bom grau de simpatia. Ainda mais se os lançamentos em questão não se limitam ao vinil e também se apresentam como cassete e CD (este feito e mostrado nos EUA). Mas as três primeiras edições digitais do selo de Santo André (SP), realmente deixam a desejar, não na parte técnica e sim pela criatividade.

Arrigo Barnabé vem com *Façanhas*, reunindo seus trabalhos depois de quatro anos sem gravar. Pelo ouvido, pouca coisa mudou. Ele continua com os experimentos dodecafônicos, as "pesquisas" em MPB, o humor "universitário" e os vocais de jacaré. Chegou ao cúmulo de musicar um trecho da Divina Comédia ("Canto I Do Inferno"), com tradução de Augusto de Campos.

O bacana Celso Pixinga e o grupo Pavio Curto limitam-se a usar e abusar de clichês do jazz fusion em *A Light At The End Of The Tunnel*, bem como o TNT (Todas Na Trave) em seu disco – que ao menos tem o bom trabalho da guitarrista Paulka. Tomara que os próximos lançamentos do selo (que incluem os grupos Rumo e Inocentes) sejam mais felizes. CP

OVERDOSE
Circus of Death
ATTOMICA
Disturbing The Noise
GOTHIC VOX
Supplicamentum
(Cogumelo)
P.U.S.
(Maggot)

O metal brasileiro chega à maturidade em tempo hábil para disputar seu espaço no mercado, sendo que os méritos em grande parte se deve ao selo independente mineiro Cogumelo. Ele abriu espaço na raça, pertando o lançamento de discos "inviáveis" para uma gravadora grande. O esquema é simples: sessões de estúdio rápidas, quase sempre com o mesmo produtor e divulgação e distribuição independentes. O resultado, ainda que momentâneo, acabou dando bons frutos.

O Overdose mostra o quanto valem sete anos de estrada. Sua música evolui muito, filtrando devidamente as influências thrash e fazendo a cabeça bater instintivamente. Esse *Circus Of Death* pode ser o passaporte definitivo para tentarem uma carreira internacional. Confira em porradas como "The Zombie Factory", "Violence" e "Beyond My Bad Dreams".

O Attomica é mais puxado para o heavy tradicional e tem vocais meio forçados. Mesmo assim, sobram motivos para se encarar a audição desse *Disturbing The Noise*, principalmente pelas boas bases de guitarra e pelo trabalho do produtor Gaugum, que tem acertado a mão.

Mas a grande surpresa é o *cybermetal* do Gothic Vox (veja matéria nesta edição). Lembra um pouco grupos como o Voivod e o Prong mas tem personalidade própria. A gravação precária de *Supplicamentum* roubou bastante do peso dos caras, mas as boas idéias permaneceram nítidas. Literalmente, eles filosofam alto. "O Universo é uma superstição", cantam à certa altura em meio a samples que incluem sinos apocalípticos e música árabe.

Outra que promete é a banda P.U.S. (Porrada Ultra Suicida). O disco homônimo de estréia, produzidos por eles mesmos, é de uma violência cavalar. Death metal para maluco nenhum botar defeito. As letras são podres e satânicas, como convém ao gênero, mas não sofrem do mal da imbecilidade.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

DEEE-LITE
Infinity Within
(Elektra/Warner)

Quem apostou que o Deee-Lite não passava do primeiro disco, errou feio. Dois anos depois, eles soltam mais um petardo, tão *deee-lovely* quanto seu álbum de estréia, *World Clique*.

É verdade que, dessa vez, não há nada tão extasiante quanto "The Groove Is In The Heart", já um clássico dance. Também está de fora aquela alegria desmedida que permeava todas as faixas do primeiro disco. *Infinity Within*, como o próprio nome indica, é um trabalho mais "para dentro" – menos direto e pop, mais detalhista e cool.

Não se engane: o Deee-Lite é e sempre será uma festa. Apesar de Lady Miss Kier ter dito por aí que este era um álbum "político", a chatice passa longe. Os DJs Dmitry e Towa Towa continuam fazendo miserias com os samplers em seu mix de soul, funk, disco, house e teeno (sempre em breves pinceladas, sem exageros). Há pelo menos quatro grandes momentos. "Runaway" põe fogo em qualquer pista, com um refrão que não sai mais da cabeça. Outro hit certeiro é "Thank You Everyday", o momento mais disco do álbum, lembrando "Power Of Love". "Kiss me you fool...", convida Miss Kier entre sussurros e miados na arrepiante "Pussycat Meow", enquanto o trio volta a surpreender com a batida lenta de "I Won't Give Up", onde sax e teclados servem de contraponto para os vocais sinuosos de Kier.

Na categoria "esquisitices" entram as quase vinhetas "I.F.O." e "Vote, Baby, Vote", duas orgias de samples. Eles ainda se aventuram com sucesso pelo raggamuffin' em "Two Clouds Above Nine" e pelo funk em "Fuddy Duddy Judge".

Um pouco abaixo, mas ainda mantendo o nível, temos "I Had A Dream, I Was Falling Through A Hole In The Ozone Layer", um tema house melhor do que o título faz supor, e "Heart Be Still", onde são os metais que induzem à dança. Sobram as banais "Rubber Love" (tem favor do uso da camisinha) e "Electric Shock" (entre as faixas-bonus do CD e do cassete, destaque para a lenta "Love Is Everything").

Esse disco é mais uma prova de que a dance music não vive só de singles. E ainda tinha gente dizendo que eles deviam desistir e abrir uma butique... MARISA ADAN GIL

LAURA FINOCCHIARO
(RCA/BMG-Ariola)

Em seu álbum de estreia por uma grande gravadora, o velho conhecido do underground paulista deixa para trás suas raízes roqueiras e ataca de dance e world music. No primeiro lado, totalmente dançante, algumas boas idéias – não é que "Cannhoso", com um pouco mais de ousadia, funcionaria como dance? Mas elas acabam soterradas pela produção pobre que tira as chances de "Gata Da Rua" virar um hit. Já o outro lado é desperdiçado em malfadados exercícios de world music. Esqueça. MAG

BARÃO VERMELHO
Supermercados Da Vida
(Warner)

OK, a mescla r&b/latinidad/rock n'roll ainda é a cara do Barão mas esse álbum sinaliza com novidades de timbres e estilo. "Comendo Vidro", por exemplo, vem com arranjo jazzy tipo fim-de-noite, com direito a piano acústico, saxes e baixo de pau. Em "Flores Do Mal", a união do santana de Sivuca com violões folk expõe eventuais ousadias dos Cowboy Junkies, enquanto a balada "Sombras No Escuro" agregou compassos de valsa. Interessante. AGCD

ALÉM DO NIRVANA

Boas surpresas em nova safra da Sub Pop

Enquanto as atenções se centram em Kurt Cobain & Cia., convem tambem dar uma geral em outros nomes do selo de Seattle, que aportam por aqui via Studio Tan — A. Joaquim Eugenio de Lima, 1.220, S.Paulo, 011) 887-9082 —, responsável por edições limitadas de CDs do Mudhoney (*Every Good Boy Deserves Fudge*) e do Tad (*8 Way Santa*). Entre os títulos disponíveis há grupos que seguem — com maior ou menor competência — a linha pesada celebrizada pela gravadora. O quarteto **AFGHAN WHIGS**, de Cincinnatti, está entre os melhores. Com arranjos e melodias de progressões inusitadas, eles aparecem em **Congregation** com dez canções proprias e uma versão pouco escrachada de um tema da opera-rock *Jesus Christ Superstar* ("The Temple"). Já o **SEAWEED** traz uma sonoridade muito proxima à do trio Husker Du, apesar de ser um quinteto. Pauleira basica e refrões ganchudos compõe o cardápio de **Weak**. Enquanto isso, o **LOVE BATTERY** prefere atacar com um noise psicodélico de climas "viajantes" em **Dayglo** e os **DWARVES** fazem a linha "podreira terminal" em **Thank Heaven For Little Girls** ("Who's Fucking Who", "Fuck Em All" e "Fuck Around" estão entre as faixas). Mas os lançamentos que saem do famigerado "padrão barulho" da Sub Pop é que adquirem um interesse especial. É o caso do punk blues do quinteto

The Reverend Horton Heat (à direita), mas os discos dos Afghan Whigs (acima), do Seawead, do Love Battery e dos Dwarves (abaixo)

The Monkeywrench ou dos versos afiados de Steven Jesse Bernstein (veja a seção *Zona Franca* do mês passado e deste número, respectivamente). E não só: **THE REVEREND HORTON HEAT**, um legítimo ás do rockabilly perdido na terra do *grunge rock*, chega com seu album de 90, **Smoke'Em If You Got'Em**. Com canções como "Psychobilly Freakout", "Put It To Me Straight" e "Marijuana". Precisa dizer mais? *CELSO PUCCI*

A PRIMEIRA DAS INDEPENDENTES

Uma caixa antológica celebra o selo pioneiro britânico Stiff

Hoje em dia, os selos independentes não são mais novidade. Há aproximadamente uma década, eles vêm tomando uma parcela cada vez mais significativa do mercado, primando pela ousadia, diversidade — qualidades nem sempre presentes nas grandes gravadoras — e se constituindo num negocio bem sucedido. Afinal, R.E.M., Guns N'Roses e Nirvana estão entre os que surgiram dentro desse esquema, assim como do lado brasileiro o Sepultura apareceu através da *indie* mineira Cogumelo.

Mas o começo de toda essa história pode ser reportado ao cenario do *pub rock* britânico, em meados dos anos 70. Foi quando os empresários Jake Riviera (Dr Feelgood) e Dave Robinson (Graham Parker) tomaram emprestadas quatrocentas libras de Lee Brilleaux (vocalista do Dr Feelgood) para lançarem o compacto "So It Goes"/"Heart Of The City", de **NICK LOWE**. Foi o primeiro de uma série de artistas impulsionados pela gravadora, que além da turma do *pub rock* (**DR.FEELGOOD, GRAHAM PARKER & THE RUMOUR, DAVE EDMUNDS**), expandiu suas edições para os mais diversos domínios. Da então emergente new wave inglesa (**ELVIS COSTELLO, IAN DURY & THE BLOCKHEADS**) e americana (**DEVO, LENE LOVICH**), passando pelo ska do **MADNESS** e pelas raizes reggae de **DESMOND DEKKER**, até chegar ao folk etilico do combo irlandês **THE POGUES**, a importância do selo Stiff se traduz pelos próprios títulos que editou até encerrar atividades, em 87.

Retratando os momentos mais significativos dessa trajetória, as 96 faixas da caixa quádrupla **The Stiff Records' Box Set** (Demon) formam um ótimo painel do cast de uma pioneira na independência. *C.P*

JÓIAS DO REI

Caixas, edições especiais e CDs piratas de **ELVIS PRESLEY** existem de montão por aí, mas **The King Of Rock'N'Roll** (RCA) parece ser o pacote que melhor representa sua aura real em toda plenitude.

São cinco discos que cobrem a fase de ascensão do primeiro superastro pop, desde o famigerado acetato que gravou para sua mãe em 53 até as gravações iniciais que fez para a RCA, passando por todo o período da lendária gravadora Sun. Um dos CDs, intitulado *Rare And Rockin'*, é composto de quinze *outtakes* inéditos, incluindo uma canção nunca lançada ("Fool, Fool, Fool").

Acompanha a caixa um livro de oitenta páginas, com material de arquivo do próprio coronel Tom Parker, seu empresário. *C.P*

A NATA DO ROCK

Afinal o **CREAM** - só representado por aqui em algumas faixas na caixa *Crossroads*, de Eric Clapton - alcança as prateleiras nacionais com a coletânea **Strange Brew - The Very Best Of Cream** (Polydor/PolyGram).

São doze faixas estrategicamente retiradas dos quatro álbuns e de dois singles do trio, dando uma boa geral na rápida, mas marcante reunião da guitarra de Clapton, com o baixo de Jack Bruce e a bateria de Ginger Baker (de julho de 66 a novembro de 68). Foram eles que inventaram o conceito de *power trio*, antes mesmo do Experience, de Jimi Hendrix. Exerceram influência incisiva no heavy metal (pelo peso) e no rock progressivo (pelos longos improvisos) que vieram depois. Mas daí o problema: como ainda aturar as *jams* e solos intermináveis que caracterizavam esta faceta do trio?

Sabiamente, esses desvios foram evitados na presente compilação, que entre outros hits traz "Badge", "Sunshine Of Your Love", "I Feel Free" e as versões para "Crossroads" (Robert Johnson) e "Spoonful" (Willie Dixon). *C.P*

IMPRESSÕES DIGITAIS

Blow Up, a antológica trilha sonora do filme de Michelangelo Antonioni estréia em versão digital, via Sony americana. Além do *score* jazzistico devidamente providenciado por **HERBIE HANCOCK**, a bolacha também comporta a versão de "Stroll On" tocada em cena pelos **YARDBIRDS**, com o notório duelo entre Jimmy Page e Jeff Beck • Duas "crias" de Frank Zappa através dos selos Straight/Bizarre no fim dos anos 60, compartam com edições raras em CD. **CAPTAIN BEEFHEART AND THE MAGIC BAND** chegam com seu som indefinível em **The Legendary A&M Sessions** e **ALICE COOPER** e seu grupo original surgem com o inédito **Live At The Whiskey-A-Go-Go 1969** (ambos do selo inglês Edsel) • Aos admiradores do **SONIC YOUTH**: o fã-clube Sonic Death (P.O.Box 1588, Bloomfield, New Jersey, 07003, USA) oferece entre vários itens de colecionador, dois CDs. **Live At The Continental Club** apresenta o quarteto num show de 86 tocando músicas do álbum *EVOL*, enquanto o outro disco reúne as demos de *Goo* (90) • Do lado nacional, o **BARÃO VERMELHO** tem mais um par de CDs lançados pela Warner: **Rock'N'Geral** (87) e **Carnaval** (88). *C.P.*

DISCO DO MÊS. **SOUNDGARDEN Badmotorfinger** (Def American/PolyGram)

...a vem o "...ardim sonoro"! Depois do N...vena ter arrebatado o primeiro lugar na estreia da nova fase desta seção, outra parada de Seattle despontou na cabeça, com uma porrada sonora a altura. Revitalizando suas influências do heavy setentista, o quarteto liderado por Chris Cornell conseguiu um disco onde peso, boas letras e melodias se equilibraram com perfeição. Em suma, uma boa resposta para aqueles que os acusam de serem uma mera cópia desbotada do Black Sabbath.

SLAYER — Decade Of Aggression - Live — Def American/PolyGram

URBAN DANCE SQUAD — Life #Perspectives... — (Para BMG Ariola)

RATOS DE PORÃO — RDP Vivo — Estúpido

MANO NEGRA — King Of Boogie — [illegible]

MIDNIGHT OIL — Scream In Blue - Live — [illegible]

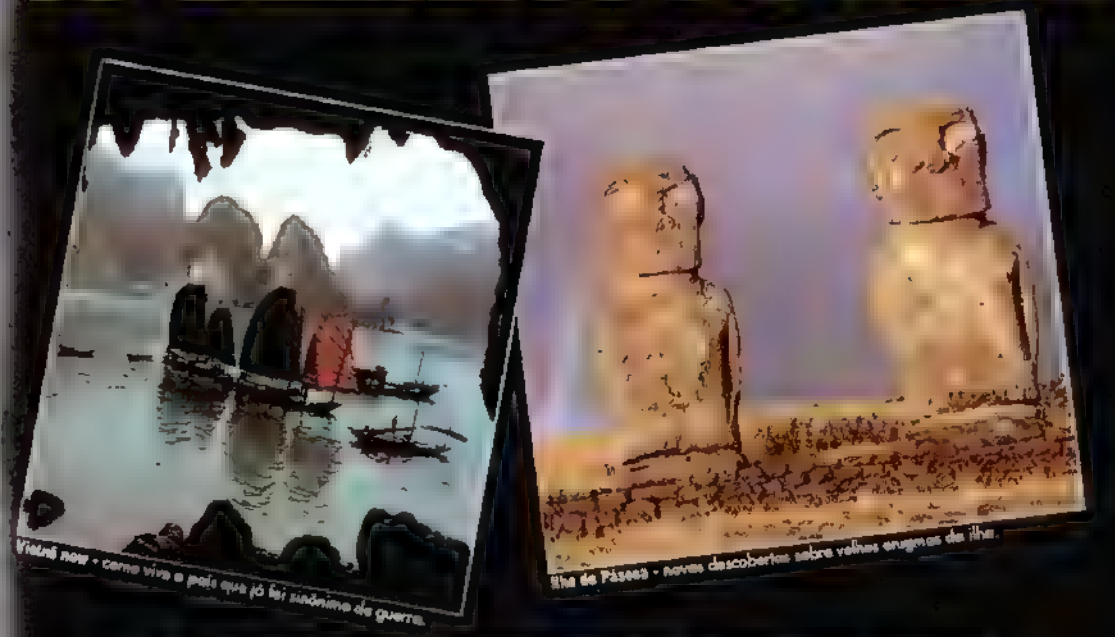
6	7	4	6	2	0
10	9	7	7	6	1
-	5	7	8	7	5
9	8	10	-	7	8
8	7	7	6	7	-
8	6	7	6	5	7
10	9	8	9	5	2
7	8	7	7	5	5
9	9	8	8	7	8
7	6	6	6	8	7
7	8	7	7	7	8
8	7	8	7	8	9

CLASSIFICAÇÃO GERAL

ARTISTA/DISCO	MÉDIA	ARTISTA/DISCO	MÉDIA
1 SOUNDGARDEN		7 [illegible]	
Badmotorfinger (Def American/PolyGram)	8,09	[illegible] (Warner)	5,09
2 SLAYER		8 MANO NEGRA	
Decade Of Aggression - Live (Def American/PolyGram)	7,42	King Of Boogie (BCA/BMG Ariola)	4,83
3 URBAN DANCE SQUAD		9 BOYZ II MEN	
Life #Perspectives Of A Genuine Crossover (BCA/BMG Ariola)	7,37	Cooleyhighharmony (BCA/BMG Ariola)	4,60
4 RATOS DE PORÃO		10 [illegible]	
RDP Vivo (Estúpido)	7,09	Automático (Phonogram/PolyGram)	4,27
5 MANO NEGRA		11 MIGHTY SOUND POWER	
King Of Boogie (Virgin/EMI-Odeon)	6,17	Up (BCA/BMG Ariola)	3,54
6 MIDNIGHT OIL		12 [illegible]	
Scream In Blue - Live (Columbia/Sony)	5,45	[illegible] (Warner)	1,40

GRAVADORAS INDEPENDENTES [illegible]

CONHEÇA OS CAMINHOS DA TERRA



Vietnã now - carne viva e pois que já foi sinônimo de guerra.

Ilha de Páscoa - novas descobertas sobre velhas enigmas das ilhas.

O melhor em aventura, natureza e ecologia você encontra na revista *Os Caminhos da Terra*.
Fotos belíssimas e um texto ágil e inteligente levam você aos mais remotos cantos do mundo, desvendando incríveis mistérios da natureza e vivendo aventuras indescritíveis. Venha percorrer estes caminhos!

Na edição deste mês você vai curtir ainda:

- ***El Niño*** - o fenômeno meteorológico que enlouquece o clima do planeta.
- ***Big Wall*** - o mais novo desafio para os alpinistas, no Parque de Yosemite.
- ***Fernando Gabeira*** - o escritor e ecologista mostra o absurdo de Angra II, em plenos tempos de ecologia.
- ***Exclusivo*** - a descoberta de quatro novas cavernas no Vale da Ribeira.

REVISTA

Os Caminhos da Terra

AVENTURA • NATUREZA • ECOLOGIA

EDITORA AZUL

Uma Emoção Atrás da Outra

NAS BANCAS

Entre a zoeira fim-de-mundo do Godflesh e o avant hardcore do Fugazi, temos *alethal metal* vindo do trio **FUDGE TUNNEL**, vindo da cena inglesa de Birmingham. Em sua estreia, **Hate Songs In E Minor** (Earache), eles formulam atmosferas de pura claustrofobia. Além de material próprio ("Cat Rat", "Soap Anal Water" "Bed Crumbs") com melodias sempre inesperadas, o grupo mostrou uma tremenda cara-de-pau ao regravar os "dino-hits" "Sunshine Of Your Love" (Cream) e "Cat Scratch Fever" (Ted Nugent), a quem o disco é dedicado.

ARTHUR G. COUTO DA ARTE

O único adjetivo para este disco é furioso. Para quem acha que negão só faz samba soul, reggae ou rap, o **BODY COUNT**, grupo paralelo do rapper Ice T – estreia com um disco homônimo que é a trilha sonora ideal para os conflitos raciais que andaram detonando nos EUA. Não é à toa, uma das músicas chama-se "Cop Killer" "matador de tira") e motivou uma onda de censura e protestos em todo o país, em virtude das palavras de ordem entoadas ("Fuck the police, motherfuckers" e "Fuck you !".

A própria gravadora, Sire/Warner, hesitou entre lançar o disco com o título original (o mesmo da canção) ou sem a notória faixa. Prevaleceu uma solução intermediária, com sua inclusão e com as palavras "cop killer" apenas tatuadas no peito da figura que ilustra a capa.

O som é uma parede de uma violenta. O hardcore dos caras é de arrancar as obturações de Sid Vicious da cova e sempre vem permeado com muito humor negro.

RUI MENDES

Ele aparentava ser um sobrevivente de Auschwitz e espiritualmente estaria entre Gil Scott Heron, Woody Allen e Iggy Pop. Poeta, escritor e autor teatral com mais de duas dezenas de trabalhos lançados, **STEVEN JESSE BERNSTEIN** suicidou-se no ano passado, aos 40 anos. Estava gravando esse **Prison**, onde interpretava seus poemas musicados por Steve Fisk, num padrão sonoro bem diferente do usual no selo Sub Pop.

Os versos provocativos de criações como "No No Man (Part One)" a única que ele chegou a concluir, "Morning In The Sub-Basement Of Hell" e "Party Balloon" mostram bem a língua afiada de SJB. Mas é em "Face" um monólogo de quase treze minutos ' que ele disseca sua tragédia pessoal: por omelete aos quatro anos, gozações dos colegas, fracassos amorosos e extrema solidão, para finalizar: "Sempre soube que havia algo de errado com minha cara". Em matéria de depre, até o personagem de "Harry's Circumcision", de Lou Reed, perde.

CELSO PUCCI

Mesmo que você nunca tenha ouvido falar no quarteto **THE TROGGS**, decerto já escutou ao menos uma das músicas deste pilar do rock inglês nos anos 60: "Wild Thing", celebrizada por Jimi Hendrix num single de 66 e no festival de Monterey.

Agora a banda resolveu dar uma injeção de vitalidade em sua carreira - e bem da verdade, eles nunca acabaram, apenas sumiram de vista - e lançar **Athens Andover** (Essential), o primeiro álbum que gravam em quinze anos. O título é uma barretada à banda que deu o chute inicial nesse comeback com a inclusão de um antigo clássico de ela ("Love Is All Around") num especial acústico da MTV o R E M.

O trabalho foi feito da colaboração entre o vocalista Reg Presley e os músicos do R E M., a partir de suas respectivas cidades-natais (Athens e Andover) e mostra a similaridade entre as linhas musicais de ambas as bandas, sempre pautadas na simplicidade e eficiência.

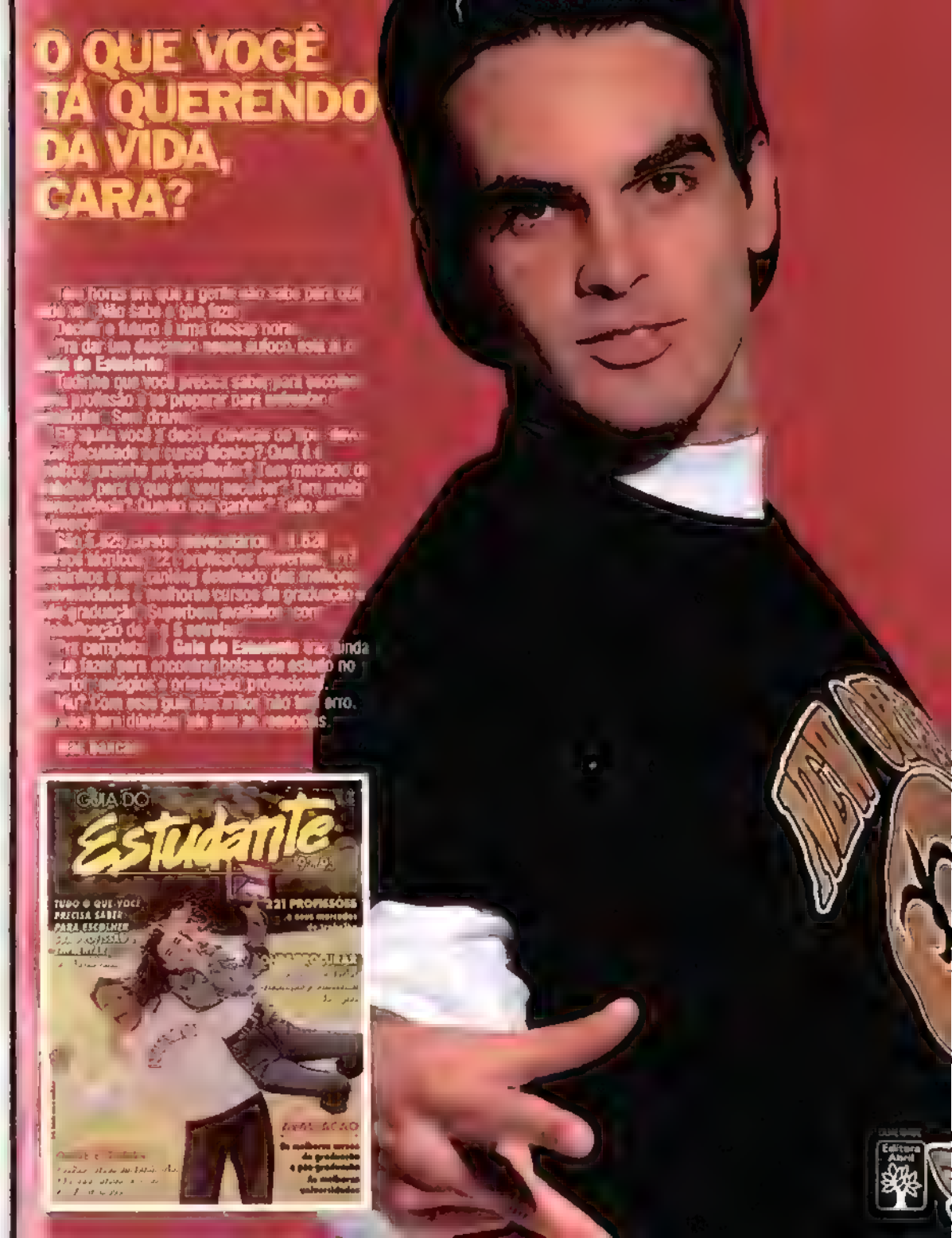
JOSÉ EMILIO RONDEAU

Formado no início dos anos 80 por dois críticos musicais, o trio americano **YO LA TENGO** sempre teve com um pé na contramão da independência, na trilha de certa tradição que passa por Velvet Underground, Neil Young e Sonic Youth. Em **May I Sang With Me** (City Slang), seu quinto álbum, isso se revela novamente: "Five-Cornered Drone (Crispy Duck)" faz da voz da baterista Georgia Hurley uma colisão entre Nico e Kim Gordon, enquanto "Mushroom Cloud Of Hiss" tem hipnóticas variações de guitarras.

FABIO MASSARI

Que os EUA vêm absorvendo a EBM européia não é novidade (vide NIN, Revolting Cocks, Consolidated), bem como a California se transformou numa espécie de Seattle das bandas eletrônicas. Para confirmar, anote o nome do selo especializado If It Moves e corra atrás da compilação **The Cyberflesh Conspiracy**, só com a nova geração americana **CHEMLAB**, **DIATRIBE**, **SLEEP CHAMBER** e outros que você dificilmente encontrará em outro lugar.

ENEAS NETO



READY STEADY GO!
Vol. 1
Direção: Vários. 1984
(55 min., mono, EMI)

O programa de TV inglesa *Ready Steady Go!* não era especialmente ousado, nem tinha apresentadores muito espertos, mas teve a sorte de estar no lugar certo, na hora certa. O lugar era Londres e o momento eram os anos 60. Assim ele teve a chance de mostrar o início e o auge da *Swinging London*. Beatles, Stones, Who, por exemplo, eram presenças frequentes. A fita *Ready Steady Go! Vol. 1*, lançada pela EMI, mostra alguns dos melhores momentos do programa.

Tem Beatles, Stones e Who, mas o mais legal são imagens como a da primeira aparição da Animals na TV, quando a banda tinha apenas sete meses de existência. E o Them, com o Van Morrison de terno e gravata cantando sua clássica versão de "Baby Please Don't Go", o primeiro hit da banda.

A fita também tem o mérito de mostrar gente como as cantoras Sandie Shaw, Cilla Black e Dusty Springfield, que no Brasil só aparecem mesmo é na coluna Jukebox, do Rene Ferri.

Lulu, aquela cantora de *Ao Mestre Com Carinho*, aparece com quinze anos cantando seu primeiro sucesso, uma versão de "Shout". O comediante Dudley Moore canta "Goodbye-ee", que não é grande coisa mas pelo menos serve para mostrar que um dia Moore foi engraçado.

O problema da fita é a edição. Não traz nenhuma informação como datas etc., e o último clip, em que os Rolling Stones tocam "Paint It Black", é interrompido no meio para a entrada dos créditos. Outro problema são as legendas brasileiras, que erram até os nomes dos artistas: Billy Fury, por exemplo, vira "Billy Nilly", e Sandie Shaw, vira "Sandy Shore". Os Stones não tocam "Paint It Black", mas "Pointed Black".

A EMI já lançou a fita *The Beatles Live*, só com as apresentações que a banda fez no *Ready Steady Go!* em 1964. A série dedicada ao programa continua com um volume dedicado aos artistas da Motown, mas tem muito mais coisa que pode vir por aí como a fita só com Rolling Stones, outra só com Otis Redding e fitas como essa, dedicadas a artistas diversos.

ROGERIO DE CAMPOS

PETER TOSH
Live
Direção: Michael C. Collins. 1984. (60min. estéreo, EMI)

Peter Tosh Live mostra um show que o cantor jamaicano fez em agosto de 1983, ou seja, quatro anos antes de sua morte. Tem os hits "Get Up, Stand Up", "Equal Rights", sua versão reggae de "Johnny B. Goode" e muito sermão religioso, em que Tosh avisa que Jah vem aí para detonar os infiéis. *R.C.*

MC HAMMER
Please HammerDon't Hurt'Em
Direção: Rupert Wainwright. 1990. (60 min. hi-fi estéreo, EMI)

Mais sermão religioso no vídeo *Please HammerDon't Hurt'Em*, do MC Hammer. Mas o padroeiro Hammer não é bobo. Sabe que sermão só enche a barriga dos profissionais da área e que só mesmo dançarino de aeróbica aguenta ver aquele pula-pula que caracteriza seus videoclips. Então o que ele fez? Montou esse *Please Hammer Don't Hurt 'Em* como um filme musical com um enredo que conta a luta de Hammer contra um traficante de drogas que está levando crianças para o mau caminho. *R.C.*

JOHN LENNON
Imagine
Direção Lennon e Yoko Ono. 1972. (60 min., hi-fi estéreo, EMI)

Não confundir esse *John Lennon - Imagine*, que a EMI está lançando, com o documentário *Imagine: John Lennon*, lançado em 1988 nos cinemas (e também disponível em vídeo). Este é um filme que Lennon e Yoko Ono fizeram em 72. Mostra cenas domésticas da vida do casal, passeios pelo campo, visita de amigos famosos como Fred Astaire, Miles Davis, Jack Palance e Andy Warhol, mais passeios pelo campo, cenas surrealistas, Yoko Ono fazendo cara de inteligente, outros passeios pelo campo, etc. Tudo ao som de canções retiradas dos discos *Imagine*, de John, e *Fly*, de Yoko. A maior parte das cenas já foram muito usadas nos inúmeros programas de TV dedicados a Lennon. *R.C.*

IMPORTADOS

SUGARCUBES ***Murder And Killing In Hell*** *(GB, 92, One Little Indian)* Björk & Cia. num show feito na Manchester Academy em março passado, com 74 minutos de sucessos antigos ("Deus", "Birthday") e novos ("Hit") • **JOE JACKSON** ***Laughter And Lust - Live*** *(GB, 92, Warner)* O cantor e multinstrumentista britânico flagrado ao vivo em Sydney, Austrália, durante a turnê de lançamento do álbum homônimo • **GWAR** ***Phallus In Wonderland*** *(EUA, 92, Metal Blade)* Todo o circo de horrores de fantasias pré-históricas do grupo metaleiro, que vale mais pelas palhaçadas do que pelo som. *C.P.*

1	(7)	*Blood Sugar Sex Magik*	Red Hot Chili Peppers	Warner
2	(1)	*Achtung Baby*	U2	PolyGram
3	(3)	*Nevermind*	Nirvana	BMG-Ariola
4	(4)	*Tears Roll Down ..*	Tears For Fears	PolyGram
5	(10)	*V*	Legião Urbana	EMI-Odeon
6	(2)	*Metallica*	BMG Ariola	
7	(6)	*Ten*	Pearl Jam	Sony
8	(9)	*Use Your Illusion 2*	Guns N' Roses	BMG-Ariola
9	(N)	*Badmotorfinger*	Soundgarden	PolyGram
10	(N)	*Magic And Loss*	Lou Reed	Warner
11	(N)	*Roll The Bones*	Rush	PolyGram
12	(12)	*Greatest Hits II*	Queen	EMI Odeon
13	(N)	*Human Touch*	Bruce Springsteen	Sony
14	(4)	*Todo ao Mesmo Tempo Agora*	Titãs	Warner
15	(13)	*Doubt*	Jesus Jones	EMI-Odeon
16	(N)	*Lucky Town*	Bruce Springsteen	Sony
17	(16)	*Arise*	Sepultura	Eldorado
18	(N)	*Pintando o Sete*	Luiz Melodia	PolyGram
19	(R)	*F.U.C.K.*	Van Halen	Warner
20	(17)	*Use Your Illusion I*	Guns N' Roses	BMG-Ariola

1	(3)	*Ten*	Pearl Jam	Sony
2	(1)	*Nevermind*	Nirvana	BMG-Ariola
3	(2)	*Metallica*		PolyGram
4	(4)	*Fear of the Dark*	Iron Maiden	EMI-Odeon
5	(13)	*Facelift*	Alice in Chains	Sony
6	(12)	*Badmotorfinger*	Soundgarden	PolyGram
7	(R)	*Bandwagonesque*	Teenage Fanclub	BMG Ariola
8	(R)	*The Plague That Makes ..*	Infectious Grooves	Sony
9	(R)	*No More Tears*	Ozzy Osbourne	Sony
10	(5)	*Blood Sugar Sex Magik*	Red Hot Chili Peppers	Warner
11	(N)	*Supermercados Da Vida*	Barão Vermelho	Warner
12	(16)	*Prove You Wrong*	Prong	Sony
13	(N)	*RDP Vivo*	Ratos de Porão	Eldorado
14	(8)	*Achtung Baby*	U2	Polygram
15	(7)	*Wish*	Cure	PolyGram
16	(R)	*Tears Roll Down..*	Tears For Fears	PolyGram
17	(11)	*Joyride*	Roxette	EMI Odeon
18	(20)	*Magic And Loss*	Lou Reed	Warner
19	(N)	*Vulgar Display of Power*	Pantera	Devil /Warner
20	(10)	*Up*	Right Said Fred	BMG-Ariola

1 Sonic Gone All Billy Ray Cyrus Mercury
2 Totally Krossed Out Kris Kross Ruthless
3 MTV Unplugged EP Mariah Carey Columbia
4 Blood Sugar Sex Magik Red Hot Chili Peppers Warner
5 Ten Pearl Jam Epic
6 Ropin The Wind Garth Brooks Liberty
Acoustic Def Leppard Mercury
8 Shadows And Light Wilson Phillips EMI
9 No Fences Garth Brooks Liberty
10 The Southern Harmony And Musical Companion The Black Crowes Def American

1 Baby Got Back Sir Mix-A-Lot Reprise
2 I'll Be There Mariah Carey Columbia
3 Under The Bridge Red Hot Chili Peppers Warner
4 If You Asked Me To Celine Dion Epic
5 Dance With Him Vanessa Williams Wilhelmina
6 Achy Breaky Heart Billy Ray Cyrus Mercury
7 Jump Kris Kross Columbia
8 Tennessee Arrested Development Chrysalis
9 My Lovin (You're Never Gonna Get It) En Vogue EMI
10 Waiting On A Star The Lovin' Girls Epic

1 Mariah EMI Latina
2 Wish The Cure Fiction Elektra
3 Between 78th and 79th The Charlatans UK Beggars Banquet/RCA
4 Nanny's Dead The Jesus And Mary Chain Reprise
5 Holy Smoke Peter Murphy Beggars Banquet/RCA

1 Back To Front Lionel Richie Motown
2 The One Elton John Rocket
3 The Greatest Hits Rod Stewart Warner
4 Completely Hooked The Best of Dr. Hook Dr. Hook Capitol
5 The Legend The Essential of Joe Cocker PolyGram
6 The Three Tenors Three Greatest Hits Alexander O'Neal Epic
7 Stars Simply Red Elektra
8 The Complete Tom Jones Tom Jones Telstar
9 Back Street Richard Marx Capitol
10 Real Love Lisa Stansfield Arista

1 Alive Enough (EP) Erasure Mute
2 I'll Be There Mariah Carey Columbia
3 Honeyed Richard Marx Capitol
4 Heartbeat Nick Berry Interfisa
5 Something Good Utah Saints ffrr
6 Disappeared Electribe Parophone
7 Please Don't Go KWS Network
8 Too Funky George Michael Epic
9 It Only Takes A Minute Take That RCA
10 One Shining Moment Diana Ross EMI

1 Shhh Chumbawamba Agit Pop
2 Dry P.J. Harvey Too Pure
3 Seattle The Singles Box Golden Shuttle Elektra
4 The Fairscapes Creation
5 Fungi Stereolab Too Pure

Listas compiladas: Coqueiro Discos (BH), Pop Store e Shallom (Porto Alegre), Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba), 220 Volts (Campinas), Barroso Arte, Bossa Nova, Devil Discos, Mundial Disc, Wonderland e Vice Boy (São Paulo) em 08/01/93.

Enviar sua participação é importante! Escreva para BIZZ - Parada dos Leitores - Av. Nações Unidas, 5.777, CEP 05479 São Paulo, SP, durando quase os meses que você tempo esse mês. Se possível, acrescente seu telefone para que voltemos a conversar quando necessário.

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA), de 30/1/93 a 20/2/93. Melody Maker, New Musical Express e Music Week (GB) de 2/1/93 a 16/1/93. Para a Parada dos Leitores foram consideradas as cartas recebidas até 08/01/93.

LETRAS

OUTSHINED

(Chris Cornell)

Polydram

I got up feeling so down
I got off being sold out
I've kept the movie rolling
but the story's getting old now, oh yeah

I just looked in the mirror
and things aren't looking so good
I'm looking California
and feeling Minnesota, oh yeah

So now you know who gets mystified (2x)

(refrão)
Show me the power, child
I'd like to say that I'm down on my knees today
yeah, it gives me the butterflies
gives me anxiety
and I'm up on my feet again

Hey, I'm feeling, I'm feeling
outshined, outshined, outshined, outshined
oh yeah mmm oh-oh-oh-oh-oh-oh

Someone get the dogs out
they'll show you where the truth is
the grass is always greener
where the dogs are shedding, oh yeah

Well, I'm feeling that I'm sober
even though I'm drinking
and I can't get any lower
still I feel I'm sinking

So now you know who gets mystified (2x)

(repete refrão)

I'm feeling, I feeling
outshined, outshined, outshined, outshined
mmm oh yeah mmm, outshined, oh-oh-oh-oh-oh
so now you know who gets mystified
I, I, I, I, I'm feeling outshined

(repete refrão)

I'm feeling, I'm feeling

(repete refrão)

I'm feeling, I'm feeling
outshined, outshined, outshined, outshined

OFUSCADO

Acordei me sentindo tão deprimido
Fiquei feliz de estar sendo vendido
mantive o filme rodando
mas a história está ficando velha agora, oh yeah

Acabei de me olhar no espelho
e as coisas não estão parecendo tão bem
estou parecendo Califórnia
e me sentindo Minnesota, oh yeah

Então agora você sabe quem fica matificado (2x)

(refrão)
Mostre-me o poder, criança
eu gostaria de dizer que estou de joelhos hoje
yeah, isso me deixa nervoso
me revolta
até eu ficar de pé novamente

Ei, estou me sentindo, estou me sentindo
ofuscado, ofuscado, ofuscado, ofuscado
oh yeah mmm oh-oh-oh-oh-oh-oh

Alguém traga os cachorros para fora
eles te mostrarão onde a verdade está
a grama sempre é mais verde
onde os cachorros estão largados, o yeah

Bem, estou sentindo que estou sóbrio
embora eu esteja bebendo
e não consigo ficar mais para baixo
ainda assim, sinto que estou afundando

Então agora você sabe quem fica mistificado (2x)

(repete refrão)

Estou me sentindo, estou me sentindo
ofuscado, ofuscado, ofuscado, ofuscado
mmm oh yeah mmm, ofuscado, oh-oh-oh-oh-oh
então agora você sabe quem fica mistificado
eu, eu, eu, eu, eu estou me sentindo

(repete refrão)

Estou me sentindo, estou me sentindo

(repete refrão)

Estou me sentindo, estou me sentindo
ofuscado, ofuscado, ofuscado, ofuscado

SOUNDGARDEN

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

SET
Cinema e Video

SET 1000 VIDEOS
Seleção dos Melhores Videos

AÇÃO GAMES
O mundo dos Games

FLUIR
Surf

CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventura e Ecologia

BOA FORMA
Ginastica, Esporte e Saude

SAUDE É VITAL
Prevenção e Saude

CARICIA
Comportamento Jovem

HOROSCOPO
Astrologia

ASTRA
Esotersmo

FAMA
Musica e Idolos

CONTIGO
Atualidades - TV

NOSSOS ENDEREÇOS

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

São Paulo: Av. Nações Unidas, 8777 CEP 05479000 Tel: (011) 813-9155 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º and. - s/1533/34 - Centro - 20020 - Fone: (021) 532-3013 - Fax: (021) 532-1486 - Rio de Janeiro - RJ
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7651
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 2403 - New York, N.Y. 10165 - Phone: (001)(212) 557-5990 - 5990 - Telex: (06) 237570 - Fax: (001)(212) 983-3672
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris - Phone: (00.331) 42 66 33 18 - Telex: (0042) 640731 ABRILPA - Fax: (0033-1) 42 66 1199
Belo Horizonte: M.A.M. Publicidade e Repr. Ltda. - Rua Timbiras, 1560-1094 - Ed. Cey Cyrela Barro de Lourdes - 30140 - MG - Fone: (031) 224-9534 - Fax: (031) 226-2058
Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SCS Ed. Venâncio III - s/1202 - CEP 70300-OF - Fone: (061) 223-2134 - Fax: (061) 225-3044
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre - RS - Fone/Fax: (051) 223-9526
Florianópolis: R. José Cândido da Silva, 264 - ap. 03 - Estreito - SC - 88075 - Fone: (0482) 44-8224
Curitiba: R. Cândido de Abreu, 140 - cj. 1008 - 80430 - PR - Fone: (041) 234-0430
Joinville: Rua Bahia, 163 - 89200 - SC - Fone: (041) 33-6186

BIZZ
ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte Tel. (031) 226-7007
Brasília Tel. (061) 321-8855
Curitiba Tel. (041) 252-5666
Florianópolis Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza Tel. (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 221-41.7
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro Tel. (021) 29[illegible]44
Salvador Tel. (0[illegible]
São Paulo Tel. (011) 8[illegible]422

Ou escreva para:

Editora Abril
[illegible]
Rua da Consolação, 789 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha abaixo e [illegible] o endereço e envie-o. A Editora Abril [illegible] uma única vez o endereço de onde [illegible] Quaisquer [illegible] a chegar em seu novo endereço [illegible] semanas após recebermos o seu pedido.

BIZZ 85

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome

Nome

Código de assinante

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço

Bairro

Cidade

CEP

Estado

Tel.

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Celso de Sales Filho
Editor Assistente: Camilo Rocha
Editor de Arte: Richard Neves
Redator: Rogério de Campos
Repórter: Carlos Eduardo Miranda
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Diagramador Sênior: Renata Vada
Diagramador: Antônio Fernando Morra
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos (Londres), José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores Texto: Arthur G. Couto Duarte, Belo Guimarães, Cássia Lopes, Evil Otto, Fábio Massari, Gilson Fernando de Rosa Hagymenon Brito Nogueira, Jean Yves de Neufville, Jimmie Joe, João Marinheiro, João Ricardo Lima, José Júlio de Ebrário Sanos, Leandro D. Fortino, Luis Cláudio S. Gamito, Luiz Henrique Romagnoli, Marisa Adan Gil, Mauro Bering, Otavio Rodrigues, Rene Ferri **Fotografia:** Angelo Pastorello, Chico Prata, J. Santana, Priscila Farias, Ricardo Siqueira, Rui Mendes

PUBLICIDADE

Diretor: Rogério Rafael
Gerente: Alice Machado
Supervisores: João Jorge Hangel, Oscar de Oliveira
Contatos: Antonio Fernando Rocha, Vanda Tania Mahana (agências); Ana Maria Lobo, Cláudia Freitas, Marcelo Calado, Maria Teresa Barreto, Marilu Hindi, Nadia Lappas, Patrícia Juaez (diretos), Lidia Camargo (RJ)
Marketing Publicitário: Maria de Moraes
Coordenadores: Igor Arruda, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mendez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Arienzo
Gerente de Promoções: Sandra Gallo

Azul Press Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rosiane Gonçalves Costa
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Lúcia de Lima Dória Castello

BIZZ 85 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. São Paulo. Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 8777 - CEP 05479900 - tel. (011) 211-7866 - Caixa Postal 66.294 - CEP 05389-970 - Telex (011) 83.715 - fax (011) 813-2115 **Telegramas:** Editabril Rio 999 **Rio de Janeiro:** R. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - s/1533/34 - CEP 20020 - tel. (021) 532-3013 - Telex (021) 36890 - fax (021) 532-1468 **Telegramas:** Editabril Rio 999. **Distribuidor em Portugal:** Dinap - Distribuidora Jardim de Publicações Ltda. - Quinta Pau Varela - Armazém dos Fetais, 2685 - Camarate - Lisboa. **Assinaturas:** valor de cada publicação para número de edições anuais. A Editora Azul garante aos assinantes desta publicação que o atendimento na entrega dos exemplares será sempre feito com pontualidade. Caso isto não venha a ocorrer, mesmo assim, pedimos a gentileza de nos comunicar o ocorrido, para providenciarmos a regularização em nosso cadastro. Os preços para assinaturas e correspondência aos exemplares atrasados não poderão ser reajustados posteriormente à data de sua compra. Em caso de mudança de endereço, solicitamos comunicar-nos com 30 dias de antecedência, para que a remessa não sofra solução de continuidade. Não nos responsabilizamos por exemplares extraviados após a data provável de entrega. Para reclamações, queira dirigir-se à Editora Azul, ou pelo telefone (011) 211-7866, das 8 às 18 horas. Não serão atendidas reclamações após 90 dias da data de postagem. Os números anteriores de BIZZ, quando disponíveis, poderão ser adquiridos diretamente na Editora Azul ou pelo reembolso postal. Os anúncios veiculados nesta revista são de exclusiva responsabilidade das empresas que pagam para fins exclusivos de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com um dos Centros de Atendimento ao Assinante. Suas reclamações constam desta revista. **Circulação** desta revista: **agosto/92. Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou diretamente das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações. São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER

Fotolito: Fotoline Ltda.
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

Adoro a matéria do Rush na edição 83. Grupos como Black Sabbath, Led Zeppelin e o imortal Pink Floyd com 20, 25 anos de experiência e que fazem parte da história, saberão realmente fazer música. Não são esses grupos de hoje em dia, muito comerciais e sem consistência.

Gustavo Luiz Buchele
Curitiba/PR

Estou escrevendo para enviar um recado ao leitor Adenor Prêlio que, na BIZZ de maio, escreveu: "A Legião Urbana continua sendo a maior banda do Brasil - exatamente por serem músicos autênticos, que não abrem mão da simplicidade de um rock primário, sem pretensões 'Rushianas'".

O leitor que perdoe (também gosto da Legião), mas eu como músico posso dizer que a simplicidade dos arranjos da Legião é da incompetência técnica de seus "tocadores" - pois instrumentistas são Neil Peart, Geddy Lee e Alex Lifeson - jamais poderão ter pretensões Rushianas, pois isso só é possível para quem toca de verdade. Que tal você (que deve estar ouvindo música agora e não sabe nada) comprar alguns álbuns do Rush? Experimente o *Permanent Waves* (80) *Hemispheres* (78), *Farewell to Kings* (76), *Moving Pictures* (81) ou algo menos complicado para seus ouvidos de leigo, como *Presto* (88) ou *Roll the Bones* (91). É isso, Adérico, aprenda antes de falar bestera! Ouça música.

Edson C. dos Santos
Sao Paulo/SP

Finalmente! Depois de cinco anos e pouco de devoção a esta subestimada revista, vocês colocaram a melhor banda do universo (ou pelo menos deste planeta medíocre) na capa: o Rush. E não foi só isso. Começou excelente pelo texto da primeira página, que colocou as coisas em seus devidos lugares. Seja lá quem for que escreveu, devia ganhar um Nobel de literatura. O texto da página 31 redigido pelo sr. Cassio Leite deixou as expectativas, principalmente os três primeiros parágrafos, que ilustram bem o buraco negro onde o rock atual se enfiou; caras, bocas, poses e distorção. A qualidade que é bom foi para o vinagre. Mas cada um ouve o que quer e se quiser gastar tempo e dinheiro com Skid Row, Guns N'Roses e bobagens afins, que gaste. Só que é preciso educar estas ostras para o rock bem-feito, bem-tocado e oriundo de bandas como o Rush. Uma banda que criou uma sonoridade própria e elaborada, que nunca deixou de ser atual. Talvez o maior mérito da reportagem seja mostrar a uma geração analfabeta musicalmente que ainda existem bandas que se preocupam com a qualidade e não precisam criar uma imagem de "moças garotos" ou de troques pubblcitários para fazer sucesso.

Gostaria de dar umas informações adicionais e corrigir uns errinhos no texto do Cássio Leite.

1) na página 37, 2º parágrafo, ele embaralhou um pouco as coisas. A música "Xanadu" não é do álbum *Hemispheres* 78, e sim do *A Farewell to Kings* (77) e não é continuação de música nenhuma. "Eggnus X-1..." não é o verdadeiro nome de nada. De onde surgiu este "Eggnus"? Melhorando um pouco as coisas, talvez o texto se referisse à música "Cygnus X-1 Book Two - Hemispheres" do álbum *Hemispheres* que é uma continuação da "Cygnus X-1 Book One - The Voyage" que fecha o álbum A Farewell to Kings.

2) Segundo me consta (posso estar errado), John Rutsey deixou o Rush pelas famosíssimas "divergências musicais". De acordo com que li, na época de Alex: "Ele estava querendo um rock mais bruto, e Geddy e eu algo mais progressivo". Nada de doença, portanto.

3) O nome da música do álbum *Roll The Bones*, citada no último parágrafo da página 37 é "Where's My Thing?" uma instrumental. Recebeu o subtítulo de "Part IV, Gangster of Boats Trilogy". Esta "contagem-regressiva" nas sequências das músicas lembra a da sequência "Fear", iniciada com "Witch Hunt" (parte 3) do *Moving Pictures*, seguida de "The Weapon" (parte 2) do *Signals* e finalizada com "The Enemy Within" (parte 1) do *Grace Under Pressure*. Uma maravilha para os fãs, já que dá para chutar mais uns três álbuns para o Rush, na certeza. Tomara que façam mais uma vinte.

Agora, é só ficar esperando que o *Moving Pictures* apareça na Discoteca Básica da BIZZ. No mais, gostaria que publicassem meu endereço para correspondência com outros fãs do Rush: Rua João Carlos de Souza Castro, 685, Guabirotuba, CEP 81520290.

Luis Daniel W. Guilherme
Curitiba/PR

Parabéns pela brilhante capa e matéria do Rush. Alguém tinha que publicar algo grande para o super Rush, banda que vem há 20 anos evoluindo e tocando cada vez melhor. Esse alguém tinha que ser a BIZZ. Uma revista que, como o Rush, vem evoluindo através dos seus oito anos. As fotos estavam ótimas, principalmente a do grande Neil Peart, o melhor baterista de todos os tempos.

Parabéns a Cassio Leite, que como eu é baterista e fissurado na bateria supersônica de Peart.

Fica apenas uma pequena retificação. "Xanadu" é do LP *A Farewell to Kings* (77) e "Cygnus X-1 Book II" é de *Hemispheres* (78).

Gostaria de deixar registrado o fã clube do Rush que eu presido. Fã Clube Rush, Av. Sete de Setembro, 3097, apt° 301, CEP 40130.

José Humberto Miranda
Salvador/BA

Cassio Leite e equipe

Tudo OK? Antes de mais nada, quero parabenizar toda a equipe de redação da revista BIZZ pelo ótimo trabalho feito pela música, e até que enfim, depois de tanto tempo, fazerem uma outra matéria da banda Rush. Como colecionador há uns dez anos e fã incondicional, não poderia deixar de registrar estes agradecimentos a todos.

Possuo um vasto material incluindo pôsters, reportagens desde o Brasil ao Japão, vasto material fotográfico, toda a coleção importada contendo todas as letras traduzidas, piratas, material promocional e acerto do fã clube oficial da banda, Rush Backstage Club etc.

Gostaria muito de entrar em contato com pessoas que possam ter material para trocar! Possuo também vários vídeos, incluindo para tais e clips.

Corrigindo uma pequena falha: "Xanadu" é do LP *Farewell to Kings* e não de *Hemispheres*. Não tem nada a ver com pentagrama e sim com uma "ilha paradisíaca" onde se encontrava um "leite paradisíaco" e outras lindas orientais. "Cygnus X-1 Book One The Voyage" é do LP *Farewell to Kings* e "Cygnus X-1 Book II" do *Hemispheres*; e para completar Neil participou do LP do baixista Jeff Berlin, *Champion*.

Para maiores detalhes ou informações, podem escrever-me que estou à disposição com toda a coleção aberta para vasculharem. Valeu pela força e gostaria muito de poder ampliar meus conhecimentos da banda e material.

Um grande abraço a todos e longa vida ao Rush e a todos que se proponham a enriquecer este tão desgastado rock nacional!

Marcos Faber
São Paulo/SP

Vocês foram responsáveis pelo fato mais incrível e inesperado do ano: Rush na capa da revista.

Olha, eu nunca pensei que fosse mandar uma carta para vocês, mas essa foi demais. Pô, eu sou jovem (17 anos), curto rock desde os 12 anos e, porra, tudo bem, eu também curto Joy Division, Velvet, Ramones, New Order, Robert Johnson, Live (já ouviram falar?) Bob Marley, Sepultura, Red Hot, MC5, Doors, Iron Maiden, U2, Kraftwerk, Midnight Oil, Black Sabbath, Soundgarden, já encheu o saco, né?), bem, aí eu pensava e não entendia o que é que eles (vocês da BIZZ) queriam?

Criatividade, Personalidade, Energia e Inovação.

Caralho, eu curto tudo o que eles curtem e curto o Rush, por que eles não curtem? Só porque eles fazem um som progressivo (rótulo e som - às vezes - idiota). Enfim, tudo que o Rush tem (claro que com um certo ruidosismo) coisa que vocês execram e eu também, na maioria das bandas, ou melhor, vezes e não sou nada com o tal Rush.

Ai saiu a BIZZ de junho com o Rush na capa. Bicho, não tem qualificação (assim como o próprio Rush). Por favor, gente, os caras são bons (não estou falando em termos de técnica, não, que a BIZZ os taxa do que detesta, progressivo salvo Pink Floyd). Mas, sim, a BIZZ trocou os caras na capa.

Não vou citar as qualidades de Alfesm e Peart, pois sinceramente [illegible] acho necessário.

Considerações gerais (ou será finais):

Cássio Leite, a reportagem ficou perfeita.

Antes que eu me esqueça: "Xanadu" é do LP *A Farewell to Kings*. Só fico triste porque sei que leitores cabeça-de-vento vão malhar nas cartas (espero que não), pois são como eu pensava que a BIZZ era (deu para sacar?). Mas tudo bem, rock também é divergência.

Desculpe ter colocado tantas frases entre parênteses (mas era preciso).

Algumas dúvidas: Há possibilidade de sair algum disco do Rush na Discoteca Básica (desculpe a pretensão)? Vocês foram sensacionais. Valeu, BIZZ, muito obrigado.

Fernando Coelhodos Santos Jr.
Maceió/AL

Queridos irmãos da BIZZ e baqueteiro Cássio Leite, venho por meio desta carta retratar sobre um assunto puramente humanístico (?) - música, conforme a matéria que retrata o Rush, "a viagem de 20 anos", a qual, sinceramente, pessoal, e incrivelmente trágica!

Em toda matéria brasileira que tive em relação, desde dos anos 70, sobre o Rush sempre destacam elogios x detalhes x competência.

Detalhes: o tipo de papel usado foi a primeira impressão de decadência, fotos horríveis (de dar medo, até capas em detalhes, de discos em ordem cronológica em preto e branco?

Avistem as matérias anteriores, prestem atenção na qualidade!

A foto promocional do Pearl Jam? Não é bem feita? E a do "cabra safado" *Faceless* excelente preto e branco em cruzes... 100%. Ratos do Porão, um azul lindíssimo, o disco em destaque. Até o preto e branco do Black Sabbath é inveja vel. A matéria do rock inglês. Lush, realmente muito bonito... Enquanto isso, páginas após, Rush: parece ter até dois anos de carreira. Não tinha fotos mais antigas? O passado vem e foi depressa, ainda mais se tratando dos big instrumentistas futuristas, como o Rush sempre foi e será, sem acender velas ou incensos. Sem revelar idades, guitarras (especificações técnicas), morais do que pessoa, e que viria... talvez que, é algo em torno de uma heresia, ateísmo, ou estrelas no buraco da bateria ou paixão política de um ser qualquer... deixa quieto, farzão!

Elogios: Tão bem elaborados no início, mas sempre com uma crítica no final da oração. Qual é o seu tambor, irmão?

Se você, Cassio, não quer que outros fiquem mal, não comente isso em plena consumação.

O Rush é um bom exemplo de se gostar do que faz, e o trabalho que exerce perante à sociedade, encabeça como coisas completamente diferentes, um Estilo na razão infinita.

Trabalho, pesquisa, partitura palco e privacidade mais a imagem que isso propõe são elementos essenciais e interamente, infinitas de diferenciações.

Competência: Cassio, se você, ou outro qualquer, tem certa afinidade com um objeto prático, em que tal como sustento, lazer, ou simplesmente desafio premeditado de sua mente, poupe suas energias, pois você precisa de um analista.

Não tinha outra alternativa, a não ser de próprio punho, pois minha máquina elétrica, quebrou! Justamente pela matéria desta revista chamada BIZZ. Nunca mais lerei ou escreverei para esta revista BIZZ, pois não tenho tempo para trocar figurinhas com um álbum rasgado!

Não publiquem esta carta, pois não quero ocupar espaços de outros ignorantes. Vocês são o Passado! Está na hora de morder o amago! Adeus.

Hamilton
Praia Grande/SP

Agradeço à revista BIZZ por ter feito uma matéria que já devia ter sido publicada há muito tempo, sobre o Rush (a melhor banda do universo). Sem querer, os realizadores desta matéria cometeram alguns erros: 1) o Rush não foi formado em 1969 e sim no final de 1968, e a sua primeira formação não contava com a participação de Geddy Lee, e sim de Jeff Jones, que tocava baixo e cantava. John Rutsey saiu da banda porque não gostou das novas composições (de *Fly By Night*) 2) "Xanadu" não pertence ao disco *Hemispheres*, e sim ao *Farewell to Kings*; também não é a continuação de "Cygnus X-1", pois sua continuação chama-se "Cygnus X-1 Book II" - *Hemispheres* 3) *Presto* é o primeiro disco da quarta fase do Rush. Fora isso, a matéria foi perfeita. Muito obrigado.

Marco André da Silva Rodrigues
Porto Alegre/RS

Cassio Leite Vieira responde:
Primeiramente, desculpem-me pela cagada geral. Os que me corrigiram quanto "Xanadu" e "Cygnus X-1" têm razão. Perdão, galera. "Eggnus X-1" foi erro de digitação, igual ao que transformou a bateria Tama (com "m" de macrera) de Peart, em Tuca mas tudo bem. Os problemas de saúde de Rutsey são citados como motivo de sua saída no verbete relativo ao Rush da Penguin Encyclopaedia of Popular Music. E todas as biografias dão 1969 como data de formação da banda. Confirm. O Peart também aparece tocando jazz com uma big band, em um dos vídeos - se não me engano o terceiro da série -, do Buddy Rich Memorial Scholarship Concert.

OS MAIORES ASTROS DO ROCK
EM FOTOS ALUCINANTES!

INCLUINDO
U2
RED HOT CHILI PEPPERS
BON JOVI
O ROCK FALANDO SUA LÍNGUA
REVISTA BIZZ
LETRAS TRADUZIDAS
NAS BANCAS
EDITORA AZUL

JERRY LEE LEWIS
THE ESSENTIAL ONE & ONLY JERRY LEE LEWIS (1989)

Um minuto e 51 segundos. Foi o tempo que Jerry Lee Lewis demorou para contar certo por teclas tortas toda a história do rock'n roll em "Great Balls Of Fire", o maior manifesto definitivo da música pop. Martelando seu piano, ele tornou-se o "Killer" (assassino) que matava seus milhões de fãs com bolachas de menos de dois minutos. Porém, não há um álbum que contenha todas as obras-primas desse filho de Ferriday, na Louisiana, e aqui as coletâneas são violências necessárias para se conhecer toda a extensão de suas loucuras.

The Essential One & Only Jerry Lee Lewis é uma das várias compilações com o melhor do estuprador de pianos, abrangendo material de 56 a 62. Óbvio: como ele sempre foi incomparável, qualquer uma delas teria suas ausências, aqui plenamente compensadas pelos vinte pérolas de Jerry Lee. Melodias que duravam menos que um beijo e traziam o dinheiro que caía pelas suas calças justas nos primeiros acordes da indústria do rock. Que ganhou muito com ele, mas só retribuiu com alguns discos de ouro.

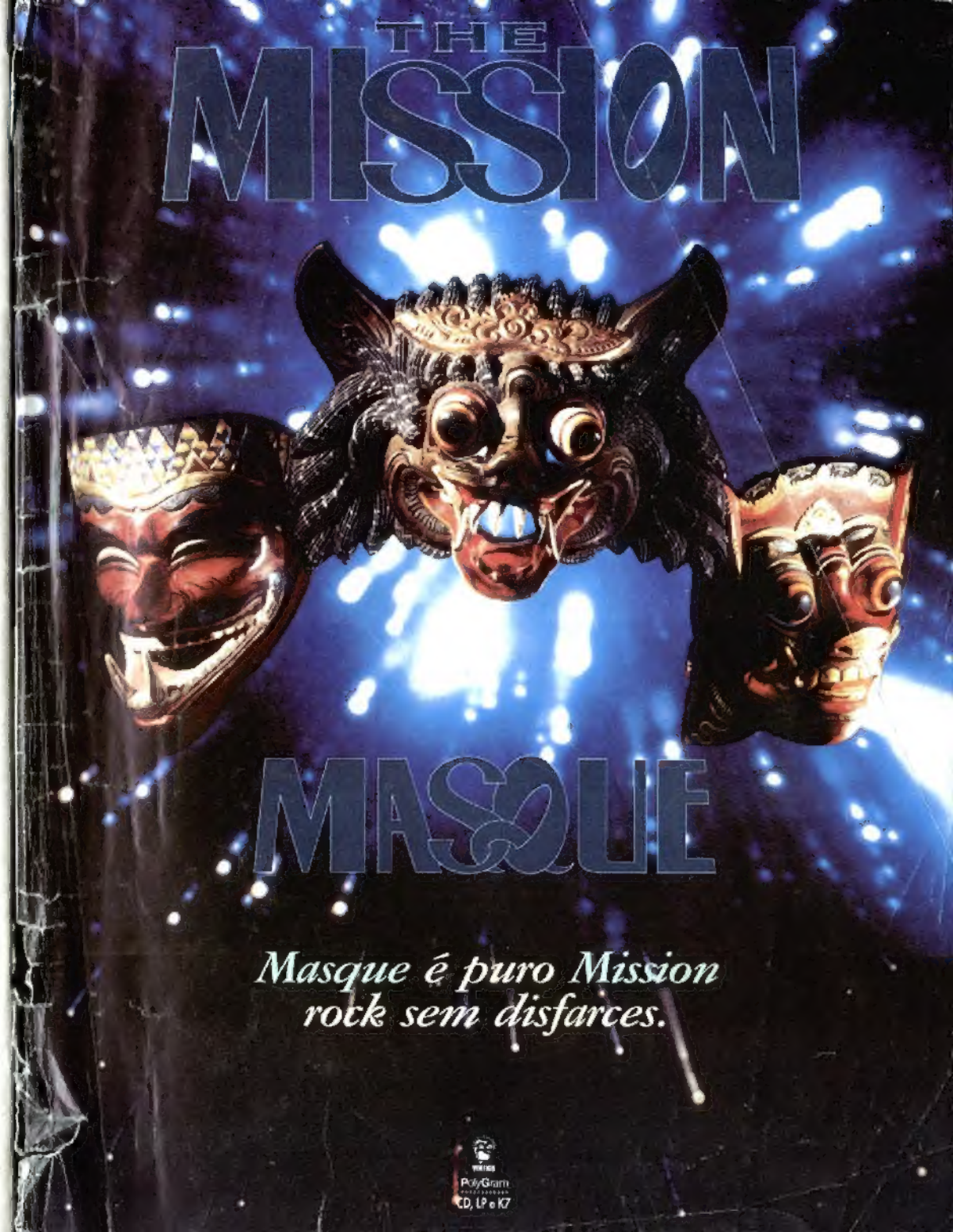
Mas o verdadeiro toque dourado estava na revolução de "Great Balls Of Fire". Otis Blackwell e Jack Hammer escreveram a canção para a fúria profana de Jerry Lee. As lambadas demoníacas que extraía do piano levaram o seu primo – o pastor televisivo Jimmy Swaggart – a perguntar "como estaria a alma de Lewis?". Ele respondia à sua maneira: acelerando o Cadillac branco pelas ruas de Memphis e assobiando "Breathless".

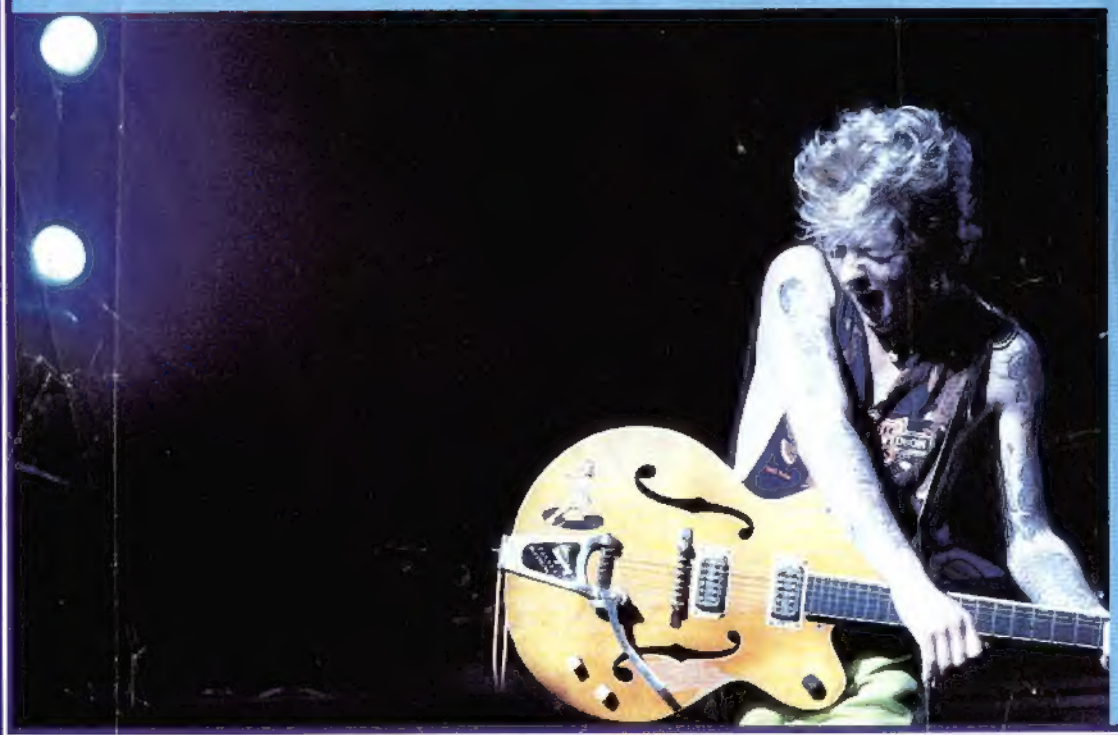
Seu primeiro compacto, "Crazy Arms", foi gravado em 56 no mágico estúdio de Sam Phillips, naquela cidade. Na mesma gravadora Sun, onde pouco antes garotos como Elvis Presley, Johnny Cash, Roy Orbison e Carl Perkins revelavam o rock'n'roll. Os "braços loucos" de Lewis era um r&b com sotaque country. A canção não chegou a parada alguma, nem mesmo às especializadas em country, por ser considerada "muito vulgar" pelo gosto médio americano.

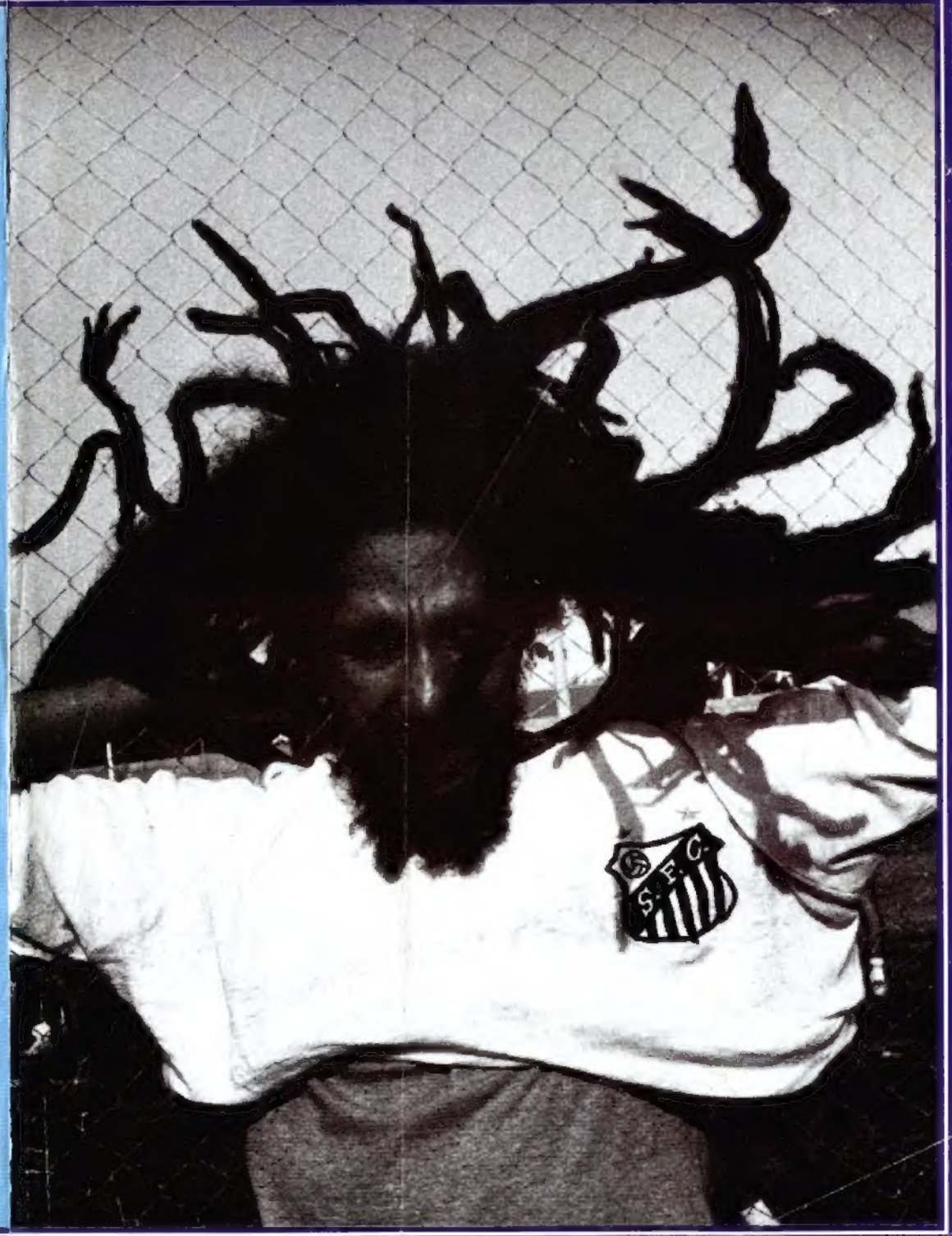
Mas com "Whole Lotta Shakin' Goin' On", seu segundo single, a história foi diferente: com um minuto a mais do que as "grandes bolas de fogo", a canção vendeu seis milhões de cópias nos EUA, em 57. Primeiro lugar na parada de country'n'western, terceiro na de pop, o disco ficou trinta semanas nas listas dos mais vendidos.

"Great Balls Of Fire" (o terceiro compacto) repetiu a dose, bem como "Breathless", "High School Confidential" e outros incontáveis hits ao longo de sua carreira, celebrizada pelo diretor americano Jim McBride no filme *Great Balls Of Fire* (89), com Dennis Quaid no papel de Lewis e o próprio regravando alguns de seus sucessos na trilha sonora.

Jerry Lee escancarou as portas do mercado fonográfico ao subvertê-lo. Queriam mais um guitarrista: ele era um pianista de dedos cheios. Alegre e sensual como o rock'n'roll. Ao tocar seu instrumento, o "Killer" sugeria algo que fosse feito com a amante. Nos momentos mais alucinados, poderia fazer Elvis parecer um escoteiro ajudando uma mãe americana a atravessar a rua. Afinal, ninguém cantava e tocava como ele pecava. *MAURO BETING*





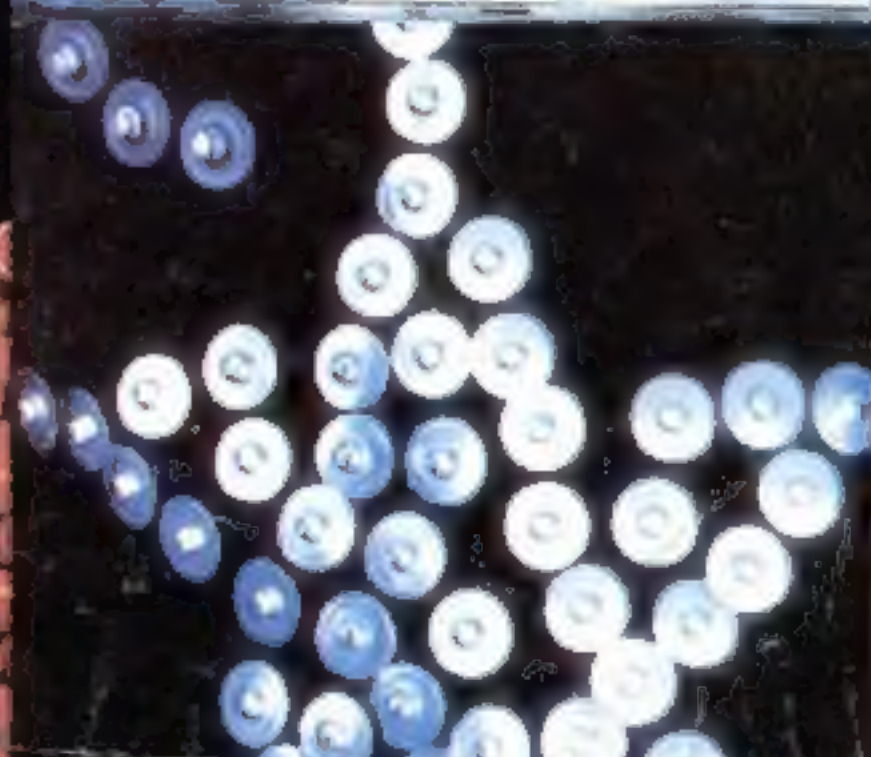


ACHTUNG
der U2 ist jetzt gold wert

OU EM PORTUGUÊS BEM CLARO:

Atenção, o U2 agora VALE OURO

ACHTUNG BABY,
MAIS DE CEM MIL CÓPIAS
VENDIDAS NO BRASIL.

PolyGram

ISLAND